

volume V

(D)EFICIÊNCIAS E
PRECONCEITO

(In)visibilidades da deficiência
no cinema

FÁTIMA ELISABETH DENARI

[organizadora]

**(D)eficiências e Preconceito
(In)visibilidades da deficiência no cinema**

Vol. V

Fátima Elisabeth Denari
(Organizadora)

(D)eficiências e Preconceito
(In)visibilidades da deficiência no cinema

Vol. V

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Fátima Elisabeth Denari [Orgs.]

(D)eficiências e Preconceito (In)visibilidades da deficiência no cinema. Vol V. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 180p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-512-7 [Digital]

1. Deficiências. 2. Preconceito. 3. Sexualidade. 4. Cinema. 5. Corpo. I. Título.

CDD – 150

Capa: Petricor Design

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Sumário

Parteando o esperançar	7
A luta continua: além do preconceito	9
Elisa Azucena Rodríguez Pérez Pâmela Suelen Galego	
Em busca da vida plena e do amor: análise do filme <i>Simples como Amar</i>	25
Fernanda Cristina de Souza Mozetti	
Sexualidade e deficiência: uma análise a partir da série <i>Special</i>	37
Luiz Fernando Zuin Fátima Elisabeth Denari	
<i>Crip Camp: um recorte sobre lutas, direitos e inclusão</i>	57
<i>Aline Sordi</i> <i>Priscila Silveira Soler</i>	
A sexualidade na deficiência: simples como amar	71
Lucas de Moraes Negri Fátima Elisabeth Denari	
“Ferrugem e osso”: uma análise	85
Bruna Poliana Silva Melina Radaelli Gatti	

Práticas inclusivas: um caminho para superação da estigmatização de alunos com deficiência	101
Milena Lucania de Freitas Talissa Lopes Ferreira	
Pessoas em situação de deficiência: vida independente, relações afetivas e estigma	123
Josiane Fernanda Covre	
<i>Temple Grandin</i>: protagonismo da mulher com TEA no cinema	139
Isabella Mota Colombo	
Da <i>confissão</i> ao exercício do <i>governo de si</i>: entrecaminhos da sexualidade e afetividade como exercício humano	157
Gabriel Silva Xavier Nascimento João Vítor de Araujo Lima	

Partejando o esperançar

Vamos falar sobre a simbologia das coisas. Não, este livro não é sobre isso (ou é exatamente sobre isso?). Conheço o processo que o gestou: a “maiêutica em Fátima”. Na maiêutica em Fátima, a parteira, o parto e o nascimento, são signos. À parteira compete assistir a(o) gestante durante o pré-natal e o parto natural; e, prestar cuidados à parturiente, à puerpera (mãe/pai logo após o parto) e ao recém-nascido.

Eis que a senhora Fátima Denari (Fátima), uma parteira de mão cheia, conduz o processo em questão. Fátima, esta nota entre o Mi e o Sol (vermelho, como seus cabelos), durante o pré-natal, atua apresentando referências, provocando leituras, mediando diálogos, trazendo exemplos, quase que em um ritmo espontâneo. Por vezes isso inquieta as(os) gestantes.

Ora, médicos apresentam processos mais controlados e metódicos, estabelecem modelos, formatos e cronogramas rígidos. A parteira não. Sem pressupor de cesarianas, faz partos que, mesmo quando difíceis, não machucam irremediavelmente e não fazem gestantes temerem o ato de parir. Muito pelo contrário. Parturientes concluem o “parir” acreditando em seu potencial (já viu resultado mais bonito?). E é aí que está a simbologia da maiêutica, do processo conduzido pela nota entre o Mi e o Sol.

A maiêutica, ao ajudar a “dar à luz”, “dar parto”, “parir” o conhecimento daquele ou daquela que está grávida de saber, torna simbólico todo o processo de ensino e aprendizagem, porque faz puerperas e recém-nascidos representarem a esperança em novas gestações (neste tempo, como precisamos de signos de esperança de que parteiras, partos e gestantes vão continuar povoando o mundo).

Isto posto, descrevendo o simbolismo dos elementos associados com o processo, chega de metáforas (em minha primeira gestação, Fátima já dizia que exagero nelas). Vamos conhecer os recém-nascidos (opa, só mais essa, não resisti) em questão.

“(D) eficiências e preconceito. (in)visibilidade da deficiência no cinema”, é composto de 10 artigos desenvolvidos a partir da disciplina “Estigma e identidade da pessoa com deficiência: sexualidade, afetividade e deficiências”, do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos.

São artigos de leitura saborosa, com gosto de pipoca, Netflix e cinema, apimentados com análise, reflexão, objetividade, sensibilidade e crítica. Falam de filmes e séries que atingem milhares de pessoas e, por isso, dialogam tanto com o leitor com elevada formação acadêmica, quanto com o telespectador que se põe frente ao aparelho de televisão sem o compromisso com a reflexividade.

Não vou dar *spoiler*, mas destaco que a partir de autores (mestrandos e doutorandos) extremamente qualificados, com as mais variadas formações, são abordadas produções como a série “Special”, o documentário “Crip Camp: A Disability Revolution”, os filmes “As sessões” (The sessions), “Ferrugem e Osso”, “Como eu era antes de você” e “Temple Grandin”.

Estas produções são utilizadas para discussões complexas relacionadas com assuntos como a sexualidade da pessoa em situação de deficiência, os movimentos de vida independente, as práticas que se pretendem inclusivas, as definições de normalidade e anormalidade, os estigmas, estereótipos e preconceitos que permeiam a vida daqueles socialmente identificados como deficientes.

São artigos que, em si, representam belos símbolos de que sensibilidade e objetividade podem caminhar juntas na produção de conhecimento. A “Maiêutica em Fá” mais uma vez mostrou-se eficaz para fazer analisar, sentir e esperar. Boa leitura.

Prof. Dr. Franco Ezequiel Harlos
Instituto Federal do Paraná/Foz do Iguaçu

A luta contínua: além do preconceito

Elisa Azucena Rodríguez Pérez
Pâmela Suelen Galego

*“Deixe-me tocá-la com minhas palavras. Pois minhas mãos
ficam inertes como luvas vazias.
Deixe minhas palavras entrarem em sua mente carregando
tochas. Admita-os voluntariamente em seu ser. Para que
eles possam acariciar você, suavemente por dentro”*
Mark O’Brien

1. Introdução

A concepção do que é considerado diferente sempre existiu, em geral, a sociedade continua atribuindo valores aos ideais promovidos por muitos anos, deixando de lado aqueles que são considerados mais fracos ou que não se enquadram nos padrões de sucesso e beleza. Paradoxalmente, esse tipo de comportamento vai na contramão do desenvolvimento das sociedades. A história nos mostra como os avanços da humanidade só foram possíveis graças à união, principalmente com a participação daqueles grupos que buscam mudanças que vão além do que se estabelece como padrão ou é norma.

Nesse sentido, as pessoas com deficiência fazem parte desses grupos que são excluídos, porém, graças à representação e à união, direitos foram adquiridos. Não faz muito tempo, as pessoas com deficiência viviam reclusas em centros, onde não era permitido o exercício de outras atividades que não as dirigidas, seguindo um modelo puramente médico, no qual apenas se concebia a necessidade de reabilitação, sem considerar os aspectos sociais da participação que são essenciais para uma vida plena de cada pessoa.

Essas mudanças começaram graças a organizações como a União dos Deficientes Físicos Contra a Segregação (UPIAS, sigla em inglês de *Union of Physically Impaired against Segregation*) e o Movimento de Vida Independente da América do Norte (ILM, sigla em inglês de *Independent Living Movement*) que argumentaram que a deficiência não era um conceito meramente individual, mas estava relacionado ao meio social e ambiental, nesse sentido, a deficiência refere-se às restrições para o desempenho de uma atividade ocasionada pela organização social (HARLOS, 2011).

Esses movimentos tiveram ações organizadas por pessoas com deficiência, refletindo na linha de frente que havia um problema de marginalização por não permitir a participação social, até mesmo desafiando publicações científicas e livros que consideravam impossível para pessoas com deficiência o contato social. Esse tipo de união e ações, foi o início de uma luta que buscou modificar as barreiras sociais, físicas e econômicas a partir de um modelo social que exigia a reivindicação de direitos, ou seja, leis que combatiam a marginalização que as pessoas com deficiência institucionalizadas tinham na época.

À medida que os movimentos cresciam, mais pessoas com deficiência queriam fazer parte e adotar uma política compartilhada pela luta por direitos. Essa auto-organização desafiou os estereótipos e contribuiu para as mudanças, pois, de um lado, o modelo sociológico transformou a luta pelos direitos das pessoas com deficiência na medida em que ajudou a mudar paradigmas; por outro lado, contribuiu para trocar a visão sobre os direitos humanos, para combater os problemas enfrentados pelas pessoas com deficiência (SHAKESPEARE; WATSON, 1997).

Talvez o mais importante neste processo de luta, tenha sido a participação ativa das pessoas com deficiência: graças às suas vozes e união foi possível concretizar essas mudanças sociais e, pela primeira vez, foi permitido exigir direitos correspondentes e não apenas ser sujeito a olhares e concepções que os especialistas da área da saúde acreditavam ter.

O olhar sociológico, atento à construção de uma sociologia da deficiência emancipatória, com agenda e matriz teórica própria, pode constituir uma caixa de ferramentas para os estudos críticos sobre a deficiência na América Latina para combater a individualização da deficiência, enfatizam os diagnósticos abstratos de mudança de paradigma que abundam na área de especialistas e discutem os discursos que são miserabilistas e que criminalizam a dependência. Atentar para o mapeamento e análise dos processos de deficiência em nível local e como eles se internacionalizam com dinâmicas de classe, gênero, etnia, idade etc., pode gerar conhecimento social para acompanhar as lutas pelo reconhecimento das pessoas com deficiência no nível local, promover alianças com outras minorias e imaginar criativamente estratégias alternativas disruptivas para construir uma sociedade mais justa para todos (FERRANTE, 2019, p. 89)

No entanto, apesar dessas grandes mudanças de paradigma e de direitos conquistados, em muitas sociedades, especialmente na América Latina, ainda existe uma concepção de deficiência profundamente arraigada no passado, e continua associada à pobreza, isolamento e estigmatização. Em países como o Brasil com legislação extensa, alguns avanços podem ser vistos, porém, muitos desses direitos não alcançaram todos, especialmente os setores mais pobres, em outras palavras, a luta continua.

2. Vida independente e relações sociais

Anos atrás, quando as pessoas com deficiência levantavam suas vozes para conquistar seus direitos, havia um aspecto extremamente importante que se enfatizava, qual seja: ter a possibilidade de uma vida independente, com educação e trabalho, mas, sem deixar de lado variáveis fundamentais na vida de todo ser humano, as relações sociais. Isso significa ser capaz de viver uma vida adulta e quem quiser, ter uma família, fazer sexo e encontrar o amor.

No entanto, essas variáveis são diversas dependendo da cultura e para as pessoas com deficiência estão intimamente relacionadas à

concepção da deficiência, portanto, muitas vezes as experiências que vivenciam dependerão em grande parte do contexto social em que se encontram. Uma pessoa com deficiência pode ter maiores possibilidades de realizar novas atividades em espaços físicos adequados e em sociedades com ideais vinculados à inclusão.

No caso das relações sexuais, além de sua relação com os aspectos culturais, também está intimamente ligada às concepções e aos múltiplos tabus que existem no sexo, não apenas para as pessoas com deficiência. Em lugares mais conservadores, claramente, a influência será muito maior e é provável que seja mais difícil o desenvolvimento nesses ambientes.

Da mesma forma, reconhecendo que a sexualidade e a sociedade não podem ser separadas, neste sentido há uma generalização das variáveis sociais nas crenças, ideologias e comportamentos sexuais. Existe uma luta pelo poder, os grupos privilegiados geralmente são aqueles que decidem o que é certo ou não em relação à sexualidade (WEEKS, 2002).

De acordo com Foucault (1988), a sexualidade é um tipo de jogo de poderes e saberes, em que a disputa travada é contra algumas instituições de poder que operam e se estabelecem para disciplinar os corpos, administrar lugares e espaços para esses corpos. Dessa forma, as pessoas com deficiência física, cansadas de serem oprimidas e não serem capazes nem de tomarem decisões sobre seus próprios corpos, seguem reivindicando o exercício de uma sexualidade digna.

A aplicação do modelo social no sentido da sexualidade ainda está muito longe de ser realidade, e continua a ser uma luta. Assim, a sociedade muitas vezes não considera que as pessoas com deficiência física também tenham desejos sexuais, ou seja um aspecto importante, como na vida de qualquer adulto. Numa sociedade em que as aparências são tudo e existem diferenças físicas evidentes entre os corpos mais exercitados e os que não são considerados atraentes, para uma pessoa com deficiência física, está longe de ser apenas uma diferença visível, há a presença de

preconceitos e discriminações por aqueles que são considerados dentro do esperado.

A deficiência como uma 'construção sociocultural' que fixa determinados corpos como significantes universais de incapacidades físicas e sensoriais que se transmutam em incapacidades sociais. Nessa compreensão analítica, deficiência não é o resultado social imediato de uma disfunção orgânica e muito menos a condição naturalmente oposta às capacidades corporais e sociais 'normais'; deficiência é, em suma, produzida como um índice objetivo e simbólico de anormalidade na própria busca de determinar as normalidades funcionais do corpo humano (GAVÉRIO, 2017, p. 32).

Portanto, a luta por essas vivências é ainda maior quando nos referimos às pessoas com deficiência física, apesar do modelo social distinguindo entre o corpo e a deficiência, ou seja, lesão corporal não é o mesmo que deficiência, não é o dano ao próprio corpo que limita, mas o meio social que deve romper as barreiras para permitir um maior desenvolvimento.

Somados aos múltiplos preconceitos que podem existir no corpo da pessoa com deficiência, muitas vezes vistos como uma vergonha ou pouco atraente, as variáveis culturais, religiosas, econômicas e de espaço físico vão, claramente, influenciar a vida sexual da pessoa com deficiência.

O preconceito é um conceito que formamos anterior a nossa experiência e seus componentes básicos são atitude e desconhecimento concreto e vivencial de algo ou alguém, assim como de nossas próprias reações diante deles. Nas relações humanas, o preconceito se dá pela relação vivida com o estereótipo (personificação do preconceito) e não com a pessoa (AMARAL, 1998)

As principais características dos estudos de deficiência indicam uma diferença entre a deficiência e a lesão, o que não significa que estejam separados, mas se focar apenas na lesão uma parte importante e essencial das pessoas é ignorada. Por outro lado, remover barreiras pode não mudar tudo, mas fornecer e melhorar

os recursos muda totalmente a vida de uma pessoa, isso vale para todos, geralmente aqueles que nasceram em um lugar com melhores condições, podem conseguir melhores aproveitamentos. Da mesma forma, os estudos da deficiência não buscam identificar ou catalogar as pessoas com deficiência, mas sim a forma como são vistas e tratadas pela sociedade.

3. A luta continua

Tendo um referencial histórico sobre a luta das pessoas com deficiência pela conquista de seus direitos, consideramos importante nos aprofundarmos na questão da sexualidade, sendo conforme descrito anteriormente, uma variável fundamental para qualquer adulto, que precisa ser expressa e discutida devido à sua importância na luta por mudanças.

O tema que popularmente tornou-se um tabu, é ainda mais velado quando se refere às pessoas com deficiência. Há a criação de barreiras no exercício pleno de uma vida afetiva e sexual dos indivíduos marcados pela sua deficiência, revelando crenças e mitos dotados de preconceito definidos a partir de padrões culturalmente determinados como normas.

Da mesma forma, considerando que a elaboração de análises sobre sexualidade em pessoas com deficiência guarda relação direta com a construção histórica da deficiência, como limitação, carência, defeito ou deficiência funcional. A construção dos paradigmas envolvendo sexualidade e deficiência revela ideias cristalizadas e que são tomadas como regra, transformando limitações específicas em uma concepção de totalidade. As crenças sobre a sexualidade das pessoas com deficiências em geral, referem-se a um modo generalizado de ver o outro estigmatizado pela deficiência (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Neste caso, a partir de exemplos, que fazem parte daquelas vozes que, através da arte, procuram criar novos paradigmas, e colocam de lado as concepções generalistas, pretende-se realizar uma análise aprofundada do filme "As sessões", que aborda a

questão da sexualidade em pessoas com deficiência, com tranquilidade e humor.

A obra cinematográfica traz à discussão a luta pela conquista dos direitos sexuais, a partir de debates religiosos, críticos e morais com a sociedade. “As sessões”, trata-se de um filme norte americano dirigido por Ben Lewin no ano de 2013, que narra a história de vida de Mark O'Brien, poeta e jornalista de Berkeley, que contraiu poliomielite aos seis anos de idade, interpretado por John Hawkes, um homem com deficiência física, dependente de um sistema de ventilação pulmonar artificial, o qual apelidou de “pulmão de ferro”. O filme tem como enredo a perda da virgindade de Mark, sua história até a conquista, e aspectos culturais e sociais que o influenciaram.

Para um melhor entendimento do tema, é importante enfatizar que a sexualidade das pessoas com deficiência tem sido problematizada, apreendida e teorizada pelas contribuições e saberes das áreas do conhecimento, que geralmente possuem um paradigma médico. A maioria dos textos são biológicos ou educacionais e não tanto socioantropológicos. Portanto, é fundamental investigar como as pessoas com deficiência expressam sua sexualidade, a partir de sua história de vida e seus corpos lesionados (OLIVEIRA, 2016).

Avanços científicos e teóricos só são possíveis na medida em que ajudam a desmistificar tabus e cunhar outras ou novas perspectivas e pensamentos sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, além de permitirem compreender que exercer a sexualidade é, invariavelmente, exercer a cidadania, conquistar o direito de acesso às vivências e experiências compartilhadas a partir de valores morais e éticos (DENARI, 2002).

Ouvir as vozes, as experiências e como cada história de vida em relação aos seus corpos é fundamental no processo de criação de novos paradigmas. Da mesma forma, como tudo o que é profundo e tão importante na vida das pessoas, não está relacionado apenas a um único fator, no caso de Mark, a sexualidade, é uma questão importante, mas o ato sexual, além do

conhecido, nos convida a refletir sobre a aceitação do corpo, os medos e a vulnerabilidade que implica.

No caso de Mark, ao conduzir entrevistas para uma investigação de sexualidade em pessoas com deficiência, foi confrontado com a sua própria sexualidade, pois, um homem de meia idade e ainda virgem, diante de homens e mulheres sexualmente ativos, não fazia parte e muito menos se sentia pertencente àquele grupo. A inveja o definia, o que tornou a sua situação ainda mais frustrante, pois, a maioria dos entrevistados e das pessoas com deficiência que ele conhecia, possuía vida sexualmente ativa, incluindo pessoas com deficiência tão deformadas quanto ele.

Perder a virgindade para Mark era uma questão interessante e complexa, em primeiro lugar porque sua deficiência física não o permitia ser totalmente independente, precisava de ajuda para realizar as atividades de vida diária, portanto, sua privacidade era mínima. Da mesma forma, houve uma influência muito grande da educação sexual recebida em casa.

Como para a maioria das pessoas, o sexo é um assunto altamente influenciado pelos pais em casa e pelo que ouvimos com os nossos pares, de acordo com as informações que nos foram transmitidas, o desejo é internalizado de forma natural ou, como no caso de Mark, dominados pela culpa, acuados, pensando que suas necessidades não merecem ser satisfeitas.

Mark tinha a ideia de que o sexo o faria se sentir completo e pleno com toda masculinidade e virilidade de um homem, que experimentaria esse sentido da vida. O desejo que era ocultado, por referências negativas e desprezíveis em torno do sexo começa a ser potencialmente desvelado de uma maneira possível e aceitável.

Por uma inversão que começou, provavelmente, de modo sub-reptício há muito tempo — e já na época da pastoral cristã da carne — chegamos ao ponto de procurar nossa inteligibilidade naquilo que foi, durante tantos séculos, considerado como loucura; a plenitude de nosso corpo naquilo que, durante muito tempo, foi um estigma e como que a ferida

neste corpo; nossa identidade, naquilo que se percebia como obscuro impulso sem nome. Daí a importância que lhe atribuímos, o temor reverente com que o revestimos, a preocupação que temos de conhecê-lo (FOUCAULT, 1988, p. 144-145).

Foucault (1988) defendia que o sexo é o que dá sentido à vida, que permite o acesso à integralidade do corpo e faz parte da identidade do ser humano

[...] o sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de sexualidade e por seu funcionamento. [...] É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história) p. 144-145).

Durante o filme, pode-se observar uma influência significativa da religião, de fato, Mark, tendo a ideia de perder a virgindade, pede ajuda e consulta com alguns amigos, mas também com o sacerdote da igreja, padre Brendan, interpretado por William H. Macy, com quem Mark compartilha medos, perguntas e busca a aprovação de seus desejos sexuais.

Como muitos, o padre tem uma atitude de surpresa ao ouvir as preocupações sexuais de Mark, por ser uma pessoa com deficiência física, tetraplégico e de 38 anos, mesmo tendo pensado que o ato sexual para uma pessoa com as condições físicas de Mark não era possível. Acrescenta-se o que significa para um representante da igreja dar esse tipo de conselho, quando o sexo só é concebido dentro do casamento, a fim de gerar uma vida.

A medida em que as conversas entre ambos os personagens vão ocorrendo, é possível notar que o padre não sustenta um cenário dogmático do tipo pecador ou transgressor, ao contrário, reflete a compreensão de que o sexo também se dá na constituição

de todo e qualquer sujeito social, político e humano, sendo um suporte significativo para Mark.

O padre, por sua vez, passa a ser conselheiro daquilo que também já possui um conhecimento limitado que é o sexo. E o apoia em sua decisão, mesmo que isso lhe pudesse custar uma excomunhão e fosse, provavelmente, chamado de herege por aqueles sacerdotes menos liberais, que jamais teriam a ousadia de incentivar algo minimamente parecido. Esse apoio foi fundamental para Mark, principalmente porque abriu espaço para a tomada de decisão, nesse sentido, é possível observar como os suportes são fundamentais, sobretudo, com a atitude do padre, baseando o seu apoio, na empatia e na compreensão.

Como se sabe, encontrar um parceiro não é uma tarefa fácil para muitas pessoas, no caso de pessoas com deficiência física, muitas vezes pode tornar-se uma situação muito complexa com o estigma que existe, em relação ao corpo com deficiência, além de evitar ou não considerar que são necessidades também presentes em corpos paraplégicos. Uma investigação realizada no Brasil, com base nas vozes de pessoas com deficiência, Oliveira (2016), revela os desejos, intenções, aspirações e até expectativas das pessoas com deficiência para desfrutar o campo sexual.

Nesse sentido, o filme nos mostra uma situação muito interessante e até ousamos dizer, pouco conhecida, que é o trabalho de uma terapeuta ou substituta sexual. Substitutos sexuais são homens ou mulheres que se dedicam a ajudar as pessoas com deficiência, que têm dificuldade em iniciar a vida sexual. No caso de Mark, apesar de já ter ouvido falar dessa profissão, havia um certo temor e uma grande influência por parte das ideias sobre ele e a igreja. Da mesma forma, é importante enfatizar que é um processo muito caro, portanto, nem todas as pessoas podem acessar.

A assistente sexual foi reconhecida e legalizada em alguns países europeus como uma profissão com o objetivo de proteger o direito das pessoas com deficiência a uma vida plena. Porém, ainda se discute muito sobre a diferença com a prostituição, apesar de

geralmente auxiliar o trabalho de outros profissionais como terapeutas ou psicólogos.

A experiência sexual não é apenas a satisfação de uma necessidade fisiológica. Na verdade, não consiste simplesmente em um ato sexual, mas também significa descobrir sentimentos, emoções, sensações que só podem ser vivenciadas espontaneamente em um relacionamento, geralmente estabelecido entre duas pessoas. O parceiro substituto não pode substituir o surgimento espontâneo da sexualidade plena, porque nem uma única pessoa, por mais especializada, séria e profissional que seja, pode reproduzir a autenticidade de uma experiência verdadeira, direta e espontânea (MANINO; GIUNTA, LA FIURA, 2017, p. 10)

Da mesma forma, é importante mencionar que os padrões de beleza atuais estão gerando uma maior segregação das pessoas com deficiência, tendo em vista que a maioria das pessoas tem dificuldade em cumprir padrões inatingíveis, visualizados pelas redes. Neste sentido, negar a sexualidade das pessoas com deficiência, considerando-as assexuadas, sujeitos invisíveis sem corpos, desejos ou curiosidades ainda é uma dificuldade considerável. Portanto, a figura do profissional de assistência sexual e sua legitimidade evidenciam os paradigmas existentes (MANINO; GIUNTA, LA FIURA, 2017)

No caso do protagonista do filme, queria ser objeto de desejo de alguém, ser abraçado, acariciado e valorizado, mas duvidava que merecesse ou que fosse possível. É importante enfatizar que a representação é importante, mas há aspectos tão internos que só a própria pessoa pode elaborá-los, principalmente aquelas cicatrizes que muitas vezes ficam arraigadas internamente, fruto de um histórico cristalizado de frustrações.

Para Mark, trabalhar com uma terapeuta do sexo foi o início desse processo, é muito claro que o personagem principal demonstrava e ressaltava os seus sentimentos de inferioridade, baixa autoestima e baixa autoconfiança, além de se importar com o pensamento do outro a seu respeito, ele sentia medo. Medo do desconhecido, por nunca ter

sido exposto a vivenciar uma sexualidade plena. O medo de entrar em contato com a própria sexualidade também trazia à tona o medo insuperável de seus pais, que mesmo não morando mais com eles, a sensação internalizada de assexualidade e desaprovação do sexo era muito presente em seus pensamentos, o que influenciava negativamente as tomadas de decisões.

A terapeuta, nesse sentido, ajudou Mark a se encontrar, participar ativamente de seu próprio processo, como podemos ver, para o protagonista, neste caso, e como já discutimos anteriormente, sexualidade não significava simplesmente um ato sexual. Ao contrário, convida-o a entrar em contato com aquela parte vulnerável, expondo seu corpo e seus medos, mas que é a melhor forma de encontrar aquele ser que esteve amarrado no passado.

Do mesmo modo que Mark começou a elaborar a sua sexualidade de maneira ativa, passou a acreditar que seus desejos sexuais eram legítimos, que poderia assumir o controle da própria sexualidade e deixar de pensar nela como algo estranho, rompendo com os ensinamentos de uma vida: o legado de seus pais de que o sexo inexistia.

O filme e a experiência de Mark confrontam o discurso normativo médico-terapêutico-religioso que torna velada a sexualidade da pessoa com deficiência, visto que negligenciam os desejos e as fantasias dessas pessoas na medida em que são tratadas como pacientes, enfermos e seres angelicais assexuados, sendo destituídas de sua posição social, política e crítica, figurando apenas como espectadores da problemática que versa sobre seus próprios corpos e vontades sexuais. É preciso o reconhecimento social, político e ético perante as pessoas com deficiência para que possam exercer plenamente a sua sexualidade.

A partir da experiência com a terapeuta sexual, Mark pode se sentir aceito e respeitado, bem como se sentiu incluído e pertencente ao mundo dos adultos, como ele mesmo descrevia. O fato de ter feito sexo, fez com que se sentisse seguro e em igualdade com os demais para discutir sobre o assunto com outras pessoas.

Não obstante, apesar de Mark ter admitido passar por significativas mudanças provocadas pelas sessões, quando expôs

sua experiência com a terapeuta sexual no artigo “On Seeing a Sex Surrogate” (O’BRIEN, 1999), relatou que sua vida não mudou. É como se o soneto 18 de Shakespeare, que recitou para Cheryl em uma das sessões, representasse poeticamente seus sentimentos: “E o verão finda antes que possamos começá-lo”, como se a esperança de uma vida sexual digna e plena a partir de então fosse fadada ao fracasso. Mark continuou isolado, não sendo desejado e nem seduzido por ninguém. Continuou imerso na decepção de uma cultura que valoriza a juventude, a saúde, a beleza e a perfeição, mas “(...) tudo que é belo um dia acaba, seja pelo acaso ou por sua natureza”. Se tudo um dia acabar, o sentimento que Mark tinha de que não merecia nada além de rejeição nunca acabou.

De acordo com histórias da vida real e pelas últimas imagens do filme, é possível perceber que Mark, encontrou o amor verdadeiro, teve a oportunidade de vivenciar aquela experiência única e importante na vida de quase todos os adultos, porém isso não teria sido possível sem a ajuda de amigos e pessoas que tiveram grande influência em sua vida, da mesma forma, estar em uma sociedade que aceita o trabalho das substitutas do sexo como algo necessário e importante. Há que se comentar a importância de ter dinheiro para levar a cabo o processo e, sobretudo, a oportunidade que Mark teve de se mobilizar.

Apesar de todas as comparações que podemos fazer da cultura, é importante destacar que as dificuldades também continuam a predominar, nem todas as pessoas ou sociedade, mesmo dentro de um país mais desenvolvido, têm uma compreensão da importância da sexualidade na vida das pessoas com deficiência. É uma luta contínua, esse sentido se destaca:

É preciso positivar a deficiência em termos críticos, políticos e sexuais, reconhecendo essas pessoas como sujeitos corporais, estéticos e históricos, assumindo suas superfícies corporais como desejáveis, atraentes e bonitas, corpos amputados/lesionados/ deficientes que gritam e não emudecem perante normas e projetos médico-terapêuticos, pedagógicos ou qualquer outro. Corpos que

não só recebem, mas que proporcionam prazer, tesão e satisfação erótica aos seus parceiros. Nesse sentido, admitir a deficiência como sensual, erótica, sexy, contemplativa, admirável e acima de tudo sexualizada, pode favorecer o surgimento de novos protagonistas para o corpo lesionado/deficiente, desestabilizando e subvertendo uma determinada ordem normativa e patologizante que teima em cercear as pessoas com deficiência, subjugando-as e oprimindo-as. As transformações políticas que tanto anseiam esses coletivos de pessoas com deficiência passam, indiscutivelmente, pelo palco de uma reestilização da deficiência como agradável, deliciosa e desejável (OLIVEIRA, 2016, p. 162)

Movimentos contemporâneos, como a teoria Crip, marcaram um antes e um depois em torno da desnaturação do que se considera como corpos normativos, para posteriormente identific -los dentro dos sistemas de poder correspondentes. A perspectiva de gênero   essencial em todas as lutas sociais que nos permite questionar o modelo de feminilidade e masculinidade tóxicas ao qual a sociedade em questão adere.

Assim, se os movimentos queer-feministas abordam a diversidade de sexo, gênero e desejo, a abordagem crítica aos estudos da deficência fornecida pelo movimento crip, gera uma estrutura comum para questionar corpos construídos como normalizados e ou normalizáveis. A teoria   um pilar do empoderamento das pessoas com deficência, pois fala da deficência em termos de sensualidade e sexualidade sem paternalismo ou fetiche.

Depois de discutir a história dos direitos das pessoas com deficência, referindo-se às diferenças entre lesão e deficência, e mesmo tratando de questões contemporâneas como as assistentes sexuais ou a teoria do Crip, consideramos importante enfatizar que o filme abre uma discussão sobre a modelo sociológico abordado que se refere   emancipa o das pessoas com deficência, que antes (e infelizmente persiste em alguns lugares) eram institucionalizadas sem poder participar de uma vida ativa. Portanto, não podemos esquecer

que as pessoas com deficiência também precisam exercer seu direito à sexualidade como qualquer outro adulto.

Porém, esse tema ainda é um tabu, mesmo quando a pessoa é um participante ativo na sociedade com trabalho e independência, como o protagonista do filme, há muito preconceito e falta de oportunidades para a pessoa se expressar sexualmente. O filme nos lembra o que nos une como humanos, que é a sexualidade e o amor na idade adulta, afinal, nos faz reverter aquelas concepções de que as pessoas com deficiência têm aspectos psicológicos ou emocionais diferentes, mas sim devem ser plenas na participação em todas as esferas que compõem uma pessoa.

Ao colocar como título deste trabalho, “a luta continua”, queremos enfatizar que sexualidade, apesar de ser uma prática que geralmente não está relacionada a sentimentos, não podemos negar que, para muitos, em algum momento de suas vidas, tem um impacto muito forte nos relacionamentos, principalmente pelas emoções que gera e sensação de vulnerabilidade que tem. Seria deixar de lado, aspectos humanos e necessários, baseados apenas no próprio ato sexual.

Portanto, a luta continua, pois ainda é preciso fazer mudanças nos aspectos sociais dos padrões de beleza que estão inseridos em nossa sociedade, agora com as redes sociais, e um mundo de aparências, é imprescindível sermos agentes de mudança que promovam a igualdade. Como vimos ao longo deste capítulo, a luta para abrir espaços físicos e oportunidades é fundamental, em um mundo que todos podemos compartilhar, valorizar o que não une, e que possamos exercitar aquelas experiências humanas, como amor, medos e vulnerabilidade, que ambos compartilhamos como humanidade.

4. Referências

AMARAL, L.A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceito e sua superação. In: AQUINO, J.G. (org.). **Diferenças e preconceitos na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

DENARI, F. E. Sexualidade & Deficiência Mental: Reflexões Sobre Conceito. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.8, n.1, p. 9-14, 2002.

FERRANTE, C. Em memoria de Mike Oliver: un legado sociológico vivo para los estudios críticos latinoamericanos en discapacidad. **Boletín Científico Sapiens Research**, v. 9, n. 2, p. 80-90, 2019.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, vol. I, 1988.

GAVÉRIO, M.A. **ESTRANHA ATRAÇÃO**. A criação de categorias científicas para explicar os desejos pela deficiência. São Carlos: Programa de Pós Graduação em Sociologia/UFSCar, 2017, dissertação de mestrado.

HARLOS, F. E. **Sociologia da deficiência**: vozes por significados e práticas mais inclusivas. São Carlos: PPGEs/UFSCar, 2011, dissertação de mestrado.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 10, n. 2, p. 159-176, 2010.

MANNINO, G.; GIUNTA, S.; La FIURA, G. Psychodynamics of the sexual assistance for individuals with disability. **Sexuality and Disability**, v. 35, p. 495–506, 2017.

OLIVEIRA, E.L. **“Pô, tô vivo véio”**. História de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas. São Carlos: PPGEs/UFSCar, 2016, tese de doutorado.

O'BRIEN, M. On Seeing a Sex Surrogate. Berkeley, fev. de 1999. Disponível em: <<https://www.thesunmagazine.org/issues/174/on-seeing-a-sex-surrogate>>. Acesso em: 29/03/2021.

SHAKESPEARE, T; WATSON, N. Defending the social model. **Disability & Society**, v. 12, n. 2, p. 293-300, 1997.

WEEKS, J. **Sexuality and its Discontents**: Meanings, myths & modern sexualities. Routledge, 2002.

Em busca da vida plena e do amor: análise do filme *Simples como Amar*

Fernanda Cristina de Souza Mozetti

Os filmes podem ser recursos utilizados no processo de conscientização para auxiliar a sociedade a refletir sobre a pessoa com deficiência, suas relações afetivas e sexuais. Assim, alguns filmes abordam a diversidade, além do preconceito e das discussões sociais, representando o pensamento e a forma de agir da sociedade. (SILVA e GOMES, 2009)

Dessa forma, pode-se observar, sob o olhar do cinema, a vida, a sexualidade e a afetividade nas relações das pessoas estigmatizadas pela deficiência. Os filmes podem contribuir para a desmistificação de preconceitos e para a valorização das competências de cada pessoa em situação de deficiência.

Como exemplo, temos o filme *Simples como Amar* (*The Other Sister*), um drama de Garry Marshall, original dos Estados Unidos da América: Touchstone Pictures (Buena Vista Pictures), lançado no ano de 1999, com 129 minutos de duração. Nesse longa são retratadas as relações entre pais e filhos, a superproteção da família, a sexualidade, o preconceito e as diferenças. Discute-se a capacidade de uma pessoa, considerada incapaz pela sociedade e pela mãe, ser independente. O filme relata a vida de Carla Tate, uma jovem 24 anos, com deficiência intelectual, que, quando criança, pelo fato de sua mãe não conseguir lidar com as dificuldades de comportamento apresentadas por ela, convenceu seu pai a interná-la em uma escola especial. Ela passou toda sua infância e adolescência distante da casa e da família.

As cenas de Elisabeth, mãe de Carla, conversando com o pai da menina, pesquisando sobre algumas escolas e, depois, enviando-a para uma instituição especializada, nos fazem refletir sobre os motivos pelos quais a mãe pode ter enviado a filha para

uma escola especializada. E pode ser por várias razões: por tentar proteger a filha, pelo receio de não saber ensiná-la, por acreditar que na instituição escolhida ela receberia os atendimentos adequados para seu desenvolvimento e, até mesmo, por imaginar que ela pudesse ser "curada", tendo assim a visão ainda centrada no modelo médico.

Ainda nos dias atuais, muitas pessoas e profissionais têm esse conceito centrado no modelo médico. Omote (1994) explica que essa é uma concepção de deficiência como algo que está presente no indivíduo identificado como deficiente, no seu organismo ou no comportamento, e ausente nas pessoas consideradas não deficientes, implicando na maneira de lidar com as deficiências e os deficientes. Ele ainda acrescenta que as abordagens centradas na pessoa deficiente ignoram o aspecto político do problema no interior de um grupo ou organização (equipes profissionais, famílias, escolas, instituições especializadas etc.), invertendo até a relação de causa e efeito, na medida em que localiza no indivíduo a deficiência e, muitas vezes, também, a sua causa. (OMOTE, 1994).

Algumas escolas e instituições ainda pensam a partir dos limites da pessoa demarcada como deficiente, sendo tradicionalmente esta a ênfase de suas propostas. Infelizmente, ainda encontramos a produção da categoria deficiente e a reprodução das condições de pobreza e segregação a que muitas pessoas em situação de deficiência estão submetidas. No entanto, as propostas da Educação Inclusiva de pessoas com deficiência em escolas regulares, suscitam ampla compreensão dos aspectos sociais da deficiência. Mesmo que estas propostas, muitas vezes, sejam condicionadas, elas colocam em discussão as práticas associadas com as pessoas em situação de deficiência. Deste modo, confirma-se a necessidade de pensar a deficiência a partir de outros referenciais, que não somente aqueles apresentados pela medicina, e também a necessidade de produção de teorias sobre deficiência que não sejam apenas um marco de referência médico-biológico.

Considerando que “o enfoque da proposta inclusiva é sociológico e relacional” (BRASIL, 2004, p.11), realizaram-se

revisões que levaram até a Sociologia da Deficiência. Segundo Oliveira (2016), o modelo social da deficiência, ao resistir à redução da deficiência à lesão, oferece instrumentos analíticos e políticos mais poderosos para o ativismo social em torno da deficiência do que os biomédicos. A tese central do modelo social desloca para a organização da sociedade a necessidade de enfrentar a deficiência como uma questão pública, e não mais restrita somente à esfera privada e aos cuidados familiares. (OLIVEIRA, 2016)

O modelo social da deficiência sustenta que não há uma relação direta de causalidade entre lesão e deficiência, deslocando o debate sobre saúde e direitos das pessoas deficientes para o terreno da organização social e política (Diniz, 2007). Sendo assim, para aqueles que defendem o modelo social, a lesão seria uma característica corporal, como seria o sexo ou a cor da pele, ao passo que a deficiência seria o resultado da opressão e da discriminação sofrida pelas pessoas em função de uma sociedade que se organiza de maneira pouco sensível à diversidade. (Oliveira, 2016). Assim, é possível uma pessoa ter lesões e não experimentar a deficiência, depende de quanto a sociedade esteja engajada para compreender a diversidade.

No filme, a escola para onde Carla foi enviada estimulou muito sua autoestima e autonomia, pois tinha a concepção da pessoa com deficiência diferente do modelo médico, que enfoca o problema como sendo somente do indivíduo; a escola tinha a concepção de deficiência embasada em determinantes sociais. A deficiência é interpretada como decorrente de fatores sociais, emocionais ou educacionais, os quais podem estar prejudicando ou ocasionando dificuldades ao indivíduo. Com isso, a deficiência não está centrada na pessoa, mas na situação, pois é no ambiente que se encontram as principais causas das dificuldades e incapacidades. Nesse modelo, a deficiência envolve as circunstâncias ambientais, incluindo a desigualdade social, as inadequações familiares e as experiências individuais, no qual a deficiência é interpretada com base na complexa interação entre o indivíduo e o meio social. O deficiente se adapta às situações, porém, o meio possibilita que isso aconteça.

Após anos morando na instituição especializada, Carla volta para casa com muitos planos e ambições. A mãe dela, ao mesmo tempo em que se culpa por ter afastado a filha durante seu crescimento, tenta adaptá-la aos seus padrões sociais. A cena em que a mãe leva Carla a um evento social e comemorativo, diante do comportamento diferenciado da filha, transmite a ideia de que Elisabeth sente-se envergonhada frente as outras pessoas, porque Carla começa a brincar com os cães e depois abre as gaiolas e os cães escapam, causando, indesejavelmente, uma confusão no evento.

A mãe de Carla fica brava pelo acontecido e sentindo-se frustrada, Carla foge de casa e vai para a escola especial em que estava internada anteriormente, deixando todos preocupados. Carla deixa uma carta no quarto dizendo ter voltado para a escola especial, sua mãe encontra a carta e vai até a instituição. Ela conversa com o diretor da escola, alegando que já havia feito tudo o que podia para o bem de Carla, como matriculá-la em uma escola para fazer caligrafia, mas ela não havia aceitado a proposta.

A mãe de Carla apresentava um comportamento preocupante em relação à filha e sua deficiência, isso se deve principalmente à sua expectativa enquanto mãe. Elisabeth não consegue ver todo o potencial de Carla. Ela é superprotetora e diz tentar proteger as filhas das “coisas ruins” do mundo. O pai, Bradley, tentava conciliar as situações que aconteciam no dia a dia, mas Elisabeth não concordava com as escolhas das filhas, considerando que suas filhas apresentavam características de comportamento e personalidade diferentes daquilo que ela considerava apropriado. A filha mais nova era homossexual e a mãe não aceitava. Ela também não aceita a companheira da filha e dizia que era apenas uma amiga. Apesar de se sentir culpada por ter afastado Carla por tanto tempo da família, insistia em adequá-la às convenções da alta sociedade. Ela não acreditava na filha porque achava que ela era incapaz, ou seja, ainda tinha o olhar voltado para a deficiência e não conseguia ver para as potencialidades da jovem.

Figura 1 - Carla e Elisabeth



Fonte: Página do Adorocinema.

Segundo Omote (1994), no modelo social a deficiência “[...] não é algo que emerge com o nascimento de alguém ou com a enfermidade que alguém contrai, mas é produzida e mantida por um grupo social na medida em que interpreta e trata como desvantagens certas diferenças apresentadas por determinadas pessoas.” (OMOTE, 1994, p.68). Em suma, nessa concepção, não importa o que causa a deficiência, mas o que leva alguém a tratar o outro como deficiente. (Omote, 1996). A interpretação da audiência determina o modo como a pessoa considerada deficiente será identificada e tratada como tal. Para Omote (1996), é o olhar do outro que determinará se uma perda ou alteração do indivíduo será deficiência ou não, pois a audiência é quem julga se o prejuízo apresentado será relevante ou não para a integridade da pessoa.

Sendo assim, a mãe de Carla ainda tem muito receio e foca seu olhar apenas nas dificuldades da filha. Porém, após o retorno dela para casa, as circunstâncias mudam e ela volta cheia de sonhos e enfrenta os pais em busca de autonomia e de independência. Assim, Carla se matricula, com o consentimento dos pais, em um curso de graduação. Embora sofresse um pouco de discriminação por outros estudantes, ela teve a oportunidade de conhecer um rapaz chamado Danny, que também tinha deficiência intelectual. Eles se tornaram grandes amigos no curso e costumavam sair juntos para conhecer lugares diferentes da cidade, almoçar e

conversar. Ele é muito independente, mora sozinho, tem dois empregos, mas tem um tutor e o pai paga o seu aluguel. Danny falou para Carla da possibilidade de ela morar sozinha e, na festa de aniversário de Carla, quando seus familiares estavam todos juntos, Carla mencionou que desejava morar em um apartamento somente para ela. Essa menção gerou insatisfação em sua mãe que, além de falar que não poderia, acreditava que Carla não tinha autonomia e que era totalmente incapaz de morar sozinha. Porém, Carla também queria ter seu espaço e desafiou a mãe. Depois de toda a família voltar-se contra Elisabeth e apoiar Carla, sua mãe cedeu à resistência. Juntas, procuraram apartamentos para Carla ir morar sozinha e, depois de encontrado o apartamento ideal, a mãe organizou e colocou extintores em todos os locais do apartamento, até mesmo no banheiro, com medo de que por um descuido da filha, o imóvel pudesse pegar fogo.

As pessoas podem apresentar dificuldades ou deficiências na realização de algumas tarefas, mas isso não quer dizer que elas não poderão se sair bem em outros aspectos da vida. Viver é complexo! E as circunstâncias enfrentadas em nossa vida tornam qualquer pessoa mais ou menos deficiente, de acordo com as habilidades de cada um. Em suma, para a conceituação da deficiência não importa o que causa as limitações ou os impedimentos, mas o que leva alguém a tratar o outro com tais características como sendo deficiente (OMOTE, 1996).

Daniel e Carla se apaixonam e ela quer provar que, apesar do estigma, tem capacidade de ser uma mulher adulta e responsável, que merece amar e ser amada. Eles assumiram o namoro e o apartamento de Carla facilitava os encontros com maior frequência. Danny e Carla decidiram transar na noite de Ação de Graças no apartamento. A cena foi bem sutil, e o filme mostra que as pessoas com deficiência também têm o direito de amar e possuem desejo sexual. No entanto, Carla ficou triste quando eles foram a um casamento e Danny, depois de ter bebido muito, pegou o microfone e contou para todos na festa sobre o relacionamento íntimo que havia entre eles, e todos começaram a rir e a debochar dos dois. Carla se

sentiu chateada e, talvez por sua mãe nunca ter conversado com ela sobre sexualidade, ficou envergonhada diante do acontecido e decidiu que não queria mais ver Danny. Elisabeth continuava a tratar a filha como se fosse uma criança e incapaz de viver de forma independente ou de realizar qualquer coisa sozinha, o que resultava em brigas e desentendimentos, pois Carla tinha força de vontade em ter sua autonomia e queria viver sua vida plenamente.

Na atualidade, ainda existem pessoas que desacreditam da capacidade das pessoas com deficiência, que elas não conseguem morar sozinhas, que não têm autonomia, que não podem ter relacionamentos amorosos e sexuais, acreditam que por terem deficiência, são eternas crianças. Nesse sentido, remetemo-nos ao que diz Goffman (1988) em seu livro *Estigma*. Primeiramente, para entender o significado de estigma, é necessário compreender o conceito de identidade virtual e de identidade real dos indivíduos. O primeiro conceito (identidade virtual) corresponde às expectativas normativas criadas pela maior probabilidade de serem encontradas determinadas características em um indivíduo num determinado ambiente social. Já o segundo conceito (identidade real) corresponde às verdadeiras características encontradas nos indivíduos. Assim, quando existem discrepâncias entre a identidade virtual e a identidade real, de modo negativo, surge o estigma. Quando a diferença entre expectativa e realidade se mostra de modo a beneficiar o sujeito passivo da avaliação manifesta-se o “símbolo de status” ou, como prefere o autor, o “símbolo de prestígio”.

Esses estigmas podem ser classificados em três espécies: deformidades físicas, culpas de caráter e tribais de raça, nação e religião. Os três tipos conferem, de modo muito semelhante, a depreciação dos estigmatizados. Desse modo, se o estigma é evidente e a sociedade toma seu conhecimento no momento de interação social ou, até mesmo, antes dele, Goffman (1988) nomeia essa condição de indivíduo desacreditado, e o estigmatizado passa por uma situação desconfortante.

Na cena em que Carla e Danny vão ao Baile de Halloween da escola, após anunciarem que as notas já estavam disponíveis, eles vão juntos ver o resultado. Carla fica muito feliz por ter alcançado as notas exigidas em uma escola regular, porém, Daniel fica triste porque não conseguiu ser aprovado e faz um desabafo, dizendo que, às vezes, se acha burro, que outros alunos já o chamaram dessa forma em outras ocasiões. Esse trecho permite discutir o preconceito que vivenciam e os sentimentos de alunos com deficiência que não conseguem atingir os mesmos resultados que os outros alunos que não possuem deficiência. Vimos que medo, angústia, tristeza, inferioridade, vergonha são alguns dos sentimentos; o peso não é somente saber sua qualidade estigmática, mas também, administrar a tensão sentimental presente em seu cotidiano.

Por outro lado, se o estigma é possível de se esconder, se sua existência for imperceptível em um primeiro momento, temos a condição de desacreditável. A pessoa com essa condição tem uma tarefa árdua caso pretenda manter em segredo o seu estigma. Evitar contato pessoal e usar de técnicas que mascarem ou confundam as percepções das outras pessoas sobre seu estigma (encobrimento) são artimanhas comuns dos desacreditáveis, que constroem um mecanismo para controlar a seletividade das informações, vivem com o medo de serem descobertos em sua essência, e, muitas vezes, são passíveis de serem chantageados sob a ameaça de publicizar seu estigma. Os desacreditáveis, muitas vezes, admitem um estigma considerado menos grave a fim de esconder seu verdadeiro estigma, considerado mais grave, e isso recebe o nome de acobertamento. Em relação à normalização dos estigmatizados em geral, tanto os desacreditados como os desacreditáveis, é comum perceber que o convívio com eles faz com que o estigma deixe de ser algo que incomoda. Os primeiros contatos incomodam tanto o estigmatizado como as outras pessoas, entretanto, com o passar do tempo, o diferente se torna comum, ambos os sujeitos sociais se acostumam com a situação e deixam de lado as diferenças.

As pessoas estigmatizadas podem dedicar muito esforço para tentar, de alguma forma, superar dificuldades em atividades que são

consideradas incapazes de realizar devido a sua deficiência. Tal situação pode ser ilustrada pelo deficiente físico que aprende ou reaprende a nadar, montar, jogar tênis ou pilotar aviões, ou pela pessoa cega que se torna perito em esqui ou em escalar montanhas.

Algumas pessoas são depositárias de um estigma, apenas por se relacionar ou fazer parte da família do estigmatizado. Elas também sofrem preconceito no trabalho, na escola, na vizinhança. Sofrem também com olhares desconfiados, atitudes de prejulgamento, como se tivessem “um sinal infamante, indigno e desonroso, mancha infamante na reputação que pressupõe a contaminação, o contágio, a transmissão, tornando urgente e necessário o isolamento do agente contaminador” (Schilling e Miyashiro, 2008, p. 248). Segundo Goffman (1988), isso recebe o nome de “estigma de cortesia” e leva o indivíduo que se relaciona diretamente com o estigmatizado a descobrir que deve sofrer da maior parte das privações típicas do grupo que assumiu e, além disso, de maneira semelhante à que ocorre com o estigmatizado, corre o risco de não ser aceito por outros grupos como, por exemplo, os filhos de presidiários, de traficantes.

No filme, Danny e Carla passaram um tempo longe um do outro por causa do acontecimento na festa de casamento. Mas eles começaram a sentir saudade um do outro, o que contribuiu para que se desculpassem e voltassem a se relacionar novamente. Decidiram se casar e encontraram muitas barreiras, principalmente, pela não aceitação da família. Porém, a cerimônia aconteceu e eles passaram a viver juntos. Goffman (1988) fala sobre a dificuldade que as pessoas com deficiência passam na sociedade por serem enxergadas como diferentes. Desse modo, quando encontram os seus pares identificam no outro o seu “eu”. Carla convidou a irmã e a sua companheira para o casamento. A irmã ficou muito feliz por não ser vítima de preconceito por ser homossexual. Carla enfrentou a mãe e a sociedade, não aceitando os modelos e os preconceitos e constituiu sua singularidade e sexualidade. A partir da reconfiguração estética da deficiência,

entendeu-se a importância de discutir a sexualidade enquanto um campo de lutas e disputas (FOUCAULT, 1988).

Figura 2 - Carla e Danny



Fonte: Página do Adorocinema¹

Esse filme nos faz refletir sobre a própria noção de normalidade e alteridade. Ainda existem muitos preconceitos em nossa sociedade e muitas dúvidas sobre as questões culturais, emocionais e sociais que envolvem pessoas com deficiência. Muitas vezes, sofrem com estigmas, são anuladas, consideradas incapazes de cuidar de suas próprias vidas e também de ter um relacionamento amoroso; são vistas como pessoas que têm desejo sexual em demasia, de forma incontrolável ou que não possuem esse desejo e, até mesmo, são tratadas por seus familiares como crianças.

Infelizmente, ainda temos aqueles que estão presos a estereótipos e às visões simplistas do ser humano e da deficiência intelectual, mas, essa visão está mudando e a cada dia mais pessoas com deficiência estão vivendo de forma plena e cuidando de suas próprias vidas.

Simples como Amar é um filme que mostra pessoas e seus desejos, esperanças e dificuldades, entre elas as pessoas com deficiência intelectual.

¹ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-26830/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

Sabe-se que as concepções que norteiam a vida das pessoas com deficiência, sua autonomia e sexualidade ainda são um assunto complexo que necessita de muita reflexão. E esse filme apresenta a possibilidade de novas discussões acerca desse novo olhar, em que as pessoas com deficiência podem ser cidadãos socialmente ativos, com independência para agir nas diversas instâncias sociais e lutar por seus direitos.

A deficiência não pode constituir limites para essas pessoas; dentro da visão social, elas podem criar outras estratégias para viverem suas vidas com plenitude.

Sendo o cinema um meio de comunicação que exerce influência nas relações humanas, considero esse filme importante, podendo ser usado como um recurso para a análise de práticas sociais e reflexão sobre os estigmas da pessoa com deficiência.

Referências

BRASIL. Saberes e práticas da Inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos)

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, vol. I, 1988.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1988.

MARSHALL, Garry. **Simples Como Amar** (*The Other Sister*). Drama. Estados Unidos da América: Touchstone Pictures (Buena Vista Pictures), 1999.

OLIVEIRA, E.L. **“PÔ, TÔ VIVO VÉIO”**. História de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas. 2016. Tese de Doutorado. PPGEEs/UFSCar, São Carlos.

OMOTE, S. Deficiência e não deficiência: recortes de um mesmo tecido. Marília: **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.1, n.2, p. 65-73, 1994.

OMOTE, S. Perspectivas para conceituação de deficiências. Marília. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 4, p. 127-135, 1996.

SCHILLING, Flávia; MIYASHIRO, Sandra Regina Galdino. Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 243-254, maio/ago. 2008.

SILVA; GOMES. A importância dos desenhos animados como representação ideológica: formação da identidade infantil. **Cesumar**, São Paulo, v.11, n.1, p. 37-43. jan./jun. 2009.

Sexualidade e deficiência: uma análise a partir da série *Special*

Luiz Fernando Zuin¹
Fátima Elisabeth Denari²

1. Primeiras reflexões

O corpo é, por excelência, o espaço em que se entrelaçam as experiências físicas e sensíveis dos sujeitos sociais e históricos, sejam essas, individuais ou advindas de sua teia de relacionamentos (OLIVEIRA, 2000 p. 55).

Ao ser entendido como o espaço primeiro da individualidade, o locus privilegiado que traduz nosso íntimo, nos fala sobre nossa personalidade, nossas virtudes e defeitos. Tempo em que a individualização do eu está presente, ser um sujeito único é estabelecer uma inconfundível visibilidade: o ser localizado no visível do corpo (GOELLNER, 2003).

Nessa ótica, o corpo poderia ser representado como um constructo histórico, social e cultural, marcado por diferentes forças e discursos no curso de nossas vidas, transcendendo a perspectiva biológica que o apreende tão somente como uma mera condição natural e físico anatômica. O corpo não é apenas um corpo, representa todo o seu entorno, sensações e sentidos que o projetam no seio das relações e materialidades sociais e estéticas (OLIVEIRA, 2000 p. 56).

O corpo traz em suas estruturas, as marcas indelévels de um povo, de seus fenômenos estéticos, culturais e religiosos, envolvendo vontades e anseios que repousam no imaginário da coletividade (OLIVEIRA, 2000 p. 59).

Constata-se, assim, que os processos culturais seriam, em sua grande maioria, os responsáveis pelo estabelecimento e reconhecimento de rótulos de beleza, performance e estética para

¹ nando_zuin@hotmail.com

² fadenari@terra.com.br

os corpos da coletividade, simbolizando as intervenções da cultura sobre os corpos e as maneiras como esses corpos são percebidos (PEREIRA, 2000).

Ainda, de acordo com McRuer e Mollow (2012), as noções de corpo como sendo hábeis e robustos pode ser fundante na configuração de uma possível ordem para a sexualidade, de maneira que as pessoas saudáveis, magras, altas (modelos, atletas, praticantes de ginástica) transbordam a energia necessária ao sexo, enquanto as pessoas com deficiência raramente são consideradas sujeitos que desejam ou que são objetos de desejo.

Ao problematizar e contextualizar o corpo da pessoa com deficiência pode-se adentrar em campos de luta e de perspectivas históricas e sociais em que se construíram definições de padrões corporais ao passo que seus opostos passam a ser considerados como corpos feios, deformados, desajustados, doentes e indesejáveis.

Nesse sentido, este trabalho buscou analisar e discutir a expressão e a vivência da sexualidade da pessoa com deficiência a partir da série *Special* que tem por objetivo descrever e analisar a série *Special* (2020) a partir de seu conteúdo.

A série *Special*, é uma série original da Netflix, criada por **Ryan O'Connell**. Baseada no livro *I'm Special – and other lies we tell ourselves*, em português, *Especial*, também de O'Connell, conta a história de Ryan Hayes um rapaz gay que possui **paralisia cerebral**, uma deficiência que ele tem desde o nascimento e torna sua mobilidade reduzida. A narrativa perpassa o cotidiano do rapaz, iniciando-se no momento em que ele consegue um estágio na Eggwoke e mente para seus colegas de trabalho sobre sua deficiência, dizendo que ela era resultado de um acidente de carro. Ryan O'Connell além de criador e autor da obra, interpreta o protagonista (personagem que é baseado nele mesmo).

Mais do que tornar as pessoas que vivem com deficiências visíveis, ela se propõe a mostrar com fidelidade, a vida destas pessoas através do humor, de uma maneira muito natural e leve. Um componente importantíssimo desta jornada é a mãe de Ryan (interpretada por **Jessica Hecht**): ambos são muito codependentes

um do outro e, assim, terão que aprender a lidar com o fato de que Ryan já é um homem adulto e deveria estar morando sozinho e vivendo sua vida sem o auxílio de sua mãe. Assim, é tarefa da Sra. Hayes, descobrir quem ela é, uma vez que a responsabilidade de zelar pelo próprio filho não é mais sua prioridade.

2. A paralisia cerebral e sua patogênese

O protagonista da série Especial, Ryan, tem o diagnóstico de paralisia cerebral, e de acordo com a literatura médica a paralisia cerebral, também chamada encefalopatia crônica não progressiva, é a causa mais frequente de deficiência motora na infância e refere-se a um grupo heterogêneo de condições que cursa com disfunção motora central, afetando o tônus, a postura e os movimentos. Descreve um grupo de desordens permanentes do desenvolvimento do movimento e postura atribuído a um distúrbio não progressivo que ocorre durante o desenvolvimento do cérebro fetal ou infantil, podendo contribuir para limitações no perfil de funcionalidade da pessoa. A desordem motora na paralisia cerebral pode ser acompanhada por distúrbios sensoriais, perceptivos, cognitivos, de comunicação e comportamental, por epilepsia e por problemas musculoesqueléticos secundários (ROSENBAUM et al., 2007).

Decorre de lesão permanente ao cérebro em desenvolvimento e apresenta-se de forma variável em termos de distribuição anatômica da lesão, gravidade de acometimento motor e sintomas clínicos associados. A grande variabilidade requer que estes pacientes e suas famílias sejam abordados de maneira sistematizada levando em conta dimensões amplas de atenção à saúde.

No Brasil há uma carência de estudos que tenham investigado especificamente a prevalência e incidência da paralisia cerebral (PC) no cenário nacional, entretanto, com base em dados de outros países, faz-se projeção do dimensionamento da PC em países em desenvolvimento (Leite; Prado, 2004). Nos países desenvolvidos, a prevalência encontrada varia de 1,5 a 5,9/1.000 nascidos vivos; estima-

se que a incidência de PC nos países em desenvolvimento seja de 7 por 1.000 nascidos vivos (Zanini; Cemin; Peralles, 2009; Fonseca, 2011). A explicação para a diferença na magnitude da prevalência entre estes dois grupos de países é atribuída às más condições de cuidados pré-natais e ao atendimento primário às gestantes.

Esta condição engloba um grupo heterogêneo quanto à etiologia, aos sinais clínicos e à severidade de comprometimentos. No que tange à etiologia, incluem-se os fatores pré-natais (infecções congênitas, de oxigenação etc.); fatores perinatais (anoxia neonatal, eclâmpsia etc.); e fatores pós-natais (infecções, traumas etc.) (PIOVESANA et al., 2002). Os sinais clínicos da paralisia cerebral envolvem as alterações de tônus e presença de movimentos atípicos e a distribuição topográfica do comprometimento (CANS et al., 2007). A severidade de comprometimentos da paralisia cerebral está associada às limitações das atividades e à presença de comorbidades (BAX et al., 2005).

O grau de paralisia cerebral é classificado tendo em conta a perturbação motora, o local da lesão e/ou o déficit motor (ANDRADA, FOLHA, & VIRELLA, 2007). Assim, a gravidade da situação clínica poderá apresentar um leque alargado de situações que vão desde os déficits motores ligeiros que não condicionam grandemente a atividade motora (podem parecer pouco harmoniosas a andar, a falar ou a realizar tarefas manuais) a déficits motores graves com implicações para todas as áreas de autonomia (impossibilidade de andar e falar, sendo dependentes nas atividades da vida diária) (ANDRADA, FOLHA, & VIRELLA, 2007).

No entanto, se o contexto em que a pessoa está inserida se ajustar às suas características individuais, a desvantagem é atenuada (VIRELLA et al., 2016). Por exemplo, se o contexto físico de uma pessoa que se desloca em cadeira de rodas estiver preparado para a sua deslocamento autónomo, a incapacidade motora deixa de ter tanta expressão no seu dia a dia. Deste modo, as questões sociais superam o modelo meramente médico e funcional, valorizando o foco no domínio dos obstáculos sociais e

na promoção da autonomia das pessoas com paralisia cerebral (VIRELLA et al., 2016).

A paralisia cerebral comumente deixa uma marca física e, por vezes, essa marca é caracterizada com um descrédito social, combinado a estereótipos, preconceitos e discriminação que culminam na estigmatização da pessoa com deficiência, tema que será abordada no próximo tópico.

3. Estigma e deficiência

Estigma é uma marca física, mental ou social que pode ser inata, adquirida ou atribuída, e que coloca a pessoa dela portadora em descrédito social. O termo estigma surgiu de um conceito grego relacionado à prática de marcar fisicamente, através de cortes ou queimaduras, indivíduos criminosos, traidores, escravos, entre outros, para serem facilmente identificados e evitados socialmente.

A essas marcas dava-se o nome de estigma e servia para avisar o restante da população, para que não tivesse nenhum tipo de relação com aquelas pessoas, as quais socialmente possuíam um — “status social inferior”.

Segundo, um clássico dos estudos sobre estigma, Goffman, (1988, p. 32),

sendo possível distinguir três tipos de estigmas nitidamente diferentes até os dias atuais. Em primeiro lugar, há abominações no corpo, as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, paixão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Por último, o autor aponta os 22 estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.

No presente, a referida marca física de outrora resultou na ligação de determinado atributo a um estereótipo negativo, desqualificando a aceitação social plena do indivíduo desvalorizado (GOFFMAN, 1982).

Omote (1997), outro estudioso sobre Educação Especial, destaca que não existe deficiência por si só como característica ou qualidade endógeno-orgânica referente a determinada pessoa. A deficiência apenas se materializa como tal mediante critérios adotados socialmente, estruturados a partir do próprio meio social, das exigências estabelecidas pelas atividades cotidianas e pela forma com que os outros (audiência) interpretam e se relacionam com as diferenças. Por outro lado, é evidente que existe uma expressiva diferença no comportamento ou no organismo da pessoa identificada como pessoa com deficiência. No entanto, essa diferença pode ser tanto a causa como a consequência do processo de identificação, reconhecimento e tratamento daquela pessoa como pessoa com deficiência. Dessa forma, a deficiência não existe como fenômeno independente, posto que se configura a partir de um sistema multifatorial e dialético intrínseco à dinâmica de visualização e de interpretação das diferenças (OMOTE, 1993).

Ainda, Custódio (2002), mostra que o estigma está presente em nossa sociedade, não como forma de marca física, mas sim, como forma de segregação social a determinados grupos julgados pela sociedade como sendo inferiores e de um baixo status social e capacidade de produção.

Como precursor do termo, Goffman (1982) pensou o conceito de estigma em uma perspectiva social: para ele é uma relação entre atributo e estereótipo, considerando sua origem relacionada à construção social dos significados através da interação. A sociedade define como as pessoas devem ser e torna esse dever como algo natural e normal. Um estranho em meio a essa naturalidade não passa despercebido, pois lhe são conferidos atributos que o tornam diferente (FORTES, 1997).

As sociedades em geral, tanto as tidas como desenvolvidas como as tidas como primitivas, desenvolvem padrões morais,

culturais, estéticos entre outros, que passam a determinar aquilo que é identificado como o “normal”.

Para Rusch, Angermeyer, & Corrigan (2006), o estigma é um processo no qual certos grupos, a exemplo das pessoas com deficiência, são marginalizados e depreciados pela sociedade porque seus valores, características ou práticas diferem do grupo cultural dominante – portanto, o estigma ocorre como uma combinação de estereótipos, preconceitos e discriminação.

Nesse sentido, Durkheim (2012, p.32) considera que “se eu não me submeto às condições do mundo, se, ao me vestir, eu não dou a mínima atenção aos costumes de meu país ou de minha classe, o riso que provoço, a alienação a que me submetem, produzem, mesmo que de maneira atenuada, os mesmos efeitos de uma pena propriamente dita”. Sendo a aceitação do grupo algo importantíssimo para a autoafirmação da pessoa, o desacreditado, que quase sempre interioriza o estigma, tem a sua autoestima altamente fragilizada, pois o mesmo é rejeitado, como um indesejável, pelo grupo.

Para Goffman (1975, p.12),

enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável. Assim, deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande.

A pessoa estigmatizada sofre o processo de desumanização. Esse processo faz com que a pessoa deixe de ser percebida como ser humano pleno e completo e a diminui, reduzindo-a às características que a diferencia das pessoas tidas como desejadas. O estigmatizado é alguém que provoca medo, pois ele é visto como uma pessoa que apresenta risco à sociedade.

As consequências que resultam desse tipo de violência fazem com que as pessoas estigmatizadas convivam com sentimentos de inferioridade, medo e angústia, caracterizando assim como autoestigma. O autoestigma ocorre quando membros de um grupo estigmatizados, cientes dos preconceitos, estereótipos e discriminações direcionadas contra si, sentem-se apreensivos, endossando e internalizando esses sentimentos, crenças e comportamentos (Corrigan & Watson, 2002). Junto a essa percepção, surgem respostas emocionais correspondentes, como sentimento de vergonha, desânimo, constrangimento e/ou raiva (componentes afetivos de autoestigma), acarretando em autodepreciação, prevenção e isolamento social (componentes comportamentais de autoestigma) (CORRIGAN, 2000; PACHANKIS, 2007; MAK CHEUNG, 2012).

Por conta disso, muitos tentam acobertar sua condição estigmatizante, muitas vezes, evitando o contato social ou usando técnicas que mascarem ou confundam as outras pessoas sobre as suas marcas de diferença. No entanto, essa postura de esconder os traços característicos de seu corpo, personalidade, sexualidade entre outras características, é um trabalho altamente extenuante, fazendo com que a pessoa ainda conviva com o medo constante de ser descoberta.

Contudo, não é regra a pessoa estigmatizada possuir baixa autoestima, uma vez que poderá desenvolver estratégias de proteção, como por exemplo, aprender a relacionar-se com sujeitos na mesma situação (Crocker & Major, 1998). Somente quando a pessoa não aceita ou não interioriza o estigma é que a mesma tem a condição de compreender a sua diferença e, controlando a tensão que existe no seu dia-a-dia, compreender-se igual aos outros.

O estigma pode ser também, estabelecido a partir de um envolvimento afetivo e, como já afirmava Martin (1986, p. 147), “são marcas desacreditáveis que são estabelecidas por outras pessoas em encontros sociais e em envolvimento afetivos, (...)”. Uma situação comum em relação às pessoas estigmatizadas é que as mesmas encontram muitas barreiras em conseguir um

envolvimento afetivo com outras pessoas, pelo fato de que, quando uma pessoa “normal” se associa a um estigmatizado, ela também passa a ser estigmatizada. É comum que no início de um convívio exista incômodo tanto nas pessoas normais, como nas estigmatizadas. Contudo, com o passar do tempo, passa-se a perceber que a diferença é algo comum e que as pessoas não devem ser rejeitadas por determinada característica vista como anormal ou negativa. A convivência com respeito passa a ser possível quando as pessoas deixam de lado as diferenças e passam a valorizar o “ser humano” que é igual em natureza e dignidade.

Em se tratando da pessoa com deficiência, a mesma é compreendida como uma condição caracterizada por importantes limitações e o estigma lhe é atribuído desde o momento em que se percebe algo de diferente nela e a sociedade atribuiu a essa diferença uma marca negativa.

Desta maneira fatores como estigma e atitude podem trazer consequências negativas e sabe-se que uma das formas fundamentais da construção de uma sociedade democrática é a inclusão de todo cidadão.

Para Maia (2009), os estigmas atribuídos às pessoas com deficiência dificultam significativamente seu acesso aos meios sociais de educação, socialização, lazer, cultura, e, muitas vezes, contribuem para a generalização de suas características e dificuldades reduzindo-os aos rótulos que definem suas deficiências.

Deste modo, a construção dos paradigmas envolvendo sexualidade e deficiência revela ideias cristalizadas que serão abordadas no próximo tópico e que são tomadas como regra para todas as pessoas com deficiência, transformando limitações específicas, em uma concepção de totalidade.

4. Sexualidade e deficiência, a cristalização de preconceitos e mitos

Adentrando no universo da sexualidade humana, segundo Foucault (1976) entende-se por sexualidade o uso do corpo e de seus prazeres. A sexualidade, assim, é um fenômeno inerente a

todos os seres humanos, não se limitando ao coito ou as práticas genitais, mas sim, englobando processos corporais e afetivos.

Nesse sentido, é preciso refletir e repensar a sexualidade para além dos aspectos meramente biológicos e tensionados a partir de entendimentos estreitos às “genitalidades”; uma dimensão global do processo, envolvendo enredos e contextos psicológicos, afetivos, familiares e comportamentais (DENARI, 2002, 2010).

O desenvolvimento da sexualidade é inerente à pessoa e está vinculado ao seu desenvolvimento integral e deve ser compreendida holisticamente, posto que é moldada nas relações que o sujeito estabelece, desde a mais tenra idade, consigo mesmo e com os outros.

A sexualidade é ampla, independentemente de se ter ou não uma deficiência, existe e se manifesta em todo ser humano. O erotismo, o desejo, a construção de gênero, os sentimentos de amor, as relações afetivas e sexuais, são expressões potencialmente existentes em toda pessoa, também naqueles que têm deficiências (DANIELS, 1981; ANDERSON, 2000; MAIA, 2001; BLACKBURN, 2002; KAUFMAN, SILVERBERG & ODETTE, 2003; COUWENHOVEN, 2007; SCHWIER & HINGSBURGER, 2007).

Glat (2004), afirma que a sexualidade é fenômeno biopsicossocial, e faz parte do crescimento e personalidade da pessoa. É a maneira de ser, compreender e viver o mundo através do nosso ser, como homens ou mulheres, assim como se expressa através da integração entre corpo e mente enquanto como elemento básico para a feminilidade ou masculinidade do indivíduo. Desta forma podemos dizer que a sexualidade é algo intrínseco ao ser humano, que vai além dos aspectos biológicos e genitais e não se restringe apenas ao ato sexual. “A sexualidade é um assunto natural e é vivenciado pelo ser humano” (LEÃO 2009, p. 194).

Para Denari (2002), refere-se às formas de sentir, pensar e agir que são aspectos imprescindíveis ao entendimento do ser humano em todas as suas dimensões. Nesse sentido, podemos entender a sexualidade dentro de uma dimensão plural, que envolve os aspectos culturais, biológicos e assim como psicossociais, devendo

ser respeitada conforme a individualidade de cada pessoa (Maia & Canossa, 2003). Pode-se entender, portanto, a sexualidade como amor, afetividade, busca de prazer e, também genitalidade como afirmam (Dias et al (1995); Maia e Aranha (2005). Deve-se sinalizá-la sempre no contexto do relacionamento, prazer e responsabilidade (GLAT & FREITAS, 2002).

O conceito de sexualidade é antes de tudo, amplo, difuso e histórico: a sexualidade humana faz parte da expressão histórica da personalidade e é, essencialmente, cultural na medida em que sua expressão envolve a relação entre as pessoas num contexto social.

Quando pensamos em uma abordagem mais abrangente e inclusiva, que considere também a sexualidade das pessoas com deficiência, nota-se que as iniciativas nesse sentido são pequenas e, muitas vezes, inexistentes. Reforça-se a ideia de desinteresse da sexualidade dessas pessoas, produzindo estereótipos, preconceitos, medo e incapacidade em conduzir de forma natural à orientação formal e informal da sexualidade a pessoa com deficiência.

As pesquisas brasileiras focadas no estudo da relação entre sexualidade e deficiências têm sido realizadas há algum tempo (Fróes, 2000; França-Ribeiro, 2001; Maia, 2001; Bezerra & Pagliuca, 2010; Zuin, 2020). Uma questão de concordância em grande parte delas é que para discutir essa relação deve-se pensar acerca da visão sobre as pessoas com deficiência presentes na sociedade.

Para Maia (2009), falar sobre este assunto envolve, um duplo tabu, numa área em que o preconceito é muito comum e se manifesta, por exemplo, na generalização das incapacidades e limites existentes ao longo do desenvolvimento das pessoas com deficiência para a dimensão afetiva e sexual inerente a todo ser humano.

O espaço comumente atribuído às pessoas com deficiência é o da infantilização, do foco em suas limitações e dependências, do destaque às características da deficiência em detrimento de aspectos pessoais individuais ou da fase do desenvolvimento. Como consequência, é frequente que esse assunto seja pouco discutido ou que, quando em pauta, esteja envolvido por mitos e preconceitos (França-Ribeiro, 2004). Dantas, Silva e Carvalho (2014) também

consideraram que a frequente associação dessas pessoas ao rótulo incapacitante, resultaria na invisibilidade de sua sexualidade.

Segundo Maia e Ribeiro (2010, p. 163),

conhecer e esclarecer os mitos e ideias errôneas sobre sexualidade de pessoas com deficiências é uma tarefa importante porque essas crenças podem afetar a todos, quando por meio delas se incentivam as relações de discriminação e de dominação que podem ocorrer entre não deficientes sobre os deficientes, entre homens com deficiência sobre as mulheres com deficiência, entre pessoas com deficiências menos comprometedoras sobre as que têm maior comprometimento etc.

Estudos como os de Maia e Ribeiro, (2010), apontam que a elaboração de análises generalistas e preconceituosas sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, tem relação direta com a construção histórica da deficiência como uma limitação, falta, defeito ou incapacidade funcional. As crenças sobre a sexualidade das pessoas com deficiências em geral, referem-se a um modo generalizado de ver o outro estigmatizado pela deficiência.

O contexto social, por vezes permeado por estigmas, estereótipos negativos, atitudes preconceituosas e discriminativas construídas socialmente é apontado como uma barreira para a vivência de uma sexualidade prazerosa nas pessoas com paralisia cerebral (Cardoso, 2017). Nesse sentido, vale destacar que a existência de atitudes de superproteção infantilização e negligência como barreiras ao desenvolvimento das relações afetivo-sexuais (WIWANIKTI, 2008; DUNE, 2011).

A série *Special* nos traz a discussão e o entendimento de que o universo que envolve a sexualidade, seja no tocante ao sexo, prazeres, desejos sexuais, afetividade, aos relacionamentos amorosos ainda é um espaço de inquietações e questionamentos que também se projetam ao corpo deficiente.

No decorrer dos episódios da série fica evidente que a sexualidade da pessoa com deficiência, no caso de Ryan, a paralisia cerebral, continua a ser alvo de preconceito e estigma que são

construídos socialmente e que dificultam o acesso à sua própria sexualidade, com repercussões ao nível emocional que se traduzem na dificuldade de gerir as suas emoções nas relações afetivos sexuais. Quando Ryan chega a universidade Lang, está disposto a tornar-se uma pessoa honesta sobre sua deficiência, e não escondê-la de ninguém, mas quando chega a uma festa de calouros e questionado por uma garota que estava na festa sobre o que havia acontecido com ele, referindo-se ao fato de ele mancar de uma das pernas, ele rapidamente diz que foi atropelado por um carro e que ele mesmo havia corrido de encontro ao tráfego e a partir daí Ryan deixa de ser o rapaz com deficiência e passa a ser Ryan, a vítima de um acidente. Nesta cena, podemos identificar o encobrimento do estigma em que há a manipulação da informação oculta e que a partir do momento que Ryan manipula a informação sobre ser deficiente o estigma e o preconceito passam a ser minimizado, pois o que o torna desacreditado – sua deficiência – deixa de existir, ao passo que a informação – deficiência - traz consigo marcas já construídas/ corporificadas sobre a pessoa estigmatizada.

Ryan, vítima de paralisia cerebral, não era digno de relações afetivas e sexuais, mas Ryan, vítima de acidente, sim. Nesse sentido, cabe entender que, na presença de estruturas corporais deficientes, são denominados rótulos e/ou classificações que as colocam na categoria de pessoas deficientes e que, dessa maneira, estão condicionadas a predisposições, imposições, valores, julgamentos e tradições culturais e sociais que acabam coagindo-as a aceitarem suas supostas limitações, imperfeições e incapacidades, ou seja, sua existência como pessoas com deficiência.

Deste modo, vimos que o preconceito social associado ao diagnóstico de paralisia cerebral contribui para que as pessoas em situação de deficiência não tenham oportunidades de desenvolvimento de competências de interação social nas quais possam desenvolver relações afetivas e sexuais satisfatórias, uma vez que ainda existe o tabu de que as pessoas com deficiência são consideradas seres assexuados.

É necessário intervir de modo a que esta problemática não continue a ser ignorada, a participação ativa das pessoas com deficiência nos diversos espaços sociais, produção científica que tratem a temática sexualidade e deficiência, programas de educação sexual no espaço da escola e da comunidade de modo geral poderá ser muito importante, enquanto um espaço favorável às aprendizagens, de como conviver melhor com a deficiência, melhorar a qualidade de vida, potencializando processos de ressignificação de muitos preconceitos e estereótipos relacionados com a paralisia cerebral. O processo educativo possibilita uma aprendizagem compartilhada, por meio de atividades grupais, em que se podem reconstruir individual e coletivamente comportamentos, identidades, valores e desconstruindo princípios normativos e regulatórios, onde o corpo desejo é o corpo padrão que coloca o corpo deficiente como incapaz e inapropriado para vivenciar experiências afetivas e sexuais saudáveis e seguras.

Referencias

ANDRADA, M. G., Virella, D., Gouveia, R., Calado, E., Folha, T., & Andrada, M. (2007). Validation of assessment scales for communication and neuro-motor function in children with cerebral palsy. Abstracts from the 48th Annual Meeting of the European Society for Pediatric Research. In:

BAX, M. et al. Proposed definition and classification of cerebral palsy. *Developmental Medicine and Child Neurology*, [S.l.], v. 47, n. 8, p. 571-576, Aug. 2005. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à pessoa com paralisia cerebral / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília : Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à pessoa com paralisia cerebral / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CANS, C. et al. Recommendations from the SCPE collaborative group for defining and classifying cerebral palsy. *Developmental Medicine and Child Neurology*, [S.l.], v. 49, p. 35-38, Feb. 2007. Supplement 109. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à pessoa com paralisia cerebral / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília : Ministério da Saúde, 2013.

CARDOSO, J. (2017). Redescobrir a sexualidade na deficiência. Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica.

CUSTÓDIO, Vagner Sérgio. Atividades lúdicas como elemento facilitador para inclusão do deficiente auditivo na classe comum. 2002. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91279>. Acesso em: março, 2021.

CROCKER, J.; MAJOR, B.; & STEELE, C. Social stigma. In D. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindze (Eds), *The handbook of social psychology* New York, NY; McGraw – Hill. 4th ed., v.2, p. 504-553, 1998. In: CINTRA, Ana Paula Dias et al. Estigma e atitude frente a deficiência intelectual: estudo piloto sobre a visão de professores da região metropolitana de São Paulo. 2015.

DENARI, F. E. (2002). Sexualidade e deficiência mental: reflexões sobre conceitos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 8, n. 1, p. 9-14. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/10sexualidadeeDeficienciamentalconceitos\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/10sexualidadeeDeficienciamentalconceitos(2).pdf). Acesso em abr.2021.

_____. Adolescência, afetividade, sexualidade e deficiência intelectual: o direito ao ser/estar. *Revista Iberoamericana de Educação*, Araraquara, v. 5, n.1, p. 1-9, 2010.

DUNE, T. M. (2011). Making sense of sex with people with cerebral palsy. Manuscrito não publicado. University of Sydney.

DURKHEIM, E. As Regras do Método Sociológico. São Paulo: EDIPRO, 2012. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Dominico (orgs). Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009.

FONSECA, L. F. et al. Encefalopatia crônica (paralisia cerebral). In: FONSECA, L. F.; XAVIER, C. C.; PIANETTI, G. Compêndio de neurologia infantil. 2. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2011. p. 669-679.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FRANÇA RIBEIRO, H.C Orientação sexual e deficiência mental: estudos acerca da implementação de uma programação. São Paulo: Universidade de São Paulo/Instituto de Psicologia, tese de doutorado, 2001.

FRANÇA RIBEIRO Glat, R.; PLETSCHE, M. D. O método de história de vida em pesquisas sobre autopercepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. Revista Educação Especial Santa Maria, v. 22, n. 34, p. 139-154, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial2009>. Acesso em: mar. de 2021.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: _____ (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 28-40.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.

KAUFMAN, M.; SILVERBERG, C.; ODETTE, F. The ultimate guide to sex and disability: for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness. 2. ed. Califórnia/USA: Cleis Press, 2003. In: OLIVEIRA, Everton Luiz de. "Pô, tô vivo, véio!": história de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas. 2016.

LEITE, J.M.R.S.; DO PRADO, G. F. Paralisia cerebral Aspectos Fisioterapêuticos e Clínicos. Universidade Federal de São Paulo -

Escola Paulista de Medicina - UNIFESPEM. Disponível em: <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/paralisia-cerebral-aspectos-clinicos.pdf>. Acesso em março, 2021.

LUSTOSA, F. G., SANTOS, J. A. S., A Imagem Das Pessoas Com Deficiência Nos Selos: Um Retrato (Mal) Formado? . Disponível em: <http://www.uece.br/uece/dmdocuments/ARTIGO%20SELO%20ALEX%20GE.>; Acesso em: março, 2021.

MAIA, A. C. B.; Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: Princípios para ação. In: Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da FCL/UNESP, v. 15, n. 1, p.75-84.

_____. Reflexões Sobre a Educação Sexual da Pessoa com Deficiência. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 12, n. 1, p. 35-46, 2001.

MAIA, A. C. B.; CAMOSSA, D. A. (2003) Relatos de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias. Paidéia, 205-214. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/09.pdf> Acesso em: abr.2021.

MAIA, A. C. B; CAMOSSA, D. do A. Relatos de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 12, n. 24, p. 205-214, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2002000300009&script=sci_arttext. Acesso em: abril de 2021.

MARTIN, L. G. Stigma: a social learning perspective. (1986). En Ainsley, S. C.; Becker, G.; Colman, L. M. A. (Ed), The Dilemma of Difference (145-161). New York: Plenum.

MC RUER, R.; MOLLOW, A. Introduction. In: _____. (Orgs). Sex and Disability. London: Duke University Press, 2012. p. 1-36.

OLIVEIRA, Everton Luiz de. "Pô, tô vivo, véio!": história de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas. 2016.

OMOTE, S. Atratividade física facial e prognóstico. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 113-117, 1997.

OMOTE, S. Atratividade física facial e percepção de deficiências. *Didática*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 115-124, 1993.

PIOVESANA, A. M. S. G. Encefalopatia crônica, paralisia cerebral. In: FONSECA, L. F.; PIANETTI, G.; XAVIER, C. C. *Compêndio de neurologia infantil*. São Paulo: Medsi, 2002. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à pessoa com paralisia cerebral / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

ROSENBAUM, P. et al. A report: the definition and classification of cerebral palsy april 2006. *Developmental Medicine and Child Neurology*, [S.l.], v. 49, n. 2, p. 8-14, 2007. In: HARA, Yana Barros et al. Classificação da função motora grossa em alunos com paralisia cerebral. *Revista da associação brasileira de atividade motora adaptada*, v. 21, n. 2, 2020.

RUSCH, N.; ANGERMEYER, M.C.; & CORRIGAN, P.W. (2005). Mental illness stigma; Concepts, consequences, and initiatives to reduce stigma. *European Psychiatry* Sayce, L, v. 20, p. 529-539, 1998. In: CINTRA, Ana Paula Dias et al. Estigma e atitude frente a deficiência intelectual: estudo piloto sobre a visão de professores da região metropolitana de São Paulo. 2015.

ODDING E, ROEBROECK ME, STAM HJ. The epidemiology of cerebral palsy: incidence, impairments and risk factors. *Disabil Rehabil.* 2006;28(4):183-91. In: PEREIRA, Heloisa Viscaino. Paralisia cerebral. *Rev Resid Pediatr*, v. 8, n. 1, p. 49-55, 2018.

OLIVEIRA, R. O.; OLIVEIRA, A. R. A mulher. In: MATTOSO, J.; SOUSA, B. V. (Orgs). *História da vida privada em Portugal: a Idade Média*. Lisboa: Temas e Debates/ Círculo de Leitores, 2011. p. 300-323. Virella, D., Folha, T., Andrada, M. G., Cadete, A., Gouveia, R., Alvarelhão, J., & Calado, E. (2016). *Vigilância Nacional da Paralisia Cerebral aos 5 anos de Idade - Crianças Nascidas entre 2001 e 2007*. Federação das Associações Portuguesas de Paralisia Cerebral.

WIWANITKIT, V. (2008). Sexuality and rehabilitation for individuals with cerebral palsy. *Sexuality and Disability*, 75. doi:10.1007/s11195-008-9088-6. In:

ZANINI, G.; CEMIN, N. F.; PERALLES, S. N. Paralisia Cerebral: causas e prevalências. *Revista Fisioterapia em Movimento*, Curitiba, v. 22, n. 3, p. 375-381, jul./set. 2009.

Crip Camp: um recorte sobre lutas, direitos e inclusão

Aline Sordi
Priscila Silveira Soler

“*Crip Camp: Revolução pela Inclusão*” ou em título original “*Crip Camp: A Disability Revolution*”, é um documentário estadunidense lançado no ano de 2020, distribuído por meio da plataforma de streaming Netflix, a obra é uma produção da Higher Ground Productions, empresa do casal Obama. No mesmo ano de lançamento da produção, venceu através da escolha do público na categoria “documentário americano” o festival de Sundance, o maior festival de cinema independente dos Estados Unidos da América (EUA). O documentário foi dirigido através da parceria entre Jim LeBrecht e Nicole Newnham, e pela produção executiva de Barack Obama, Howard Gertler, Michelle Obama, Priya Swaminathan e Tonia Davis.

A produção cinematográfica retrata e aborda um momento precursor e histórico do ativismo social das pessoas com deficiência que ocorreu especificamente em território estadunidense no início dos anos 1950. O movimento apresentado na obra foi marcado pela união de jovens com deficiência que frequentavam o acampamento *Camp Jened*, no estado de Nova York, entre 1951 e 1977. Um fato importante de ser mencionado, é de que a obra utiliza imagens gravadas pelos próprios campistas, trazendo à tona a veracidade dos relatos do passado e fazendo uma ponte com os dias atuais, o que faz com que durante o longa percebamos que apesar de tanta luta, décadas depois, os direitos dessas pessoas ainda não são respeitados e muitos ainda vivem em condições inferiores e desumanas.

O acampamento *Camp Jened* foi um acampamento especializado em receber crianças e adolescentes com deficiências físicas, pessoas que na época, eram quase que totalmente ignoradas

e segregadas pela sociedade. E em 1971, o Jened passou a receber dezenas de jovens com variados graus de deficiências dos mais variados tipos, desde deficiência física, deficiência auditiva, deficiência visual, paralisia cerebral e deficiência intelectual. Vale ressaltar que LeBrecht, co-diretor de Crip Camp, foi um desses jovens que frequentou o acampamento.

O acampamento promovia atividades físicas e intelectuais aos campistas, como discussões e reflexões a respeito do despreparo estrutural e social, (inclusive dos próprios familiares) mostrando como a vida da pessoa com deficiência pode ser “normal”. Durante os 107 minutos de filme nos é apresentada a falta de estrutura nas cidades, ruas e escolas e como prova disso, é exposto o relato de Judith Heumann, uma das mais importantes ativistas americana pelos direitos das pessoas com deficiência, que já havia sido impedida de se matricular em uma escola com a justificativa de que seria “perigoso ter alguém no ambiente escolar que não pudesse andar”, além de, receber outras negativas de instituições de ensino, que na realidade mascaravam seu preconceito por meio de justificativas frágeis e segregacionistas.

Camp Jened foi inspirado no festival de Woodstock e também abraçou valores e comportamentos que quebraram padrões de uma sociedade conservadora, trazendo uma nova perspectiva para o mundo ao criar condições para a inclusão das pessoas com deficiência e uma luta pelos direitos civis.

O filme de maneira relevante traz em pauta discussões sobre acontecimentos emergentes desde os tempos antigos, em que as pessoas com deficiência não eram vistas com bons olhos, por muitas vezes sendo caracterizadas como aberrações e em consequência disso eram excluídos dos meios sociais e do convívio familiar por serem motivos de chacota e vergonha, muitos eram internados em sanatórios, trancados dentro de casa ou em casas de repouso, além de serem vistos por um viés religioso, como possuídos por espíritos malignos.

Otto Marques da Silva, escritor da obra "Epopéia Ignorada - A história da pessoa com deficiência no mundo de ontem e de hoje".

traz um resumo inicial da trajetória desse grupo ao longo da história, nos mostrando como essas pessoas eram vistas como motivos para piadas e humilhações:

[...] cegos, surdos, deficientes mentais, deficientes físicos e outros tipos de pessoas nascidos com má formação eram também, de quando em quando, ligados a casas comerciais, tavernas e bordéis; bem como a atividades dos circos romanos, para serviços simples e às vezes humilhantes. (SILVA, 1987, p. 130).

O preconceito que ainda hoje paira sobre a sociedade e é generalizado, “os deficientes”, como se não houvesse diferença entre cada indivíduo, atrasa ainda mais o desenvolvimento e a inclusão do sujeito, é perceptível que ainda assim a sociedade não está preparada para receber e interagir com as diferenças de outrem. Silva (2006, p.426) comenta que:

O preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade. (...) A estrutura funcional da sociedade demanda pessoas fortes, que tenham um corpo 'saudável', que sejam eficientes para competir no mercado de trabalho. O corpo fora de ordem, a sensibilidade dos fracos, é um obstáculo à produção. Os considerados fortes sentem-se ameaçados pela lembrança da fragilidade, factível, enquanto se é humano.

O documentário tem um viés político e social, abordando temas como preconceito, autonomia e isolamento social. O filme apresenta a luta cotidiana pelos direitos civis das pessoas com deficiência, e que foi durante o acampamento *Jened*, que os campistas tiveram a ideia inicial que resultou em um dos movimentos sociais mais importantes da história da luta das pessoas com deficiência por direitos. Por muitos anos o acampamento proporcionou a esses jovens um encontro em um local em que pudessem se sentir acolhidos para viver com tranquilidade e longe dos olhares preconceituosos da sociedade da época, um local onde pudessem viver em paz e amor de modo coletivo.

A obra cinematográfica apresenta ao telespectador diversas reflexões sobre relações identitárias, preconceito, acessibilidade, movimentos de lutas, sexualidade, educação e estigma (conceito apresentado pelo sociólogo e antropólogo canadense Erving Goffman).

Goffman (1988) apresenta o conceito de estigma, que segundo ele é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. O autor menciona três tipos de estigmas diferentes: o estigma de abominações do corpo (deformidades físicas), o estigma de culpas de caráter individual (alcoolismo, distúrbios mentais, prisão, homossexualidade, suicídio, comportamento político radical), e os estigmas relacionados a raça, religião e nação.

Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 1988 p. 7)

A noção de estigma que trazemos aqui, está paralelamente associada e relacionada a ideia de *grupo-de-iguais*, que se refere a identificação de uma pessoa com outras pessoas semelhantes a ela, havendo assim a criação de um grupo de pertencimento, devido às suas similaridades e também aos objetivos em comum delas. Outro fator culminante nos *grupos-de-iguais*, é a forma do acontecimento causador do evento dos estigmatizados, são ajustamentos pessoais que proporcionam aprendizados semelhantes e o reconhecimento de si enquanto pessoa que sofre de estigmas, como por exemplo o grupo de jovens apresentado no documentário.

De qualquer forma, quer o grupo estigmatizado esteja ou não estabelecido, é, em grande parte, em relação a esse grupo-de-iguais que é possível discutir a história natural e a carreira moral do indivíduo estigmatizado. Ao rever a sua própria carreira moral, o estigmatizado pode escolher e elaborar retrospectivamente as

experiências que lhe permitem explicar a origem das crenças e práticas que ele agora adota em relação a seus iguais e aos normais. Um acontecimento em sua vida pode, assim, ter um duplo significado na carreira moral, em primeiro lugar como causa objetiva imediata de uma crise real, e depois (e mais facilmente demonstrável), como meio para explicar uma posição comumente tomada. (GOFFMAN, 1988 p. 35-36)

O recorte social da época em que ocorreu a luta dos direitos civis por essas pessoas, era marcado pela falta de inclusão nos espaços escolares e não escolares, não havia socialização dessas pessoas com a parcela da sociedade vista como “normal”, somente se socializavam com algum médico de confiança que tratava de sua condição (quando havia comprometimento da saúde) ou algum familiar, pouco se falava sobre um espaço de debate para as pessoas com deficiência e menos ainda se falava sobre a sexualidade delas, era algo impensável para a época, já que essas pessoas eram apagadas/invisibilizadas devido a sua condição de deficiência, eram resumidas somente a seres incapazes e que não podiam opinar e tinham somente que obedecer às decisões que os especialistas médicos e os pais/familiares tomavam por elas.

Sobre a questão da sexualidade, é imprescindível evidenciar que o termo sexualidade foi utilizado em meados do século XIX, para se referir a saberes sexuais. É um conceito amplo que envolve vínculo afetivo, desejo, satisfação libidinosa pautadas em influência cultural, religiosa e social (DANIELS, 1981; CHAUI, 1985; FOUCAULT, 1988; MOTTIER, 2008)

No que tange a temática da sexualidade da pessoa com deficiência apresentada na obra, é relatado ao público um exemplo de experiência vivenciado por Denise Jacobson, mulher com paralisia cerebral. Ela relata que foi submetida a uma cirurgia de apêndice sem necessidade, pois suas dores abdominais eram originárias de uma gonorreia, mas que devido às suas condições de pessoa com deficiência, a equipe médica-cirúrgica não cogitou a possibilidade de que a paciente pudesse ter uma vida sexual ativa,

a própria Denise relata na obra: “Eu tive um caso com o motorista do ônibus, porque eu estava envelhecendo e não queria morrer virgem. Uma noite tive uma horrível dor abdominal. O cirurgião decidiu que só podia ser apendicite. Operaram e tiraram um apêndice normal. Meu médico veio, examinou minha pelve e disse - *olha só, acho que pode ser gonorréia*. - Por um breve momento, senti tanto orgulho de mim! Mas então, quando pensei bem, era tudo porque o cirurgião concluiu que eu não poderia ter vida sexual. Olhe pra mim. Quem iria querer me comer? Então eu decidi voltar a estudar e fazer mestrado em sexualidade humana.”

Partindo desse acontecimento, conseguimos refletir sobre a questão da sexualidade da pessoa com deficiência ser automaticamente negada e anulada pelas pessoas sem deficiência, isso é um bom exemplo de preconceito que se arrasta aos dias atuais, é comum que ao se deparar com uma pessoa cadeirante, com mobilidade reduzida, ou um indivíduo com síndrome de down as pessoas não acreditem, seja por falta de conhecimento ou por comportamento e falas sociais, na crença da impossibilidade de que a pessoa tenha de fato algum parceiro sexual.

Há uma idéia geral de que pessoas com deficiências são assexuadas e isso está diretamente relacionado com a crença de que essas pessoas são dependentes e infantis e, portanto, não seriam capazes de usufruir uma vida sexual adulta (FRANÇA-RIBEIRO, 2001; DENARI, 2002)

Essa ideia de infantilidade e dependência é muito comum e perigosa na sociedade, pois ao assumirmos essa ideia acabamos negligenciando cuidados com a saúde e também a atenção com situações de abuso devido a falta de orientação sexual que fica associada com a incapacidade de aprender e se relacionar. Esse equívoco pode resultar em doenças sexualmente transmissíveis, violência e gravidez indesejada.

A partir dessas angústias sofridas por essas pessoas, o acampamento se tornou um espaço de convívio e de abertura de debates com seus pares, ressignificou o pensamento coletivo, tendo papel fundamental para a compreensão de que a deficiência não

era predominante e/ou determinante, além de não ser empecilho para novas amizades, relações amorosas e debates calorosos e ricos. A obra, com excelência, apresenta falas dessas pessoas e os testemunhos apresentados são marcados por falas comuns de como pela primeira vez em suas vidas elas se sentiram respeitadas.

A produção atenta-se a uma cronologia desse movimento social engatilhado pela união dessas pessoas no acampamento, apresentando momentos e marcos históricos importantes para contextualizar os direitos que hoje são garantidos/assegurados às pessoas com deficiência.

Os movimentos decorrentes do ativismo desses jovens pelos direitos das pessoas com deficiência tiveram como liderança Judy Heumann, que foi acometida pela poliomielite durante a infância e se tornou uma pessoa com deficiência. Judy é fundadora da Disabled in Action (DIA)¹. Em 1970, ela processou o Conselho Municipal de Educação de Nova York quando o seu requerimento para lecionar foi negado, a justificativa apresentada a ela foi a de que sua cadeira de rodas constituía um risco de incêndio dentro do espaço escolar, entretanto, Judy já conhecia essa justificativa, pois durante o ensino básico infantil utilizaram o mesmo motivo para barrar a sua matrícula na instituição escolar. Indignada com a justificativa apresentada a ela e com o preconceito escancarado direcionado a ela, Judy tomou como iniciativa uma ação na justiça, a qual obteve como resposta um parecer favorável. Todo esse acontecimento foi o que deu então início a sua carreira de militância em prol dos direitos das pessoas com deficiência. Posteriormente a essa ação, Judy continuou advogando pelo direito das pessoas com deficiência, foi Ministra da Educação dos EUA, lutando pelo direito à educação especial e direitos das pessoas com deficiência,

¹ A DIA é uma organização de direitos civis comprometida em acabar com a discriminação contra pessoas com deficiência. Ela luta para eliminar as barreiras que impedem as pessoas com deficiência de desfrutar de plena igualdade na sociedade americana. Fundada em 1970, a DIA é uma instituição democrática sem fins lucrativos, organização associativa isenta de impostos, e é dirigida e gerida principalmente por pessoas com deficiência.

trabalhou com os presidentes dos EUA, Bill Clinton e Barack Obama, e atualmente é reconhecida internacionalmente como líder na comunidade das pessoas com deficiência

Na produção são apresentados os principais pontos desse movimento de luta, como por exemplo, os movimentos sociais em torno da Lei de Reabilitação (*Rehabilitation Act of 1973*), uma lei federal, codificada como 29 U.S.C§ 701, ratificada pelo presidente Nixon no Congresso dos Estados Unidos em 1973, os movimentos focaram especificamente sobre a seção 504 desta lei, que visava sobre a garantia de acessibilidade nos espaços mantidos ou subsidiados com dinheiro público, como escolas, hospitais, universidades, bibliotecas, transporte, etc. Em suma, se havia dinheiro público os ambientes obrigatoriamente deveriam estar postos com acessibilidade, e proibidos de exercer a discriminação social com base na deficiência dos sujeitos, isto, a nível federal. A Lei foi regulamentada pelo Ministério da Saúde, Educação e Bem-Estar somente no ano de 1977.

A partir desse movimento social instaurado em torno da Lei de Reabilitação, houve uma maior visibilidade das pessoas com deficiência, e conseqüentemente de seus estigmas, já que atraíram para dentro de suas pautas de lutas, pessoas simpatizantes e outros movimentos que lutavam em prol dos direitos civis para as pessoas negras.

[...]a visibilidade de um estigma deve ser diferenciada de sua "possibilidade de ser conhecido". (quando um estigma de um indivíduo é muito visível, o simples fato de que ele entre em contato com outros levará o seu estigma a ser conhecido. Mas se outras pessoas conhecem ou não o estigma de um indivíduo depende de um outro fator além de sua visibilidade corrente, ou seja, de que elas conheçam, ou não, previamente o indivíduo estigmatizado. (GOFFMAN, 1988, p. 44)

O documentário mostra ao público a união do grupo *Black Panther* ou comumente conhecido como *Os Panteras Negras*, aos movimentos das pessoas com deficiência. Os Panteras Negras

surgiram em Oakland, na Califórnia, e tinham como pauta a luta política de ativistas negros que almejavam o fim da segregação racial e lutavam pelos seus direitos civis, assim como as pessoas com deficiência do Camp Jened, também sofriam com a segregação nas escolas, por meio das práticas que preconizavam a defesa do projeto de exclusão e discriminação, pela ideia do “separados mas iguais”, vide exemplo das pessoas com deficiência que eram segregadas somente a instituições de ensino especiais, e as pessoas negras que eram proibidas de estudar, ambos não eram incluídas nas escolas regulares com as/os pessoas/humanos ditos “normais”.

A noção de "ser humano normal" pode ter sua origem na abordagem médica da humanidade, ou nas tendências das organizações burocráticas em grande escala, como a Nação-Estado, de tratar todos os seus membros como iguais em alguns aspectos. Quaisquer que sejam suas origens, ela parece fornecer a representação básica por meio da qual os leigos usualmente se concebem. (GOFFMAN, 1988 p. 9)

A união entre pessoas com deficiência e os Black Panthers fortificou a luta, já que no período o movimento antissegregacionista e antirracista estava ganhando seguidores em maior proporção e conjuntamente a isso, grande representação. Os Panteras Negras não tinham uma política específica para pessoas com deficiência, mas dentro de seu partido haviam pessoas negras com deficiência, o que fez com que a união desses dois movimentos ganhassem maiores aliados, um dos Black Panthers com deficiência, conhecido por Bradley Lomax, foi quem desencadeou a união desses grupos, já que por incentivo dele, começaram a fornecer refeições, produtos de limpeza e higiene pessoal a todos os manifestantes para que não precisassem sair do local durante a ocupação iniciada em 5 de Abril de 1977, ocupação essa, que durou 25 dias e foi realizada pelas pessoas com deficiência na sede do Departamento de Educação, Bem Estar e Saúde, em São Francisco, em prol da aprovação da Lei de Reabilitação.

A partir disso, houve a união dos movimentos de luta contra o racismo e também contra o capacitismo² em relação às pessoas com deficiência, com a união dos Black Panthers ao movimento, a ação passou a ser liderada por Lomax e Heumann, o que culminou na aprovação da seção 504. De modo geral, vale ressaltar que, historicamente, todos os movimentos sociais (pessoas com deficiência, raciais, gênero, direito das mulheres, entre outros) pelos direitos civis, abrangeram o período de uma geração, de 1954 até 1980, nos EUA e em todo o mundo.

Toda essa revolução iniciada pelos campistas do Jened que posteriormente se instauraram enquanto movimento social em prol dos direitos das pessoas com deficiência, foi fundamental para o também marco histórico da aprovação da Lei Americana das Pessoas com Deficiência, haja vista que caso não tivesse ocorrido todo movimento e lutas da década de 70, não seria possível alcançar a aprovação histórica dessa lei nos anos 90. A lei, conhecida pela abreviatura de ADA, foi sancionada pelo presidente George H.W. Bush, em 20 de julho de 1990.

A ADA, tem como objetivo evitar a discriminação contra as pessoas com deficiência do mesmo modo que as leis anteriores de direitos civis proibiram a discriminação de pessoas, seja por raça, religião e gênero. A partir do sancionamento da lei, foram delineadas normas de acessibilidade para edifícios e instalações, sejam eles estabelecimentos comerciais (lojas, supermercados, shoppings), hospitais, bancos, escolas e universidades, prédios residências, igrejas, motéis/hotéis, parques, meios de transporte público (metroviários, aeroportos, portos e rodoviárias.)

No ano de 2020 a Lei Americana das Pessoas com Deficiência completou 30 anos, e durante todo esse período foi a responsável por assegurar direitos de cerca de 19% de americanos com algum tipo de deficiência física e de pessoas com outros tipos de

² Materialização através de atitudes preconceituosas que determinam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um ideal de padrão normativo relacionado à capacidade funcional.

deficiência, tudo isso, graças ao movimento iniciado no Janed e a evolução de sua luta coletiva pela garantia e conquistas de direito, é que os órgãos políticos de fato começaram a mudar essa realidade para milhões de pessoas com deficiência que vivem no EUA.

Atualmente as pessoas com deficiência estão incluídas em diversos setores da sociedade e do mercado de trabalho. Judith Heumann ao relembrar os momentos de luta e de sua juventude cheia de barreiras que limitavam suas atividades diárias diz que, “Quando era jovem, nunca imaginei que poderia ir ao cinema e ter um lugar para sentar com a minha cadeira de rodas ou ter um banheiro acessível”, a Lei ADA veio para contribuir na acessibilidade e inclusão dos americanos com deficiência, mostrando e implementando novas possibilidades de interações entre as pessoas com e sem deficiência na sociedade estadunidense.

Em suma, a obra mostra com primor que a luta travada a partir do acampamento de verão *Camp Jened* foi o que uniu os jovens a fantasiarem o ideal social de mundo a qual gostariam de viver e a questionarem o modo como eram tratados e discriminados pela parcela da sociedade sem deficiência.

Em decorrência de todo movimento instaurado por esses protagonistas com deficiência, pela militância e ativismo disseminado por eles em conjunto com outros grupos de simpatizantes e parceiros de ideais de lutas, é que foi possível que durante todos os anos sucessivos aos acontecimentos dos anos 70, milhares de cidadãos americanos tivessem seus direitos garantidos e fossem reconhecidos como sujeitos de direito. As mudanças proporcionadas por toda essa revolução que teve o Camp Jened como antecedente, foram também responsáveis pela mudança na vida de milhões de pessoas com deficiência ao redor do mundo, já que, toda a luta travada pelo grupo, repercutiu em nível global e atingiu pessoas de diversas localidades, pessoas essas, que compreendiam a angústia daqueles ativistas que se colocavam em evidência e se posicionavam contra uma política segregacionista e opressora que os marginalizam.

O documentário relata com muita sensibilidade a importância histórica das lutas pelo direito civil dos grupos minorizados³, nos fazendo perceber como o sistema é opressor com esses grupos. O filme traz lições e reflexões a respeito da necessidade de promover acessibilidade e uma mudança no comportamento social. Crip camp é uma oportunidade de aprendizado e evolução, uma verdadeira aula sobre uma realidade e desafios que nos traz esperança de novas conquistas, além de apresentar a desconstrução de diversos estereótipos relacionados às pessoas com deficiência, que estão enraizados em nossa sociedade.

Parafraseando as palavras de Jim LeBrecht – um dos campistas e o co-realizador do documentário – “a verdade é que não se sofre por uma coisa que não fazemos ideia que existe” -, a menos que chegue o dia em que todas as pessoas que vêm sofrendo em decorrência dessa omissão e segregação social se posicionem, se exponham e exponham sua história para o mundo.

Referências

CHAUÍ, M. *Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CRIP CAMP. Direção de James Lebrecht e Nicole Newnham. Estados Unidos da América. 2020, 1h48m.

DANIELS, S. M. **Critical issues in sexuality and disability**. In: BULLARD, David G.; KNIGHT, Susane. (Orgs.). **Sexuality & physical disability: personal perspectives**. Missouri/ USA: Mosby Company, 1981, p.5-17.

³ Grupos que são expressivos em quantidade de pessoas, mas que são oprimidos socialmente, não sendo assim, um grupo de minoria, mas um grupo grande que é visto como menor e é reduzido socialmente, tendo pouca representação social, econômica e política.

- DENARI, F. E. Sexualidade & deficiência mental: reflexões sobre conceitos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.8, n.1, p. 9-14, 2002.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 1988.
- FRANÇA-RIBEIRO, H. C. Sexualidade e os Portadores de Deficiência Mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.7, n.2, p.11-27, 2001.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro : Guanabara, 1988.
- MOTTIER, V. **Sexuality – a very short introduction**. New York: Oxford university press, 2008.
- SILVA, O. M. **Epopéia Ignorada** - A História da Pessoa Deficiente no Mundo de Ontem e de Hoje. 1987
- SILVA, L. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 424-561, 2006.
- SWITZER, J. V.. **Disabled Rights**: American Disability Policy and the Fight for Equality. Georgetown University Press, 2003.

A sexualidade na deficiência: simples como amar

Lucas de Moraes Negri
Fátima Elisabeth Denari

Contexto Histórico

Entender o conceito de pessoa com deficiência se torna relevante no contexto em que vivemos, entretanto, compreender estes indivíduos dentro da sociedade no qual estão inseridos não é uma tarefa fácil, uma vez que a própria sociedade os exclui pela condição de deficiência que esses sujeitos apresentam, deste modo, conhecer essas características pessoais, físicas e as reais necessidades destes sujeitos é um passo fundamental para um olhar de empatia e mais humanitário. Entretanto, o conceito de pessoa com deficiência teve diversas abordagens ao longo da história da humanidade.

Para compreender melhor esses conceitos recorreremos a Pessotti (1984) e Aranha (1995) que apresentam ao longo da história diferentes formas de ver a pessoa com deficiência, passando pelo misticismo, abandono, extermínio, caridade, segregação, exclusão, integração e, atualmente, o processo de inclusão (PESSOTTI, 1984). É sabido que durante muitos anos, as pessoas consideradas “diferentes” por alguma característica visível aos olhos da sociedade ficaram à margem dos grupos sociais, mas, com o passar do tempo, na medida em que o direito do homem à igualdade e a cidadania tornou-se motivo de preocupação, a percepção em relação à pessoa com deficiência começou a mudar. A rejeição cedeu lugar a atitudes embasadas na proteção e, sobretudo dando lugar a filantropia, apesar dos esforços do movimento das pessoas com deficiência e seus apoiadores para que essa postura seja substituída pelo reconhecimento da igualdade de direitos e de acessos.

Posto isso, não se trata a princípio de um conceito simples, mas de como a pessoa com deficiência é vista, compreendida e incluída dentro da sociedade de modo geral.

Pessotti (1984) discute que na antiguidade, em Esparta, crianças com deficiências físicas ou mentais eram consideradas subumanas, o que legitimava sua eliminação ou abandono.

Todavia, em tempos remotos há registro que as sociedades ocidentais fundamentavam-se economicamente em atividades de agricultura, pecuária e artesanato. A sociedade contava com apenas dois grupos sociais: a nobreza e os servos. Neste sentido, o poder absoluto era destinado à minoria, detentores do poder, por outro lado, associada à absoluta exclusão da maioria. Nesse cenário, a pessoa com deficiência, como qualquer outra pessoa do povo, também parecia não ter importância enquanto ser humano, sendo que as crianças deficientes eram deixadas ao relento para que morressem, já que sua exterminação não demonstrava ser problema ético ou moral (ARANHA, 2001).

Já na Idade Média, de 476 até 1453, com o fortalecimento do cristianismo, a situação modificou-se um pouco, já que todos passaram a ser igualmente considerados filhos de Deus, contudo, com o advento do Cristianismo o deficiente ganhou alma e como tal, não pode ser eliminado ou abandonado sem atentar-se contra os desígnios da divindade. Portador de misteriosos desígnios da divindade; eleito de Deus; expiador de culpas alheias, ou um aplacador da cólera divina foi à definição para a pessoa com deficiência atribuída por alguns cristãos (PESSOTTI, 2012).

Para outros, a condição de cristão dos deficientes, os tornava culpados até pela própria deficiência, justo castigo do céu por pecados seus e de seus ascendentes. À condição do sobrenatural, dementes e amentes, eram torturados e condenados a fogueira onde seus “demônios” eram expulsos - Reforma Protestante. Uma opção intermediária ao período descrito foi à segregação da pessoa com deficiência intelectual, denominado como amente, idiota, cretino, imbecil e tantas outras denominações. “[...] Não se pune, não se

abandona o deficiente, mas também não se sobrecarrega o governo e a família com sua incomoda presença” (PESSOTTI, 2012, p. 33).

No início do século XVI a Revolução Burguesa almejava o capitalismo e, embora fosse economicamente à classe dominante, era subordinada política e juridicamente à monarquia e à igreja. Entretanto há uma mudança no modo religioso de ver o homem e a sociedade e traz também uma mudança no sistema de produção: o capitalismo mercantil. Acarreta então uma nova divisão social do trabalho: de um lado os donos dos meios de produção e de outro os operários, aliada ao surgimento de uma nova classe, a burguesia, constituída por pequenos comerciantes.

Nesse novo contexto a visão do homem, que até então era abstrata, metafísica, transforma-se e torna-se mais concreta. Surgem novas ideias quanto à natureza da deficiência e, pela primeira vez, uma autoridade da medicina, Phhilipus Aureolus Paracelsus, considera ser de natureza médica um problema que até então fora situado dentro teologia e da moral (PESSOTTI, 1984). A partir desse ponto, a deficiência passou então a ser vista como produto de infortúnios naturais e um atributo do indivíduo. O deficiente era considerado improdutivo, do ponto de vista econômico, passando a ser tratado pelos métodos da medicina disponíveis na época. Foi também nesse período que surgiu o primeiro hospital psiquiátrico, que como asilos e conventos, serviam para confinar pessoas que apresentavam comportamentos fora do padrão da sociedade (ARANHA, 1995; 2001).

A Revolução Industrial, nos aspectos político e econômico resultou, além de grandes transformações no campo da atividade econômica, intensa mudança na forma de relacionamento entre os indivíduos da época. A revolução no processo de trabalho e sua consequente necessidade de mão de obra especializada, a implementação de máquinas na substituição da força motriz humana, produziu também um contingente de deficientes gerado pelas condições inadequadas de trabalho. Na divisão do trabalho, o novo sistema necessitou ainda de outro tipo de trabalhador, ou

seja, um trabalhador competente, especializado e produtivo, ampliando ainda mais o quadro de excluídos:

[...] aqueles que não mostravam um rendimento regular no trabalho, meios persistentes de automanutenção econômica, sobriedade, restrição sexual e sobretudo o respeito pela ordem estabelecida, formando-se assim o conceito de que havia inevitavelmente uma relação entre incompetência e conduta anti-social. (MENDES, 1995, p. 77).

Posto isso, as pessoas cuja capacidade de trabalho e de produção não correspondia às exigências que eram impostas, automaticamente eram excluídos e impedidos de beneficiar-se dos mesmos direitos que os demais.

Nesse período, A educação, que até então funcionava de forma semelhante ao padrão de ensino tradicional assumido pela Igreja, passou a ser oferecida também pelo Estado, com objetivos claros de preparo da mão de obra que se mostrava necessária no novo modo de produção. Ainda nesse contexto, novas ideias foram sendo produzidas, tanto na área da medicina como na filosofia e na educação. Em relação à deficiência, continuou predominando a postura organicista, voltada para a busca da identificação de causas ambientais (PESSOTTI, 1984).

Nessa mesma época, Para Locke, o espírito humano é, desde seu nascimento, como uma *tabula rasa*, adquirindo todos os seus conhecimentos pela experiência. Ele propôs uma visão naturalista, com maior tolerância às limitações. O deficiente pode ser tratado ou educado e tem direito a isso, porém não há vantagens para o poder público e para a família em assumir essa responsabilidade. Inútil para a lavoura e para o artesanato, e consumidor improdutivo da renda familiar, o deficiente não tem outro destino além do asilo (PESSOTTI, 1984).

Inicia-se a institucionalização da pessoa com deficiência intelectual, aproximadamente em 1840. Primeiramente em antigos leprosários, seguidos de hospitais, colônias e fazendas que vai perdurar-se até meados do século XX quando estes são atendidos

em asilos, escolas especiais ou então escolas comuns - final do século XX, início do século XXI. Tem-se pelo apresentado que da condição de subumano a humano a pessoa com deficiência teve apregoada a si a concepção de incapaz e ineducável, haja vista o prognóstico organicista de Pinel a Victor de Aveyron, à possibilidade indiscutível de aprendizagem com Itard, Seguin e Esquirol, cujos modelos de ensino foram seguidos por Montessori e podem ser aplicados até os dias atuais.

Em relação ao tratamento médico, Esquirol é o principal representante da área nesse período. Escreveu sob a influência de Pinel, numa época pré-científica da medicina, de contradições e polêmicas sobre a hereditariedade da deficiência intelectual. Para Esquirol a idiotia não era uma doença, mas um estado em que as faculdades intelectuais nunca se manifestaram, ou não puderam desenvolver-se suficientemente para que os conhecimentos relativos à educação fossem adquiridos. Também defendia a impossibilidade de alterar esse estado (PESSOTTI, 1984)

No século XX, os avanços científicos associados aos movimentos sociais de defesa de direitos apontam para a necessidade de reversão da realidade excludente a que são submetidos os considerados anormais. Surgem as organizações voluntárias de reabilitação, num esforço de reintegração social e profissional dos mutilados, especialmente após a irrupção das grandes guerras.

No contexto brasileiro, além da Constituição da República Federativa do Brasil, outras leis garantem os direitos de crianças e adolescentes com deficiência, entre elas a Convenção dos Direitos da Criança (CDC), a Lei nº 7.853/89, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDBEN 9394/96). A legislação brasileira é avançada relativamente às garantias de direito à educação na rede regular de ensino e o sistema educacional está gradualmente mudando sua política em relação à matricular e a aceitar estudantes com deficiência nas escolas públicas e privadas, porém o momento atual ainda é de transição (Ferreira, 2009).

Filme – *Simplex como amar* (1999)

O filme conta a história de Carla Tate e sua família. Carla é uma moça de 24 anos, com leve deficiência intelectual, que após anos morando em uma escola especial por determinação de sua mãe, no qual não conseguia lidar com a condição de deficiência de Carla a coloca nesta escola, separando assim a garota de sua família, tempos depois, adulta, Carla volta para casa cheia de sonhos e ambições. Sua necessidade de realização pessoal se expressa de forma que sua mãe é incapaz de aceitar. Quando se apaixona pela primeira vez, Carla desafia a mãe para provar que, apesar das aparências, ela tem capacidade de ser uma mulher adulta e responsável, que merece amar e ser amada e que pode sim ter uma vida independente.

Desta forma, o filme em questão aborda o cotidiano da vida de pessoas com alguma deficiência, tratando algumas temáticas relevantes nos dias de hoje, destacando assim questões voltadas para o preconceito, pois a mãe de Carla tem mais duas filhas e uma delas tem um relacionamento homoafetivo, no qual se torna evidente o desconforto da mãe diante dessa situação, podendo ser percebido na cena, mãe e filha, discute porque a mãe tenta mudar de assunto quando a filha comenta que comprou o casaco junto com a sua namorada. A filha diz à mãe que “o homossexualismo não é uma doença ou uma fase, que passará com o tempo”. Enquanto a mãe diz “que a filha precisa superar”, ela só quer que a mãe a aceite.

Outro aspecto importante tratado é a questão da relação entre pais e filhos, pode se observar o conflito gerado entre a mãe e a filha, a mãe por sua vez não confia que sua filha pode levar uma vida como a de qualquer outra pessoa, subestimando suas capacidades físicas e mentais, nesse ponto, podemos destacar principalmente a questão da superproteção. O pai por sua vez não tem voz no embate com sua esposa quando diz respeito a vida de Carla, apesar de demonstrar muito carinho e afeto pela filha.

No filme, Carla, pessoa com deficiência, mulher, quer as mesmas coisas que todos os jovens querem, quer ter sua autonomia,

sua independência, se conhecer e principalmente se descobrir em outros aspectos como o da sexualidade e assim superar seus limites, esses que são impostos pela família, escola e sociedade.

Podemos perceber no filme que a família que deveria ser a base responsável por Carla nesses aspectos mencionados acima, se torna uma família superprotetora, principalmente sua mãe, a mãe não concorda e não aprova as escolhas feitas por suas filhas, no caso de Carla a mãe sufoca por achar que a filha é incapaz, não acreditando em sua potencialidade, por hora chega a pensar que a mãe tem remorso por ter colocado a filha em um internato e tenta suprir de algum modo essa ausência, tentando de todas as formas adaptar a filha a viver em sociedade (dando muita importância ao que os outros vão pensar de sua filha).

Carla, por sua vez é autêntica não aceita os moldes impostos pela sociedade e pela mãe e se constitui como um ser em sua singularidade. As coisas começam a mudar ainda mais quando Carla conhece Danny McMann (Giovanni Ribisi), um rapaz que também possui deficiência mental, este é o ponto de partida para descobertas, juntos, Carla e Danny, vão se descobrindo, sabendo que é possível viver um grande amor, juntos são capazes de se descobrirem, afetivamente, sexualmente e conquistar o espaço que gostariam.

A sacada mais bacana do filme é abordar o romance entre o casal mesmo com suas limitações de maneira leve e direta, não há dramas desnecessários. O filme nos mostra por sua vez a questão dos relacionamentos entre pais e filhos nos faz refletir sobre o amor e seus limites na sua relação com o outro, independente de ter ou não deficiência, independente de sua escolha sexual e outros fatores como a desigualdade social entre Carla e seu namorado.

O filme por sua vez recebe o nome de simples como amar para que possamos refletir a respeito de onde está localizado o problema, na pessoa com deficiência? Uma vez que mesmo tendo uma deficiência intelectual leve, Carla é uma adolescente como qualquer outra, o filme nos leva a reflexão de que as coisas são dificultadas pelas pessoas que nos cercam, família, escola, sociedade que muitas vezes não enxergam as potencialidades que

existem nesses sujeitos e Carla no decorrer da trama mostra o quanto é capaz de realizar todos os seus sonhos.

Sexualidade e deficiência

Historicamente e socialmente a deficiência foi marcada como uma condição corporal especificamente negativa apresentando o que acarretava prejuízos às pessoas. De acordo com Oliveira (2016), os corpos que apresentam lesões têm deixado suas manifestações nas relações e nas produções humanas, marcando de forma profunda os processos sociais, políticos, culturais e sexuais-afetivos interligados, à beleza e também às histórias de vida e sexual de pessoas com deficiências, retratando a relevância de entender a complexidade de como a estética ligada ao corpo afeta principalmente aquele que é diferente.

Trazemos nesse contexto a definição na saúde no que tange as pessoas com deficiência, com base nisso recorreremos ao documento mais importante que trata dos interesses das pessoas com deficiência que vem a ser a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e a Organização Mundial de Saúde (OMS,2020).

A Convenção aborda sobre os direitos dos cidadãos com deficiência e, em seu primeiro artigo, traz a definição de pessoa com deficiência: aquela que tem impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas. A Organização Mundial de Saúde publicou o conceito de deficiência: substantivo atribuído a toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente, e pode ser classificada em cinco grupos: física, auditiva, visual, intelectual ou múltipla. Com a publicação da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) pela OMS em 2001, tem-se um marco no debate sobre deficiência, já sob forte influência do modelo social. A CIF traz o novo significado do termo deficiência:

uma experiência sociológica e política e não apenas o resultado de um diagnóstico biomédico sobre corpos anômalos.

Nesse contexto, recorreremos ainda às discussões feitas por Harlos (2012), que abrange questões da sociologia da deficiência, apresentando as deficiências como um processo criado socialmente que utilizam de padrões de comportamento, funcionalidade e aparência, nessa perspectiva, ele aponta que uma pessoa com deficiência seria aquela que se difere desses padrões e essas podem encontrar prejuízos ao longo de suas vidas, entretanto, por mais diversificadas que podem ser as deficiências, a sociologia da deficiência vem estudar como ocorrem os processos culturais e sociais que esses produzem.

Nesse sentido, questões que abordam a sexualidade se apresentam em todos os aspectos sociais, principalmente no que tange o ambiente escolar, nessa perspectiva, toda e qualquer pessoa tem o direito de receber educação, orientação e informações sobre sexualidade, sendo necessário que essa oferta ocorra por profissionais que tenham conhecimento pedagógico e científico necessários para abordar a temática de forma adequada esclarecendo as dúvidas e dificuldade de quem as tiver (RIBEIRO, 2010).

De modo geral, pode-se constatar que o tema da sexualidade é polêmico, principalmente quando justaposto ao tema da deficiência (Poppi e Manzini, 1999). A sociedade não é condescendente com relação ao comportamento social e sexual das pessoas com deficiências (Gherpelli, 1995). Os deficientes fogem dos parâmetros aceitos como normais, assim, há resistência em aceitar que eles usufruam livremente a sua sexualidade, ou que eles possam sentir desejos (COSTA, 2000).

Na década de 80, Michel Foucault (1926-1984), um crítico mordaz da sociedade, afirmou que os discursos sobre sexualidade se caracterizam como dispositivos de controle social e que toda a discursividade produzida sobre o sexo incita ao seu desvelamento, opondo-se à ideia de que exista uma repressão sexual. Para o autor, existe uma intenção na manutenção do discurso repressivo e sua aceitação tem como prerrogativa a existência de uma hierarquia

inata, natural e imutável, determinante sobre as vontades e desejos dos indivíduos.

É necessário deixar claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época Clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso (FOUCAULT, Op. Cit., 17).

O autor indica que a hábito cristã foi capaz de criar uma *scientiae sexualis* como um conhecimento de cunho organizado e metódico, produtor de uma verdade científica e confessional que incita ao discurso, interpreta, julga, consola e institui uma normalidade, exercendo de certo modo um poder controlador sobre o sexo e absoluto, atuando em conjuntos estratégicos e disciplinadores sobre o corpo feminino, a criança sexuada, a procriação controlada e eugênica e a patologização das condutas sexuais. Qualquer intervenção tem uma finalidade controladora que induz a formulação de ideias e valores de normatização, controle e repressão.

No entanto, para a área educacional, familiar e principalmente o âmbito religioso tratar questões que envolvem a sexualidade, não são temas corriqueiros a ponto de serem abordadas de forma natural, ou seja, ainda essas questões são tidas como um tabu e isso leva a poucas discussões sobre essa temática tão relevante. Todo esse tabu ocorre, pois há mitos que cercam a sexualidade de modo geral e principalmente no que diz respeito às pessoas com deficiências, e por isso é necessária à disseminação dos conhecimentos sobre a sexualidade dessas pessoas. Todavia é

fundamental que todas as pessoas recebam uma educação sexual e principalmente as pessoas com deficiência para que possam ter a plena compreensão de seu corpo e dos outros, exercendo o seu direito de ter uma vida completa e enriquecendo sua existência.

Tratar a sexualidade pressupõe formas de pensar, agir e sentir típicas características humanas e refletir sobre esse tema é preciso para torná-lo factível às pessoas com deficiências, “[...] em nome de uma ética sexual concebida sob o signo do temor, disfarçadas em protecionismo rigoroso e altamente paternalista” (Denari, 2002, p 12). Omitir, silenciar, deixar de falar, não dar importância, corrobora para proliferar cada vez mais mitos sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, todavia, ao discutir e desmistificar essa temática relevante na atualidade acarreta discussões polemicas levando a características ideologicamente multifacetadas acarreta que podem delongar soluções e respostas adequadas; diante disso se faz necessário maior atenção a políticas e programas quanto a orientação sexual, principalmente no âmbito educacional.

É fundamental que os alunos com deficiência, como os demais estudantes, tenham acesso a orientação sexual, como direito que apresentam em receber esclarecimentos e orientações de forma ética e respeitosa, de modo a auxiliá-los a exercerem a sexualidade de maneira autônoma, respeitosa e prazerosa (MAIA, 2003).

Para Figueiró (2002) o significado da orientação sexual está em propiciar aos alunos conhecimentos adequados sobre as questões da sexualidade, a fim de que possam viver de forma segura e responsável a sua sexualidade.

Os alunos que apresentam deficiências necessitam de informações sobre a sexualidade, a fim de que possam usufruir uma vida saudável e melhor integrada à sociedade. Além disso, como aponta Ribeiro (2006) pode-se considerá-los mais suscetíveis às questões sexuais, revelando a necessidade de auxílio na vivência responsável de sua sexualidade.

Tratar questões sobre deficiência não é uma tarefa fácil quando essa temática está associada à sexualidade desses indivíduos se torna algo mais intrigante a ser abordada, nesse contexto, a pessoa

com deficiência assim como qualquer outro, devem receber informações sobre a sexualidade de forma clara e respeitosa a fim de contribuir para a formação desses sujeitos, As pessoas com deficiência, detentores dos seus direitos precisam ter oportunidades de saber sobre a sexualidade, de modo que tenham acesso às informações precisas que envolvam este tema, a fim de que não sejam reféns dos mitos e tabus. Para o êxito da inclusão dessas pessoas com deficiências implica em se considerar a sexualidade, visto que é uma necessidade básica do ser humano.

A escola assim como a família tem um papel de extrema importância nesse contexto, por tanto, é mister políticas públicas e programas educacionais eficazes, que se atenham à relevância da orientação sexual ser efetivada no cenário escolar e também um trabalho conjunto com essas famílias de modo que todos possam desfrutar de uma educação inclusiva, a qual inclua e não exclua a temática da sexualidade.

Referências

ARANHA, M. S. F. Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica. *Temas em Psicologia*, 1995, vol.3, n.22. 1995.

COSTA, J. Educação inclusiva e orientação sexual. Educação inclusiva e orientação sexual. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 20, n.1, p. 50-57, 2000.

DENARI, F. E. Sexualidade e deficiência mental: reflexões sobre conceitos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.8, n.1, p. 9-14, 2002.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade humana I: a vontade de saber**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FIGUEIRÓ, M.N.D. Repensando a educação sexual enquanto tema transversal. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n.19, p. 65-81, 2002.

HARLOS, F.E. **Sociologia da deficiência: vozes por significados e práticas (mais) inclusivas**. 201 f. Dissertação (Mestrado em

Educação Especial – Educação do Indivíduo Especial).
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.2012.

GHERPELLI, M.H.B.U. **Diferente, mas não desigual**. São Paulo:
Gente, 1995.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e deficiências no contexto escolar**. Tese
(Doutorado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências,
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2003.

MAIA; A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para
minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com
deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília,
v.16, n.2, 2010.

MENDES, E. G. **Deficiência mental: a construção científica de um
conceito e a realidade educacional**. 1995. Tese (Doutorado em
Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo,
São Paulo.

OLIVEIRA, E. L. **“Pô, tô vivo, véio!”: história de vida e sexualidade
de pessoas com deficiências físicas**. 2016. 191 f. Tese (Doutorado em
Educação Especial) – Centro de Ciências Humanas, Universidade
Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

PESSOTTI, I. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São
Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

POPPI, M.A.V.; MANZINI, E.J. Concepção do professor
especializado sobre a sexualidade do aluno com deficiência. In:
MANZINI, E.J.; BRANCATTI, P.R. (Orgs). **Educação especial e
estigma: corporeidade, sexualidade e expressão artística**. Marília:
Unesp, p. 155-165, 1999.

RIBEIRO, H.C.F. Direitos sexuais uma conquista para pessoas com
deficiência. In.: MANZINI, J. (Org). **Inclusão e acessibilidade**.
Marília: ABPEE, p. 51-66, 2006.

“Ferrugem e osso”: uma análise

Bruna Poliana Silva
Melina Radaelli Gatti



O corpo e os estigmas.

“Ferrugem e osso” cujo nome de origem é *De rouille et d'os*, é um filme franco-belga de 2012, dirigido por Jacques Audiard, e o roteiro é de Thomas Bidegain e foi baseado nos contos de “Rocket Ride” e “Rust and Bone”, do livro *“Rust and Bone”* (2005) de Craig Davidson. Seu gênero é drama romântico recomendado para maiores de 16 anos.

A obra ganhou o prêmio de melhor filme no London Film Festival, além de receber indicação de melhor filme estrangeiro no Globo de Ouro e no BAFTA, entre outras indicações e prêmios como de melhor roteiro.

O filme traz uma história forte e marcante de um romance lapidado pela vida, com contratempos e sentimentos intensos entre duas pessoas que se demonstram infelizes levando uma vida difícil convivendo com a angústia e a esperança ao mesmo tempo. A história se passa no sul da França e aborda a história de Alain (Matthias Schoenaerts), que é um boxeador desempregado e tem um filho que a mãe deixou com ele, de apenas cinco anos. Com dificuldades financeiras, muda-se para a casa da irmã em busca de ajuda e logo consegue um emprego como segurança de boate. Nesse emprego, aparta uma confusão e conhece Stéphanie (Marion Cotillard), que é treinadora de orcas. Alain a leva para casa e deixa seu cartão, caso precise de algum serviço. Pouco tempo após esse incidente, Stéphanie sofre um grave acidente no trabalho durante a apresentação de um show com as orcas e tem as pernas amputadas à altura do joelho, tornando-se pessoa com deficiência física em cadeira de rodas por um tempo e depois faz uso de próteses. Os personagens se conectam e juntos passam por transformações, aceitações e superações, vivendo uma história de amor imprevisível sobre todas as dificuldades, físicas e morais.

O acidente sofrido por Stéphanie faz com que tenha os membros inferiores amputados. A amputação pode ser definida pela ausência congênita ou pela remoção (total ou parcial) de um ou mais membros do corpo (CARVALHO, 2003); e faz parte da deficiência física que consiste em toda e qualquer alteração no corpo humano resultante de problema ortopédico, neurológico ou de má formação, implicando em limitações ou incapacidades para o desenvolvimento de tarefas motoras (COSTA, 2001).

Com base na Lei nº 10.690 de 10 de junho de 2003, a pessoa com deficiência física:

[...]é aquela que apresenta alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, parapesia, monoplegia, monoparesia, teraplegia, tetraparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro,

paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. (Ministério da Saúde, 2003, sem paginação)

No caso da personagem, foi realizada uma amputação transfemural, que é a desarticulação entre o joelho e o quadril, sendo causada por processos traumáticos (Bocolini, 2000; Teixeira; Meija; Pinto, 2008). Com base nos mesmos autores, são 12 níveis de amputação em membro inferior, e essa seria a décima considerando a quantidade de perda da articulação, após amputação transfemural, fica apenas a desarticulação de quadril, e a hemipelvectomia.

A amputação pode ser definida pela ausência congênita ou pela remoção (total ou parcial) de um ou mais membros do corpo. Pode afetar a imagem corporal e conseqüentemente comprometer a integridade do indivíduo, pois essa alteração ocorre de maneira brusca e é necessário todo um trabalho para a reintegração e aceitação desse novo esquema corporal, além das alterações psicológicas, motoras, comportamentais a que essa pessoa terá que se adaptar (PROBSTNER; THULER, 2006).

O diretor do filme fez questão em demonstrar cenas fortes, fazendo com que quem assiste o filme possa sentir o realismo da situação o mais próximo possível, tornando o enredo ainda mais próximo do real e emocionante. A personagem Stéphanie, acorda no hospital após o acidente de trabalho, descobre de forma abrupta que não possuía mais as pernas, e sua primeira reação é a negação e a não aceitação da nova condição do corpo, não querer viver, e tenta tirar a vida, além de ficar depressiva. Depois da recuperação no hospital, vai para casa e se isola socialmente, vive a fase do luto, de não querer ver as pessoas, não aceita ajuda, não se preocupa com os hábitos de higiene, e usa calça comprida o tempo todo para não mostrar suas pernas amputadas e esconder sua deficiência.

A imagem corporal é formada no decorrer do desenvolvimento humano, influenciada por mudanças biopsicossociais (Andrew;

Tiggemann; Clark, 2014). É caracterizada por diversos aspectos que definem como a percepção do tamanho, forma, contorno que o indivíduo tem do seu próprio corpo, além de sentimentos envolvidos nestas características. Sendo assim, a imagem corporal é considerada multidimensional, construída pela dimensão atitudinal (cognitiva, afetiva e comportamental) e perceptiva (percepção e distorção da imagem corporal)

Apesar da imagem corporal ser uma construção complexa que envolve sentimentos, pensamentos, comportamentos e percepções relacionadas ao corpo, o peso e formato corporal tem papel relevante na caracterização da imagem corporal, podendo ser positiva ou negativa (TYLKA, 2011; TIGGEMANN, M.; McCOURT, 2013).

A imagem corporal não se restringe apenas a como nos vemos e nos julgamos, mas a maneira como incorporamos conceitos e padrões de beleza divulgados pela sociedade e mídia, na forma que tratamos nosso corpo (HALLIWEEL, 2015).

Antes do acidente, a personagem Stéphanie se encaixava nos padrões de beleza e tinha prazer em seduzir e ser desejada, por isso estava na boate sozinha no início do filme quando se envolveu em uma briga. Após a amputação ela passa a não se encaixar nos padrões ditos “normais”, mas o que é o normal?

Para abordar a definição de “normal”, é necessário mencionar o que é “norma”, cuja origem vem de algo abstrato, é elaborado sem ter uma base, uma origem, é um dogma que é estabelecido pelo coletivo. E o normal, é singular, tem relação com a experiência pessoal e cultural e assim, por meio da experiência e observação, cria-se um padrão. Dessa maneira, tanto a norma como o normal são uma construção social, mas um segue um padrão que se constrói dentro de uma realidade, cultura e hábito, e o outro está imposto sem ter uma justificativa (CANGUILHEM, 1943).

A pessoa com deficiência, assim como todas as outras pessoas não escolheram estar vivendo aquela condição diferente do que se espera pela sociedade, o normal deveria ser considerado a partir das particularidades de cada um, pois, o que é considerado normal

para mim, não é para outro que vive em situação diferente da minha. Ou seja, uma sociedade que compreende e aceita as diferenças não irá considerar a deficiência como algo anormal.

Passando os dias, inicia a fase da aceitação e a reabilitação se construindo junto a personagem na esperança de se superar e aprender a conviver com essa nova fase. Até que no momento em que Stéphanie está em casa, liga para Alain, o segurança da boate que a ajudou e deixou seu contato. Este vai até a casa de Stéphanie e a trata normalmente, não dando atenção e importância a sua deficiência, e a chama para dar uma volta. No começo ela fica relutante, mas ao ver que ele ia com ou sem ela, resolve ir. E o mesmo ocorre quando ele quer ir à praia nadar, ela fica resistente e ele apenas vai fazer sua vontade, cabendo a ela ficar sentada esperando ou ir também. Nesse momento ela se permite nadar, ter sua liberdade, se sentir livre, voltar a viver, começando a se aceitar novamente, ver as possibilidades e se acostumar com o seu novo normal.

Após essa cena, ela passa a se aceitar, ver as pessoas, ouvir música, e se redescobrir. Aceita a ideia da prótese e passa a não utilizar mais a cadeira de rodas. Não se preocupa mais em esconder suas pernas e conseqüentemente a deficiência. E também redescobre sua sexualidade aceitando seu corpo e suas necessidades.

O ser humano não é apenas o biológico, o jeito que nasce e está pronto, também tem que ser considerado a influência externa dos hábitos de vida e as questões sociais e do meio. Outra situação a ser enfrentada é que, na visão do senso comum, a manifestação de um determinado tipo de deficiência, continua sendo vista como um fardo ou “a pior coisa que poderia acontecer” a alguém... Essa exacerbação da deficiência como déficit, incapacidade ou desvantagem, tem acentuado aquilo que se pode denominar de barreiras sociais ou atitudinais. Discretas e quase sempre invisíveis, aproveitam-se da desinformação e do desconhecimento; fortalecem-se com o preconceito, e relegam a pessoa com deficiência a uma condição de marginalidade e segregação do convívio social (MUNSTER, 2004).

A dificuldade enfrentada por uma pessoa com deficiência não é atribuída ao fator biológico, mas principalmente ao social, que faz essa deficiência se tornar um problema. A deficiência está muito mais associada ao meio social cultural e momento histórico que um indivíduo está inserido do que simplesmente sua condição biológica (Vigotski, 1995). Por isso, o processo para definir uma deficiência perpassa todas as esferas sociais, culturais, ambientais e biológicas que o homem está envolvido, ele é dinâmico e recebe significados distintos, frente às suas esferas cotidianas, sociais e temporais na qual está inserido.

Voltando ao filme, algumas cenas mostram claramente essa visão da sociedade e da cultura sobre a deficiência, como no momento em que Stéphanie vai à casa de Alain e a irmã dele faz um comentário: “Coitada...”, já o filho de Alain, uma criança de cinco anos a recebe apenas com curiosidade, sem julgamentos. Em outra cena, quando ela vai à boate, um homem chega nela no bar e a corteja, eles conversam, porém quando este vai para cima dela para um beijo, Stéphanie desvia e opta por ir embora. Quando ela levanta e ele vê suas pernas, sua reação é de se afastar e se desculpar. Essa passagem do filme traz vários rótulos e estigmas sociais. Se fosse uma mulher sem deficiência, dava o direito a ele não a respeitar? Ou por que mudar seu comportamento pelo fato dela ter deficiência, faz dela digna de dó, menos mulher que outras?

Uma pessoa com deficiência é antes de tudo uma pessoa, com necessidades, sonhos, desejos, vontades, dificuldades, sentimentos, problemas, história, família..., e além disso não é mais nada do que apenas um ser humano como qualquer outro, e que está inserido em uma cultura, em um meio social, e em um determinado período histórico.

Partindo da visão do campo sociológico, e para mudar o foco da deficiência sobre o biológico, é necessário desassociar a condição da deficiência como doença, dependência e incapacidade. Pois, como traz Piccolo (2015), a deficiência não é uma consequência natural do corpo lesionado, mas sim uma imposição social, que cria uma opressão para um grupo.

[...] a deficiência é produto da opressão social inserida por sobre as diferenças expressas pelo corpo de seus sujeitos, portanto, criada mediante a insensibilidade intrínseca do meio no qual estamos inseridos. (PICCOLO, 2015, p. 5).

Pensando nisso, o papel social deveria não distinguir diferenças, seja de classe social, orientação sexual, gênero, etnia, raça e mesmo religião. É preciso entender a deficiência como produto de uma sociedade altamente excludente e não mais como derivativa de providência divina ou falha biológica. Se faz necessário repensar a forma como as pessoas com deficiência são vistas. O conceito criado pelo modelo social parte da ideia de que um fato social, a deficiência, apenas poderia ser explicado por outro fato social. Por conseguinte, os Disability Studies objetivam chamar a atenção para as tendências de desativação presentes nas estruturas da sociedade moderna e configurar mecanismos que possam gerar políticas, teorias e práticas que confrontem tal situação. (PICCOLO, MENDES, 2013, p. 470)

(...) se a deficiência é uma tragédia e mesmo com todas as tentativas de se evitá-la ela se faz presente, torna-se imprescindível a criação de mecanismos e ferramentas para que a mesma seja tratada e curada, objetivando sanar o problema. O papel de protagonista do saber médico e de seu corpo de profissionais salta aos olhos. Se a cura não é possível, deve-se remediar tal condição mediante estratégias de reabilitação para que tais pessoas funcionem de forma mais similar possível àquelas definidas como normais. (PICCOLO, MENDES, 2013, p. 469).

Esses valores e pensamentos são os estigmas, que segundo Goffman (1988), o termo se refere a um atributo que caracteriza alguém. Mas vai além dessa caracterização por um atributo, é pensar que esse estigma não é, em si mesmo, nada. Podendo ser honroso ou desonroso. Sendo relativo e de acordo com o contexto social, cultural e temporal em que está inserido e como a pessoa que o carrega lida com ele. Geralmente esses atributos são depreciativos.

Além de uma marca ou um atributo depreciativo, Goffman (1998) explora a relação entre as pessoas, e o que o outro pode achar

desse atributo e como a pessoa que o tem a enxerga e se enxerga. Tratando de detalhes da identidade individual e social e das relações em grupo a um nível micro sociológico, observando a interação social nas ações cotidianas e focando a atenção na forma como cada um desempenha o seu papel e gere a impressão que causa nos outros em diferentes contextos. Dessa maneira, traz os sentimentos das pessoas estigmatizadas sobre si próprias e a sua relação com os outros ditos “normais”.

Que foi o que a personagem principal enxergou depreciativamente. Em seguida, consegue superar esses estigmas e mudar sua visão sobre si e como a sociedade deve vê-la, por causa de uma amizade com Alain que a trata normalmente, no qual o foco não recai sobre sua deficiência e suas limitações. Nessa passagem, desperta o interesse de Stéphanie em perguntar sobre sua vida sexual de Alain.

A partir desse momento, o enredo se torna mais leve, justamente por ter essa aproximação afetuosa com Alain que a acompanha em sua rotina. Fato que também influenciou para que Stéphanie se permitisse conseguir reaprender a andar com o uso das próteses. Em um primeiro momento com o uso das pernas mecânicas houve a vergonha, e o fato de não querer mostrar em público usando calças para esconder, pois pensava que a prótese chamava mais atenção do que as pernas amputadas.

Stephanie demonstra sua baixa autoestima, e Alain a questiona como ela fazia para ter relações sexuais já que não queria mostrar suas próteses, e por ela já ter tipo relacionamentos antes do acidente, compara: “Eu antes gostava de ser observada, de seduzir. Mas, agora, nada, eu até me esqueci como é. Não sei se isso ainda funciona”. Nesse sentido, “para muitas pessoas a deficiência se sobrepõe à questão sexual, como se o corpo deficiente aparecesse antes do corpo sexual e inviabilizasse a satisfação da sexualidade própria” (MAIA; RIBEIRO, 2010, p. 167).

Para Stéphanie, suas pernas chamavam mais atenção do que ela. Sentir-se sedutora, atraente, desejante, desejada e sensual ao se olhar no espelho faz a pessoa querer manter relacionamentos afetivos e buscar na outra o prazer, o carinho, o amor. O contrário,

porém, também é verdadeiro: se a pessoa está insatisfeita consigo mesma e sua autoestima se encontra em baixa, ela pode se distanciar das outras, sentindo-se incapaz ou desmerecedora de viver uma história de amor ou uma aventura sexual. Portanto, a sexualidade se fundamenta “na relação física, social, simbólica, imaginária que eles têm com seu próprio corpo sexuado e com o corpo sexuado dos outros” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 101).

O filme mostra uma situação que em uma noite estava sentada em um bar, quando um homem se aproxima para paquerar e ao chegar perto quando vê suas próteses, rapidamente apresenta uma desculpa e se afasta. Mas com Alain era diferente, ele inclusive a perguntou “se ainda funcionava”, e também “se ainda sentia desejo”, mas ao mesmo tempo não se sentia desejada. E quando ela o afirmou prontamente se manifestou para ter relações sexuais com ela. E nesse contexto, para a pessoa com deficiência é muito importante manter esse tipo de relação, pois “pessoa com deficiência adquirida a perceber-se uma pessoa desejável, querida, agradável, que se reconhece como deficiente, mas nem por isso deixa de amar e desejar, estabelecer relacionamentos afetivos gratificantes (MAIA, 2010, p. 04).

Merleau Ponty cita o próprio Freud sobre a sexualidade:

O sexual não é o genital, a vida sexual não é um simples efeito de processos dos quais os órgãos genitais são o lugar, a libido não é um instinto, quer dizer, uma atividade naturalmente orientada a fins determinados, ela é o poder geral [...] É a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história. (MERLEAU PONTY, 1994, p.219).

O filme mostra os detalhes desse primeiro contato com a vida sexual. A todo momento é possível perceber a preocupação e o desejo que vinha da parte de Alain, fato que facilitou para a entrega e confiança de Stephanie. No primeiro contato, ela tira as pernas mecânicas e esconde para que ele não visse, e para ela demonstrar sua sensualidade foi difícil no começo, mas com o passar do tempo

os encontros passaram a ser frequentes e ambos demonstraram satisfeitos. A sexualidade não deve ser estática, nem o reflexo.

O corpo não é percebido apenas como um objeto qualquer, essa percepção objetiva é habitada por uma percepção mais secreta: o corpo visual é subtendido por um esquema sexual, estritamente individual, que acentua as zonas erógenas, desenha uma fisionomia sexual e reclama os gestos do corpo masculino, ele mesmo integrado essa totalidade afetiva. (MERLEAU PONTY, 1994, p.216).

Oliveira (2016) em seu estudo intitulado “‘PÔ, TÔ VIVO, VÉIO!’: histórias de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas” aborda com base em suas experiências pessoais, em como o corpo com deficiência era enxergado pelos outros, a necessidade e importância dele e das demais pessoas com deficiência (no caso a física), se conhecerem, saberem seus potenciais, despatologizar a deficiência, se reconhecerem, e por sexualizarem-se.

O trabalho de Gavério (2017), teve como objetivo explorar a interação entre desejo sexual/identitária e deficiência através das práticas e relações. Neste trabalho, aborda diferentes conceitos como: devotees, pretendens e wannabes, e a atração e as relações sexuais com pessoas com deficiência.

Esse autor também traz a teoria crip, cuja origem da palavra vem do diminutivo de cripple, que significa aleijado, defeituoso e tem sido ressignificada e usada de maneira geral e estratégica, principalmente pela comunidade deficiente ativista como uma norma pré-estabelecida, corpos, deficiências e comportamentos. A sua origem vem do contexto político cultural que se estabeleceu com os debates euro-americanos socioconstrucionistas sobre as identidades humanas. “De fato, os movimentos teórico-políticos gay\lésbico e deficiente possibilitaram perceber o corpo não mais como um destino. Porém, o que o queer e o crip denunciavam de suas próprias bases sócio construídas é que retirar da biologia a origem dos corpos e passá-la para o ‘reino sócio-cultural’, como se o corpo fosse matéria ontologicamente inerte e neutra onde demarcações

culturais se instalam, tem acabado por circunscrever muitas corporalidades como sem importância (matter) (Butler, 2002).”

Assim, corpos e deficiência existem em diferentes locais e culturas e são uma forma de resistência, e busca mostrar que a deficiência não deve ser estigmatizada, rotulada, a deficiência ou a pessoa com deficiência, precisam, de alguma maneira, 'desaparecer' das relações em que ela é deflagrada, e deve ser aceita socialmente e se aceitar, isso envolve ter uma vida sexualmente plena. Saindo da ideia de normalização e pensando no modelo social da deficiência (Galvério, 2017).

Nesse contexto, no filme fica evidenciado a dificuldade que a personagem tem em se permitir se sentir atraente novamente, confirmando a hipótese de que para as mulheres é mais difícil aceitarem a sua própria imagem corporal de pessoas com deficiência porque “elas sofrem de forma mais enfática a influência de um padrão de beleza estereotipado e se preocupam com a possibilidade de sua atratividade” (MAIA, 2010, p. 06).

Segundo Maia (2010), existe sim uma diferença entre homens e mulheres quando se trata da aceitação de sua condição de pessoa com deficiência em termos de imagem corporal e sexualidade. Pois, no caso do sexo feminino, os padrões de beleza estereotipados se impõem mais facilmente, fazendo com que “se preocupem com a possibilidade de sua atratividade, enquanto os homens com deficiência relacionam seu conceito pessoal corporal às questões de atitude e desempenho” (MAIA, 2010, p. 06).

Fato que também é evidenciado no cinema como um todo, ao analisar as obras que trazem a questão da sexualidade e pessoa com deficiência, a grande parte é masculino, poucos casos abordam o lado da mulher. Um exemplo clássico, é o filme “Como Eu Era Antes de Você”, que conta a história de um homem rico e bem-sucedido Will (Sam Claflin) que leva uma vida repleta de conquistas, viagens e esportes radicais até ser atingido por uma moto. O acidente o torna tetraplégico, obrigando-o a permanecer em uma cadeira de rodas. Até que entra em cena a empregada Louisa Clark (Emilia Clarke) que é contratada para cuidar de Will.

De origem modesta, com dificuldades financeiras e sem grandes aspirações na vida, ela faz o possível para melhorar o estado de espírito de Will e, aos poucos, acaba se envolvendo com ele.

Ter um protagonista do filme com deficiência sendo do sexo masculino é comum no meio cinematográfico. Alguns exemplos são as obras: *Os Intocáveis*; *simples como amar*; *Yo tambien*; *As sessões*; *O homem elefante*.

É preciso ressaltar que a sexualidade de qualquer pessoa, tenha ela deficiência ou não, incide diretamente sobre sua imagem corporal. E a mulher tem como característica uma maior preocupação sobre isso. Entretanto, para “muitas pessoas a deficiência se sobrepõe à questão sexual, como se o corpo deficiente aparecesse antes do corpo sexual e inviabilizasse a satisfação da sexualidade própria” (MAIA; RIBEIRO, 2012, p. 167).

O modelo social da deficiência iniciou após a segunda metade do século XX, e passou a projetar na pessoa com deficiência uma possibilidade de existência despatologizada. Assim, as pessoas deficientes passaram a ter autoridade de se auto representarem.

A deficiência não é uma desvantagem social, desde que a sociedade que essa pessoa esteja inserida a aceite e minimize a sua diferença biológica. Como por exemplo, hoje há recursos, aplicativos, próteses, entre outras tecnologias que possibilitam autonomia e inserção social de uma pessoa com deficiência.

Dessa maneira, se uma pessoa com deficiência estiver inserida em uma sociedade que de possibilidades de ela ser aceita, ser deficiente não é uma tragédia. Porém, se ela não estiver, ser deficiente pode ser muito difícil. Por exemplo, ser uma pessoa com deficiência física que faz uso de cadeiras de rodas em um país desenvolvido, que tenha rampas de acesso nas ruas, elevadores, caixas de banco adaptados..., isso possibilita ter uma vida como de qualquer outra pessoa. Porém se estiver em um local sem estrutura, que não tem rua asfaltada, muito menos calçadas, com escadas... essa pessoa enfrentará dificuldades, o que torna sua vida mais difícil do que de uma pessoa sem deficiência. Portanto as barreiras vão desde as arquitetônicas e atitudinais, que

fazem de um modelo social da deficiência permitir melhores condições para as pessoas com deficiência.

Amaral (1998) aborda a deficiência física sob a perspectiva sociocultural, falando de diferenças físicas, preconceito e sua superação. A partir de uma reflexão sobre aspectos psicossociais, a autora traz uma interessante analogia com crocodilos e avestruzes, no qual os crocodilos são os preconceitos, estereótipo e estigma relacionado à pessoa com deficiência impostas pela sociedade, e os avestruzes é o mecanismo de fuga, como colocar a cabeça na terra para não ver os problemas, se anular, esconder. Essa autora também faz uma reflexão sobre “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” associando a deficiência por meio de passagens históricas marcantes a antagonicamente ao que o ditado diz, conclui que a “água mole” da ideologia bateu inexoravelmente na “pedra dura” das visões críticas da realidade e a história continua a se repetir em diversos casos, sem conseguir “até que fura”.

Desse modo, podemos dizer que na história do filme “Ferrugem e osso”, foi possível a água furar a pedra, superarem juntos os desafios impostos pela sociedade e pela vida, sendo um homem bruto, solteiro com um filho pequeno para criar, desempregado, sem valores morais, que no final aprende a amar e o valor das pessoas e a agir de maneira correta socialmente; e uma mulher que supera a deficiência e os julgamentos sociais e se descobre e volta a viver em diferentes âmbitos de sua vida.

O filme exterioriza por meio dos corpos dos personagens a ferrugem e o osso, sinônimos para o materialismo e o palpável, no qual o corpo transmite o sofrimento vivido por cada um dos protagonistas que em nenhum momento reclamam ou choram, não querem piedade e não há cenas de redenção. Assim, o filme é marcado pela dura realidade de dois guerreiros que juntos superam suas dificuldades pessoais e sociais.

Assim, pode-se pensá-lo e analisá-lo, com base em Bianchetti (2002), refletindo sobre a multiplicidade de formas que podem ser assumidas na perspectiva de quem olha e de quem é olhado/estigmatizado.

Diante de tudo isso, acreditamos que a aquisição de uma deficiência física determina sim alterações na imagem corporal, exigindo que a pessoa desenvolva uma nova concepção sobre si, e isso não vai acontecer de uma forma repentina. As pessoas que convivem precisam estar com disposição de enfrentar e lidar com a situação como a própria pessoa com deficiência. Ainda mais quando ela é adquirida após um acidente como no caso do filme “Ferrugem e osso”.

Finalizamos afirmando que esse assunto ainda precisa ser discutido, foi apenas um o início. A posição da mulher com deficiência precisa estar mais presente nas discussões e principalmente no cinema. Os filmes são grandes possibilidades educativas, tanto pelos personagens da obra, quanto a quem tem a oportunidade de assistir, podendo ter sensações e valores que relacionam um contexto que pode estar sendo vivenciado por quem assiste. Os enredos oportunizam a visão sobre uma situação e uma reflexão sobre ela, assim sendo possível analisar e compreender as histórias do cinema com as histórias da vida real, um meio na qual a informação chega para mais pessoas. Apesar dos índices mostrarem que os homens aparecem com mais frequência quando o assunto é deficiência física, a mulher também marca presença e precisa ser vista. Cada história, cada experiência corporal vivenciada é única e precisa ser contada. Esperamos que essa análise possa ser considerada como um pontapé inicial para subsidiar novas discussões com essa importante temática.

Referências

AMARAL, L.A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceito e sua superação. Em: AQUINO, J.G. (org). **Diferenças e preconceitos na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

ANDREW, R.; TIGGEMANN, M. CLARK, L. Uma extensão do modelo de aceitação da alimentação intuitiva em meninas

adolescentes: um papel para comparação social ?. **J Eat Disord**, vol. 2, 2014. Acesso em: 14 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/2050-2974-2-S1-O40>>.

BIANCHETTI, L. As múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências. Marília: Revista Brasileira de Educação Especial, v.8, n. 1, 2002.

BOCOLINI, F. **Reabilitação - Amputados, Amputações e Próteses**. 2. ed., São Paulo: Robe, 2000.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**, trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas, 5a Edição - Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1943.

CARVALHO, J. A. **Amputações de membros inferiores**: em busca da plena reabilitação. 2. ed. Barueri, SP: Ed. Manole, 2003.

COSTA, A. M. Atividade física e esportes para portadores de deficiência física. In: BRASIL. **Lazer, atividade física e esportiva para portadores de deficiência**. Brasília: Ministério do Esporte e Turismo, 2001, p.53-87

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia, corpo, espaço. In: PASSEGGI, M^a da Conceição (org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

GAVÉRIO, M.A. **ESTRANHA ATRAÇÃO. A criação de categorias científicas para explicar os desejos pela deficiência**. São Carlos: Programa de Pós Graduação em Sociologia/UFSCar, 2017, dissertação de mestrado.

HALLIWEEL, E. Future directions for positive body image research. **Body Image**. Vol.14, p.177-89, 2015.

Ministério da Saúde. **Manual de Legislação em Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência**, Brasília, DF, 2003.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima de pessoas com deficiência física**. 2010. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0515.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2021.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.2, p.159-176, Mai.-Ago., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v16n2/a02v16n2.pdf>. Acesso em: 13 abril 2021.

MERLEAU PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: M. Fontes, 1994.

MUNSTER, M. A. **Atividades recreativas e deficiência: perspectivas para a inclusão**. In: SCHWARTZ, Gisele (Org.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

PICCOLO, G. M. **Por um pensar sociológico sobre a deficiência**. Curitiba: Appris, 2015.

OLIVEIRA, E. L. **“PÔ, TÔ VIVO, VÉIO!”: histórias de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas**. São Carlos: Programa de Pós Graduação em Sociologia/UFSCar, 2016, tese de doutorado.

PROBSTNER, D.; THULER, L. C. S. Incidência e prevalência de dor fantasma em pacientes submetidos à amputação de membros: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Cancerologia**, p. 395-400, Out. 2006.

TEIXEIRA, R. A.; MEIJA, D. P. M.; PINTO, L. G. G. **A intervenção fisioterapêutica em pacientes amputados referindo dor fantasma em membros inferiores**. Goiânia, 2008.

TIGGEMANN, M.; McCOURT, A. Body appreciation in adult women: Relationships with age and body satisfaction. **Body Image**. 10(4):624-7, 2013.

TYLKA, T. L. Positive psychology perspectives on body image. In: Cash TF, Smolak L (Eds.). **Body image: A handbook of science, practice, and prevention**. New York: Guilford Press; p. 56-64, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos da Defectologia**. Obras Completas. Tomo cinco. Editora Pueblo y Educación, Ciudad de La Habana, 1995.

Práticas inclusivas: um caminho para superação da estigmatização de alunos com deficiência

Milena Lucania de Freitas
Talissa Lopes Ferreira

Introdução

O presente estudo surgiu a partir de discussões em uma disciplina de um programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Durante as reflexões em nossas aulas observamos como as marcas de preconceitos com pessoas com algum tipo de deficiência ainda estão presentes em diversos ambientes de nossa sociedade atual, sendo um deles as instituições escolares.

Nesse viés, surgiram diversas indagações sobre a temática nas quais nos instigavam a pesquisar, mais como somos professoras e tivemos algumas experiências em nossas trajetórias, resolvemos abordar a questão dos estigmas em alunos com algum tipo de deficiência no chão das escolas, e analisar como a prática de docentes podem auxiliar na superação destes preconceitos.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as ações pedagógicas inclusivas do professor do filme “Como estrelas na terra, toda criança é especial” e as experiências das autoras, em como essas práticas colaboraram na superação das exclusões causadas pela estigmatização com os alunos com deficiência.

No atual momento da educação, onde agora se parece que a proposta da inclusão escolar está sendo efetivada a partir da criação de leis e movimentos pela luta da pessoa com deficiência, anseia-se que os preconceitos e estigmas para com os estudantes com deficiência deveriam ser extinguidos do chão das escolas, nós professores que conhecemos a realidade das salas de aulas sabemos que a educação inclusiva e a exclusão dos estigmas deve ser um

conjunto de práticas para ser realmente concretizada de fato a inclusão, e a superação dos preconceitos ainda presentes em nossa comunidade escolar.

Desse modo, o papel do professor se faz crucial, pois ele será um mediador a partir de sua práxis ao ponto de favorecer ou desfavorecer a exclusão que os estigmas geram na vida pedagógica, social e emocional da criança com deficiência. Nunes e Madureira (2015), afirmam que uma escola que pretende ser inclusiva procura responder às necessidades de todos os alunos que a frequentam, o que exige a criação de oportunidades para que estes se sintam acolhidos e participem ativamente nas atividades escolares. Nesse sentido, a inclusão impõe inúmeras mudanças importantes no modo de pensar e acerca do papel da escola e na maneira de desenvolver práticas pedagógicas eficazes que garantam a aprendizagem de todos.

Sabemos que não é só papel do professor agir para a exclusão dos estigmas, mas também de toda a comunidade escolar, estando incluídos os familiares, a equipe escolar, e todos os membros da sociedade. Mas, o docente deve colaborar sendo o mediador nesse processo com práticas conscientes e reflexivas sobre quem são as pessoas com deficiências: seres humanos com potencialidades e necessidades, assim como qualquer outra pessoa humana.

Durante este nosso processo reflexivo, perpassando pela disciplina onde íamos analisando questões entre a teoria e a prática decidimos construir o presente estudo a partir de nossas discussões dividindo-o nos seguintes tópicos: 1) Metodologia, 2) Estigma em pessoas com Deficiência, 2.1) Como superar os estigmas causadores de Exclusão?, 2.2) Práticas Inclusivas colaboradoras para excluir a estigmatização, 3) Relatos de Experiências Pessoais e do Filme “Como estrelas na terra, toda criança é especial”; 4) Considerações.

Nossa pesquisa é de caráter exploratório bibliográfico, a qual nos proporcionar maior familiaridade com o problema identificado, tendo como bases referenciais sobre a temática abordada, explicitar de maneira coerente os dados (GIL, 2008).

Desta forma, apresentamos relatos de experiências alicerçados em nossa prática de vivência e docência para ancorarmos as discussões relacionados as dificuldades e estigmas enfrentados pelos alunos, por meio da leitura desses relatos, pode ser possível uma aproximação com as dificuldades enfrentados por eles, auxiliando na nossa reflexão sobre nossa prática docente no acolhimento há estes alunos.

A utilização do relato de experiência visto que este, coloca ao pesquisador o desafio de articular teoricamente conhecimentos que marcam seu pertencimento coletivo, ao mesmo tempo em que ativam suas competências de tradução, percepção e interpretação (DALTRO, FARIA; 2019).

Para construir nosso referencial teórico, realizamos um levantamento bibliográfico de artigos no periódico da Capes e da Scielo, onde encontramos 19 artigos relacionados com a nossa temática: Os estigmas com alunos público alvo da educação especial e a prática pedagógica inclusiva como caminho para superação dessas marcas de exclusão. Usamos os seguintes descritores para realizarmos nossas buscas: “Estigma e educação especial”, “Práticas pedagógicas inclusivas”, “Inclusão e prática pedagógica”. Ancoramos nossas discussões e análises que surgiam enquanto desenvolvemos o trabalho, nos aproximamos dos estudos de Goffman, em especial em seu livro: “Estigma”, um dos motivos dessa escolha está relacionado ao engajamento do autor em se tratando de reflexões e definições sobre o estigma na sociedade, e por ser um estudo discutido em nossa disciplina também.

Goffman (1980), define estigma como um atributo considerado extremamente depreciativo pelo meio social no qual o indivíduo está inserido, esta depreciação conduz o indivíduo ao descrédito de forma intensa pela sociedade. A pessoa estigmatizada é vista como defeituosa, fraca ou em situação de desvantagem em relação a todas as demais.

Nas escolas observamos, que os estigmas para com os alunos com deficiência muitas vezes partem de integrantes da equipe pedagógica, de famílias de outros alunos, entre outras situações,

muitas vezes nós professores ouvimos "esta criança só dá trabalho", "ela não consegue se encaixar", "não consegue aprender", entre outros comentários depreciativos e preconceituosos que muitas vezes resultam em ações exclusivas no meio escolar.

Nesse sentido, inquietar-se com concepções preconceituosas no espaço escolar, deve reverberar em práticas pedagógicas inclusivas que permitam refletir e encontrar caminhos para a efetiva aprendizagem de todos. Nesta perspectiva, as práticas pedagógicas inclusivas têm um papel crucial pois, podem auxiliar na problematização das concepções disseminadas socialmente acerca dos estigmas produzidos sobre os alunos que aprendem num tempo e ritmo diferenciados, corroborando com o entendimento que a diversidade faz parte da condição humana.

O desenvolvimento de tais práticas requer que o professor centralize seu olhar nas potencialidades dos estudantes, escolhendo metodologias, recursos, estratégias que desafiem os discentes e permitam a aprendizagem e o desenvolvimento. Omote (2008), nesta mesma direção aconselha que devemos sair da visão tradicional, em que o foco de atenção no ensino de crianças com deficiência está ancorado nas limitações, e construir um novo olhar com foco nas possibilidades de ensino e aprendizagem das crianças, para que assim, o ambiente escolar promova a participação de todos os estudantes.

Se faz relevante deixarmos claro que o conceito de inclusão tomado neste trabalho refere-se a perspectiva trazida pela Declaração de Salamanca de que o "princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter" (UNESCO, 1994, p. 5).

A prática pedagógica pode ser definida como a mediação docente na qual tem por objetivo potencializar a aprendizagem de todos os estudantes, considerando-se para isso suas características únicas e próprias, nas quais estão presentes em todos os seres humanos. Segundo Pimentel (2018), isso significa que os professores devem ter "a consciência de que as formas de ensinar precisam estar

intrinsecamente relacionadas aos modos de aprender de cada indivíduo" (Pimentel, 2018, p. 67). Neste Viés, buscaremos neste estudo refletir e discutir sobre a importância das ações e do papel docente como colaboradores para a exclusão de estigmas para com alunos com algum tipo de deficiência nas escolas regulares.

1. Metodologia

Foi realizado uma busca nos periódicos da Capes e Scielo, como o intuito de encontramos artigos relacionados com a temática escolhida.

Utilizando-se das seguintes descritores, estigma, educação especial, práticas pedagógicas inclusivas, inclusão e prática pedagógica. Estes descritores foram selecionados baseados nos objetivos já previamente definidos do trabalho. Após leitura detalhada dos artigos encontrados, foram selecionadas vinte e uma publicações nos períodos citados, as quais permeavam nos objetivos de estudo.

Estas leituras possibilitaram relacionar a teoria a prática, e foram complementados com o Filme "Como estrelas na terra, toda criança é especial", o qual, possibilitou a ideia da utilização dos relatos de experiência para ampliar a troca de conhecimentos discutidos neste estudo.

O relato de experiência e a pesquisa bibliográfica foram empregados com o objetivo de embasar as discussões trabalhadas no texto e aproximar o leitor da realidade do cotidiano escolar.

Em particular o relato de experiência é uma modalidade de cultivo de conhecimento no território da pesquisa qualitativa, concebida na reinserção e na elaboração ativada através de trabalhos da memória, em que o sujeito cognoscente implicado foi afetado e construiu seus direcionamentos de pesquisa ao longo de diferentes tempos. Isso posto, conjugará seu acervo associativo agindo processualmente, tanto em concomitância com o evento, como trazendo o produto processado pelas elaborações e em suas concatenações, e, finalmente, apresentará algumas das suas compreensões a respeito do vivido (DALTRO, FARIA; 2019).

Utilizar o relato de experiência como metodologia de construção de conhecimento científico, de forma descentralizada, significa abdicar da pretensão moderna do discurso unificado e total. Entretanto, significa também compreender que o discurso está afetado por fatores exteriores, conscientes e inconscientes daquele que profere a palavra narrativa e tem potência de contribuição social. O discurso, como ensina Foucault (2012), é uma representação culturalmente construída pela realidade. Nessa perspectiva, o relato de experiência, como uma construção discursiva, demanda a inclusão crítica dos elementos históricos ali circulantes, e os efeitos possíveis de serem apreendidos pela lente do autor.

Nesta perspectiva então, o relato de experiência juntamente com a pesquisa bibliográfica embasaram as discussões a seguir.

2. Estigma em pessoas com Deficiência

De acordo com Reis, Araújo e Glat (2019) os estigmas são criados a partir das transformações sociais, na qual são estabelecidas normas e qualquer pessoa que destoe deste padrão idealizado e imposto levará a marca da estigmatização e exclusão.

Transformações nas dinâmicas sociais são, inevitavelmente, acompanhadas pela produção de normas e valores frente às quais o indivíduo poderá ser “aceito” ou “rejeitado”, dependendo das exigências do processo sociocultural instituído em cada comunidade. Essas exigências resultam, frequentemente, na marginalização e exclusão (real e/ou simbólica) de diversos grupos de pessoas que, devido às suas características físicas, intelectuais, de desenvolvimento, culturais, de gênero, etnia, sofrem diferentes formas de desigualdade e preconceito. Estas marcas negativas construídas socialmente constituem o estigma. (REIS, ARAÚJO, GLAT, 2019, p. 4)

Goffman (1980), define estigma como um atributo considerado extremamente depreciativo pelo meio social no qual o indivíduo está inserido, esta depreciação conduz o indivíduo ao descrédito de forma intensa pela sociedade. A pessoa estigmatizada é vista como

defeituosa, fraca ou em situação de desvantagem em relação a todas as demais.

Nesse sentido, Goffman (1980) defende em sua teoria que somos divididos em categorias no meio social, nas quais somos todos “encaixados” nestas categorias. Estas expectativas são sempre lembradas quando entramos em contato com alguém que vivencia o processo de estigmatização, ou seja, conseguimos enxergar essa divisão de quem é estigmatizado.

Goffman (1980) traz que o estigma é definido enquanto marca ou sinal que designa o seu portador como desqualificado ou menos valorizado, ou seja, é aquele indivíduo que está inabilitado para ser aceito em seu círculo social. O autor ainda aponta a existência de três tipos de estigma.

Em primeiro lugar, caracterizam-se as deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 1980, p. 7)

Segundo Goffman (1985), quando classificamos uma pessoa, é porque estamos buscando naquela pessoa uma proximidade com o que seria considerado como “normal” para aquele contexto social. Esse conceito de normalidade, nessa perspectiva, varia de acordo com as experiências de cada sujeito e os contextos nos quais estão inseridos.

Quando Goffman (1980) se refere às normas estabelecidas pelo meio social, alega que para este contexto todos os indivíduos devem seguir as mesmas expectativas impostas e incorporadas por aquele meio, ou seja, em um sistema escolar padronizado pela sociedade capitalista onde se preocupa com resultados rápidos e mecanizados esquece-se de quem é o público das escolas, seres humanos, que

aprendem de formas diferentes e em tempos diferentes, pois a diferença é uma característica constituinte do ser humano.

No entanto, apesar das recentes políticas e ações afirmativas em favor dos direitos das pessoas com deficiência, a visão social sobre pessoas com deficiência ainda está permeada de preconceitos. Como sinaliza Carneiro (2007) “[...] não podemos esquecer que eles se constituíram numa sociedade excludente, preconceituosa, onde a visão hegemônica acerca da deficiência, ainda é organicista, focada nos sujeitos que trazem marcas significadas como limites e impossibilidades” (CARNEIRO, 2007, p.182).

Devemos lembrar que é nesse contexto sociocultural estigmatizante que as pessoas com deficiência constroem sua identidade e assumem seu lugar no mundo nas diferentes fases de sua vida. Muitas vezes esse processo de socialização estereotipada no qual faz parte do convívio do indivíduo com deficiência, reflete frequentemente, na construção de uma auto-imagem depreciativa, na medida em que o sujeito acaba se identificando com o papel que lhe foi outorgado pelo meio ao qual está inserido. De maneira, consciente ou inconscientemente, “ele passa a ver a si próprio como se não fosse nada além de um deficiente” (Glat, 2006, p. 31), e é assim tratado pelos demais, inclusive sua família.

Sabemos, que em função da desvalorização da capacidade de pessoas com deficiência, sua visão de mundo “raramente é levada em consideração na elaboração de teorias a respeito da deficiência ou no planejamento de programas de atendimento” (Glat, 2006, p. 26). Contudo, compreendemos a necessidade de esses sujeitos serem escutados de forma respeitosa, pois somente a partir do momento em que ouvirmos suas vozes, poderemos entender sua realidade e criar políticas e demais dispositivos para favorecer sua inclusão social e escolar.

2.1 Como superar os estigmas causadores de Exclusão?

As formas de estigmatização presentes no meio social acabam acarretando as marcas de preconceito e exclusão que chegam até as

escolas. A exemplo disso, podemos voltar às normas da sociedade, e pensar qual é o tipo de aluno que as escolas alienadas pelo sistema capitalista e desumano esperam encontrar?, sabemos que não são alunos que destoem do que é considerado normal, mas aqui nos vale refletir para além dos sujeitos com deficiência, será que todos alunos se encaixam nos padrões impostos?. Sabemos que não.

Magalhães e Ruiz (2011, p. 23), destacam que

Os ambientes sociais estabelecem, então, categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontrados. Isto facilita nosso relacionamento com pessoas estranhas visto que podemos identificar nelas um conjunto de atributos que tornam sua inserção social inteligível. Assim, o conjunto de informações disponíveis sobre um indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que o indivíduo esperará deles e vice-versa. Desta forma, quando estamos em um quartel do exército dificilmente encontramos um artista de circo. Ali, esperamos encontrar militares e um conjunto de atributos passíveis de serem identificados em cada patente. Da mesma forma, temos expectativas do que encontraremos nas escolas: alunos, professores e outros funcionários públicos. Estas pessoas criam expectativas sobre que alunos poderão encontrar naqueles espaços.

Dessa forma, estas determinadas tendências de exigir que todos os sujeitos se encaixem nos “padrões” determinados pelo meio social, acontecem também nas instituições escolares. Quando nas reuniões no início do ano letivo na separação de turmas, refere-se que o professor terá um aluno “especial”, já se começam as marcas de exclusão, pois não é visto cada aluno com suas características, potencialidades, dizem: "você terá um autista boa sorte, porque eles são difíceis". Infelizmente, nos parece duro, mas nós como professores ouvimos isso e muito, de outros colegas de trabalho, de famílias. Para Magalhães (2005), essas nomeações podem gerar muitas vezes um descrédito que atrapalham a inclusão escolar desses estudantes.

Em pesquisas como a de Schneider (1985), relatou que os alunos que eram nomeados deficientes desde seu ingresso no processo de escolarização mantinham um desempenho acadêmico mais lento. Esse rótulo de este aluno é mais “lento” do que os outros, causando uma grande depreciação e desvalorização em relação a capacidade de aprendizagem, gerando a estigmatização daquele sujeito.

Ainda hoje, observamos esta visão estereotipada de que alunos com deficiência não conseguem aprender, ou tem muitas dificuldades. Mas após a criação de tantos documentos legais e ações pela luta dos direitos das pessoas com deficiência, vemos que em muitos olhares estes estereótipos já estão sendo desconstruídos. Segundo Magalhães e Ruiz (2011), com essa mudança advinda da perspectiva dos movimentos pela educação inclusiva, passa-se a não mais culpabilizar o aluno deficiente pelas dificuldades de aprendizagem, e sim as condições de seu meio, o qual agora precisa criar possibilidades para atender as diversidades advindas de todos os alunos.

Esta perspectiva tem se materializado em diversos documentos orientadores, como no caso da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2011), que ressalta:

Reconhecendo que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2011, p. 24).

Sendo assim, agora concebemos que as causas da exclusão estão nas barreiras tanto as atitudinais como as do ambiente, ponderamos que a partir deste momento os passos que devem ser tomados são a extirpação destas barreiras que colaboram muitas vezes na continuação das marcas de estigmatização. Para entendermos quais podem ser essas barreiras, vamos analisar a definição trazida na Lei 13.146 (Brasil, 2015):

V - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo,

a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em: a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo; b) barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados; c) barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes; d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação; e) barreiras atitudinais: atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas; f) barreiras tecnológicas: as que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias. (BRASIL, 2015, p.1)

O processo de inclusão vemos que vai muito além do acesso da criança com deficiência dentro da sala de aula, porque para a inclusão torna-se, de fato, uma realidade é necessário que o aluno faça parte do processo de aprendizagem. De acordo com Guimarães et al (2021), a inclusão diz respeito a um trabalho em união entre todos os envolvidos na comunidade escolar.

2.2 Práticas Inclusivas colaboradoras para excluir a estigmatização

De acordo com Pereira e Pimentel (2020), as discussões educacionais atuais perpassam em torno da aprendizagem, participação e desenvolvimento de todos os estudantes no espaço escolar. Essas discussões fazem parte da perspectiva de uma escola inclusiva na qual segundo Carvalho (1998) tem como pressuposto “que todos, sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares onde deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos, indiscriminadamente”, (CARVALHO, 1998, p. 170).

Mahl et al. (2012), trazem salvo o quão a estrutura da educação brasileira está passando por uma crise identitária e de paradigmas, na qual os discursos encontrados nas legislações não são colocados em prática. Para os autores, esta crise no sistema educacional dificulta a aplicação dos princípios da inclusão.

Assim, se constitui um desafio para a práxis dos professores incorporarem práticas pedagógicas que atendam estudantes com ou sem deficiência, assumindo, portanto, o princípio do respeito e acolhimento à diversidade em uma escola onde antes via seus alunos como um padrão único, agora tem a incumbência de construir um novo olhar para quem realmente é seu público, seres humanos diversificados.

Nesta perspectiva, as práticas pedagógicas inclusivas problematizam as concepções disseminadas socialmente acerca dos estigmas produzidos sobre os alunos que aprendem num tempo e ritmo diferenciados, corroborando com o entendimento que a diversidade faz parte da condição humana. Para que sejam desenvolvidas práticas nesse caminho será necessário que o professor centralize seu olhar nas potencialidades dos estudantes, escolhendo as metodologias, recursos, estratégias que forem, mas estimulante para os discentes e os permita aprenderem e se desenvolverem. Segundo Mahl et al. (2012) o professor deve também enxergar a singularidade e individualidade presentes em cada aluno.

Na pesquisa de Souza (2015), a autora evidenciou em sua análise a relevância de estratégias diversificadas para o sucesso da aprendizagem de crianças com ou sem deficiência. Seguindo esta mesma linha Gallego e Honey (1994), alegam que essas práticas que respeitam e levam em consideração o modo singular de aprendizagem de cada estudante, utilizando-se de uma vasta diversificação de estratégias colabora na aprendizagem da diversidade presente no público das escolas.

De acordo com Fernandes e Denari (2017) é imprescindível que a pessoa com deficiência seja reconhecida pelas suas potencialidades e diversidades assim como qualquer outro

indivíduo, enxergando como uma pessoa igual, excluindo assim os estigmas e as barreiras causadas pelos preconceitos.

A pessoa com deficiência, embora possua alguma especificidade visual, auditiva, física e intelectual, e, em muitos casos, não aceite a postulação médica – deficiente –, não quer ser vista pela deficiência, qualquer que seja, mas pela sua diversidade, sendo respeitada por suas diferenças, por sua singularidade. A pessoa com deficiência não deve ser negada, nem se deve tampouco fixar-se apenas nas deficiências, não se deve prover um conceito de deficiência que a reduza às lesões e aos impedimentos físicos e/ou sensoriais; ao contrário, é possível e viável que se pense nas suas possibilidades e potencialidades, para além de qualquer (im)possível e marginal limitação. [...] haveríamos de reconhecer a potencialidade das pessoas com deficiência sem julgamentos prévios e sem a necessidade de visualizá-la como não igual. Ainda o elemento virótico, epidêmico e que enclausura, aqui considerado preconceito/estigma, deveria ser argumento feroz para a eliminação das barreiras e de promoção à justiça com medidas cabíveis e imediatas. (FERNANDES e DENARI, 2017, p. 86)

Silva e Miguel (2020) consideram que práticas pedagógicas inclusivas exigem uma formação específica de todo corpo docente e técnico, para dessa maneira os planejamentos sejam adequados às competências e habilidades de cada aluno. Nesse viés se faz relevantes reflexões a respeito dos ritmos e aprendizagem de cada estudante.

3. Relatos de Experiências e do Filme “Como estrelas na terra, toda criança é especial”

Uma vez estabelecidos nossos pressupostos teóricos, adentramos agora diretamente no processo prático desafiador de produzir ações pedagógicas inclusivas no ambiente escolar. Em primeira instância, criamos dois quadros com uma síntese das experiências de práticas inclusivas, no primeiro quadro colocamos algumas experiências das autoras como professoras em sala de aula

regular, e no segundo as experiências do professor do filme “Como estrelas na terra, toda criança é especial”.

Nosso objetivo em expor as seguintes experiências foi de analisar como essas puderam colaborar na superação e exclusão de estigmas para com alunos com deficiência. Como vimos até agora em nossas discussões e embasadas nas reflexões enriquecedoras na disciplina sobre Estigma, as marcas e exclusões causadas pelos estigmas ocorrem pelas barreiras ainda presentes em nossas escolas. Sendo assim, discutiremos a partir do relato de experiência das autoras e a análise do filme como a práxis docente pode transformar e excluir estes preconceitos.

A seguir veremos o quadro 1 com o relato das autoras no trabalho docente em salas de aula regulares, aqui contaram algumas experiências de suas práticas na qual buscaram colaborar na inclusão de alunos com deficiência.

Quadro 1 - Práticas Inclusivas: Relato de Experiência das autoras como Professoras em salas de aula regulares
Experiência 1: Um aluno com síndrome de Down nunca participava das aulas de educação física com a turma toda, então a professora convidou suas amigas mais próximas e juntamente com ele começaram a jogar juntos. Isso em todas as aulas, até que em um dia a professora convidou o aluno com síndrome de Down para jogar futebol com a turma toda e ele aceitou e foi uma aula super divertida e construtiva.
Experiência 2: Uma aluna com paralisia cerebral da educação infantil, tinha uma estagiária para ela própria vendo que isso causava uma dependência da criança para com a profissional, a estagiária auxiliou ela a se incluir não ficando colada com ela mais brincando com ela e todas as crianças juntas, na hora do lanche deixando ela comer sozinha, auxiliando a levar o prato como todas as crianças, a brincar no balanço, coisas simples mais que eram uma incógnita antes pois se achava que a criança não era capaz a privando deste e de tantos outros desenvolvimentos.
Experiência 3: A professora construiu um jogo onde os alunos tinham que adivinhar as palavras a partir da soletração e fazendo mímicas, usando objetos, com isso toda turma participou da atividade, inclusive

o aluno com síndrome de Down, trabalhando construção de palavras, sons dos fonemas, entre outras áreas.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em suas próprias experiências.

De acordo, com os relatos podemos ver que as experiências são bem simples, mas que em seu contexto fizeram uma relevante diferença, pois no planejamento das ações eram pensadas visando o desenvolvimento das crianças, conforme apontado em algumas ações as professoras sofreram preconceitos de outros profissionais, pois julgavam que “a criança vai se machucar”, “ela não consegue”, “essa professora é doida”, e alguns outros comentários estigmatizantes. Nesse sentido, percebemos que o professor deve se preocupar com o desenvolvimento de seus alunos, sem se preocupar com opiniões adversas.

No quadro 2, veremos algumas das experiências do professor Ram do filme “Como estrelas na terra, toda criança é especial”, ao se deparar com um contexto escolar e familiar exclusivo cheio de marcar de estigmas que excluía e desvalorizavam a capacidade do aluno Ishan do filme. Assim, analisaremos algumas das práticas deste professor nas quais foram marcantes para a superação do preconceito e suas marcas de exclusão.

Quadro 2 - Práticas Inclusivas: Relato de Experiência do Professor do filme “Como estrelas na terra, toda criança é especial”

Experiência 1: O professor Ram, docente de artes na turma de Ishan, olhando para a tristeza de seu aluno foi investigar na escola e na família de Ishan o motivo, vendo que o aluno não era compreendido e sofria diversos preconceitos até pela família, o professor foi até a casa de Ishan conhecer sua história, o que este aluno gostava e o porque estava triste e explicar para a família que não compreendia a diversidade de seu filho e suas necessidades. O pai de Ishan preocupado disse que como seu filho viveria nesse mundo?, o professor disse que realmente estamos em um mundo competitivo e cruel onde parece que ninguém mais enxerga as potencialidades e qualidades das pessoas. Então depois de o professor ter conhecido a história de seu aluno, começou a pensar em meios para aquele aluno ser e se sentir incluído.

Experiência 2: O primeiro passo do professor foi conversar com a turma e seu aluno, contou a história de pessoas famosas que tinham as mesmas dificuldades de Ishan mais nem por isso, não eram inteligentes e tinham diversos talentos, como Leonardo da Vinci entre outros, depois disse que talvez existam crianças prodígios assim em nosso meio. No fim da aula conversou com Ishan e disse que faltou falar o nome dele, e que ele era cheio de potencialidades.

Experiência 3: Professor Ram conversou com o diretor explicou sobre Ishan e disse que todos os professores precisavam se adaptar para ajudar a criança, e o diretor disse que eles não iam conseguir fazer isso naquela escola, e o professor então afirmou que era dever da escola fazer isso pois segundo a Lei a educação deve ser para todos, assim conseguiu convencer o diretor. E se colocou a disposição para ajudar Ishan e os outros professores. Nesse processo o professor Ram começou a trabalhar meios que interessassem o aluno Ishan com massinha, tinta, jogos, areia, foi utilizando de diversos recursos e métodos para lhe ensinar os números, as letras, dando atenção e tendo paciência com a criança assim ela conseguiu ser alfabetizada e letrada.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base no Filme “Como estrelas na terra, toda criança é especial”.

Observamos na prática do Professor Ram da dramaturgia, ações reflexivas, humanas e lúdicas que buscavam incluir a diversidade presente em todos os seus alunos, um dos pontos que nos chama mais atenção na práxis do professor Ram é o seu olhar para a individualidade, as necessidades e potencialidades de cada aluno seu. Como vemos, este olhar para quem é o meu aluno é extremamente importante pois pode ajudar a melhor entendê-lo e assim ajudá-lo.

Outro ponto que nos é muito tocante, foi como discutimos durante este percurso, envolver toda a comunidade escolar e a família na educação dos alunos se faz necessário. Analisamos também que a práxis do professor e sua fala estava embasada em legislações e em métodos de acordo com um olhar inclusivo visando integrar e fundir todos os seus alunos na profundidade de suas aulas.

4. Considerações

Diante das situações relatadas e das discussões levantadas pelas pesquisadoras, observasse muitas dificuldades e preocupações no tocante aos estigmas para com o aluno com deficiência no contexto escolar. Nesse sentido, percebemos que hoje nas nossas escolas a inclusão escolar e a permanência de estudantes com deficiência para ser efetivada, necessita de professores, e uma equipe pedagógica que possuam ações colaboradoras para a efetivação de fato de uma inclusão e para a superação dos estigmas ainda presentes em nossa sociedade, e nas instituições de ensino.

Infelizmente, ainda há uma grande ausência, um silêncio e até mesmo o desconhecimento de qual deve ser um dos princípios da prática docente, que é de educar seres humanos reflexivos que possam construir uma sociedade mais humana e justa. Observamos a partir da análise dos relatos como o dessa produção textual no qual apresenta o contato com uma realidade cotidiana de vivência desses alunos, que são necessárias práticas diferenciadas para todos os alunos, não só os com deficiência, pois cada aluno é único e possui suas próprias peculiaridades, e deve ser a partir deste olhar para quem são os estudantes construídas ações inclusivas que promovam o desenvolvimento e inclusão de todos alunos.

Os relatos de experiência e o filme citado destacam a veemente situação educacional do contexto atual onde na maioria das instituições escolares, ocorre um grande descaso com os alunos que necessitam de serem enxergados e entendidos. Pois podemos dizer que as marcas de exclusão causadas pelos estigmas advêm da falta de se olhar para quem é o público da escola: as crianças, que são pessoas que fazem parte de uma grande diversidade chamada *homo sapiens sapiens*.

Este estudo nos permitiu diversas reflexões, acerca da diversidade humana, das estigmatizações que acontecem até hoje em nosso século XXI, e geram exclusões de pessoas com deficiências nas escolas e em outros ambientes, a partir das experiências que partiram das discussões feitas na disciplina de um

Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, e das próprias autoras pudemos ver que existem variados caminhos que tanto os professores como toda a sociedade podem e devem traçar para superar estes estigmas e assim lutar e garantir uma sociedade mais inclusiva para toda a diversidade humana.

Referências

BRASIL. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: decreto legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4. ed. revisada e atualizada. Brasília, 2011.

BRASIL, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em 16 abril 2018.

BRASIL. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), 1994.

CASTRO, P. A.; ALVES, C. O. S. **Formação docente e práticas pedagógicas inclusivas**. Rio de Janeiro. Revista E-mosaicos. V.7, nº 16. P. 3-25. Dezembro 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/index>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

DENARI, F. E. **Educação especial e inclusão escolar**: das dimensões teóricas as ações práticas. São Paulo. Revista @mbienteeducação, v.1 - n. 2, p. 31-39, ago./dez. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/ambeduc>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

FERNANDES, A. P. C. S.; DENARI, F. E. **Pessoa com deficiência**: estigma e identidade. Salvador. Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., v.

26, n. 50, p. 77-89, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/>>. Acesso em: 02 abril de 2021.

FILHO, R. B. S.; BABOSA, E. S. C. **Educação especial:** da prática pedagógica a perspectiva da inclusão. Porto Alegre. Revista Educação Por Escrito, v. 6, n. 2, p. 353-368, jul.-dez. 2015. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/poescrito>>. Acesso em 02 de abril de 2021.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GUIMARÃES, D. V. et al. **A presença do aluno com deficiência no sistema regular de ensino:** mitos, estigmas, e preconceitos. Santos, Revista Eletrônica Pesquiseduca, V.13, N. 29, p.89-106, jan.-abril 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca>>. Acesso em: 02 de março de 2021.

LIMA, S. F. B.; ROCHA, E. F. **Inclusão e prática pedagógica:** a ação docente junto aos alunos com deficiência. São Paulo, Revista Cadernos CERU, série 2, vol. 29, n. 1, p. 141-174. julho de 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ceru>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

MAGALHÃES, R. C. B. P.; RUIZ, E. M. **Estigma e currículo oculto.** Marília, Rev. Bras. Ed. Esp., v.17, p.125-142, Edição Especial. Maio-Ago, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382006000100001>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

MAHL, E. et al. **Desafios e ações para a efetiva inclusão educacional:** algumas considerações. Pará, Revista Exitus. v. 2, nº.1, p. 157-166. 2012. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus>>. Acesso em: 02 de março de 2021.

NUNES, C.; MADUREIRA, I. **Desenho universal para a aprendizagem:** construindo práticas pedagógicas inclusivas. Lisboa, Da Investigação às Práticas, p.126 - 143. 2015. Disponível em: <<https://www.eselx.ipl.pt/investigacao/publicacoes/revista-da-investigacao-as-praticas>>. Acesso em: 02 de março de 2021.

OLIVEIRA, I. A.; LIMA, K. S. C. **Práticas pedagógicas inclusivas em sala de aula comum em diálogo com as salas de recursos multifuncionais:** atendimento educacional e aprendizagem com sucesso. Dourados, Revista Educação e Fronteiras On-Line, v.5, n.13, p.149-162. maio/ago. 2015. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

OMOTE, S.; GIROTO, C. R. M. (Orgs.). **Inclusão escolar:** as contribuições da Educação Especial. São Paulo: Cultura Acadêmica- Fundepe, 2008. p. 15-32.

RANGNI, R. A.; COSTA, M. P. R. **Altas habilidades/superdotação e deficiência:** reflexões sobre o duplo estigma. Curitiba. Educar em Revista. N. 53. P. 1-7. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

REIS, J. G.; ARAÚJO, S. M.; GLAT, R. **Autopercepção de pessoas com deficiência intelectual sobre deficiência, estigma e preconceito.** Santa Maria. Revista Educação Especial. v.32, p. 1-32. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacao-especial>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

SANCHES, I. **Do “aprender para fazer” ao “aprender fazendo”:** as práticas de educação inclusiva na escola. Lisboa. Revista Lusófona de Educação, 19, 135-156. 2011. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/about/editorialTeam>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

SCHAMBECK, R. F. **O contexto inclusivo na escola:** representação e estigma na perspectiva de duas professoras. Santa Catarina. Revista Educação, artes e inclusão. V. 18. Nº 2. p. 166-188. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arte-inclusao>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

SCHMIDT, C. et al. **Inclusão escolar e autismo:** uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. São Paulo. Revista Psicologia: Teoria e Prática, v. 18 nº 1, p. 222-235, jan.-abr. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1516-3687>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

SILVA, D. C. MIGUEL, J. R. **Práticas pedagógicas inclusivas no âmbito escolar.** Rev. Mult. Psic. V.14, N. 51 p. 880-894, Julho/2020. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br>>. Acesso em: 10 de março de 2021.

SOUZA, A. M. **Identificando práticas pedagógicas inclusivas em sala de aula.** Distrito Federal, Revista Com Censo. Nº 3. p. 55-61. Dezembro 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/index>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

SOUZA, F. V. C. **A construção de práticas pedagógicas inclusivas mediadas pela ludicidade.** Monte Carmelo, MG. Cadernos da Fucamp, v.18, n.32, p.183-197. 2019. Disponível em: <<http://fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos>>. Acesso em: 10 de março de 2021.

UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em: 10 de março de 2021.

Pessoas em situação de deficiência: vida independente, relações afetivas e estigma

Josiane Fernanda Covre

O histórico de conceitos, formas de tratamento e a educação das pessoas com deficiência aponta para uma jornada cheia de preconceitos, agressões e violências alternadas com períodos de pseudo respeito até que se possam visualizar iniciativas que mostram a pessoa com deficiência como protagonista e a partir de suas potencialidades e sua forma de estar no mundo (PESSOTI,1984).

Impulsionados por movimentos sociais que buscavam garantir direitos ou revolucionar as relações para grupos oprimidos o UPIAS (na Inglaterra) e o ILM (nos Estados Unidos) surgiram a partir da identificação de que muitos dos termos, legislação e organização dos serviços relacionados a pessoas com deficiência eram centrados num modelo individual de deficiência centrado nas características físicas e individuais das pessoas com deficiência. Por acreditar que essa forma de entender a deficiência era limitada e inadequada esses movimentos buscaram criar espaços para estudos e debates sobre a temática assim como ocupar espaços políticos de forma a veicular de tal forma as novas ideias até que se consolidasse o modelo social de deficiência (HARLOS, 2011).

A sociologia da deficiência desloca “o problema” das limitações funcionais das pessoas com deficiência para as barreiras ambientais e atitudinais da sociedade ao fazer isso evidencia quão grandes são essas barreiras em relação ao deslocamento, acesso a educação, possibilidades de trabalho, acesso a recursos financeiros, a forma como as pessoas com deficiência são subjugadas e assim vivem sem poder desempenhar seu potencial de vida e de ser, devido essas barreiras. A partir daí, a sociologia da deficiência demonstra a situação de opressão vivida pelas pessoas com deficiências e as inclui nas discussões sobre suas potencialidades e

como os serviços sociais, de saúde e educação poderiam colaborar para que tivessem uma vida mais plena e as instrumentaliza produzindo evidências e teorias para que possam lutar por seus direitos, criar estratégias para mudar a visão da sociedade a seu respeito e ocupar espaços sociais (HARLOS, 2011).

Podemos elencar diversos obstáculos físicos e atitudinais presentes no cotidiano das pessoas em situação de deficiência porém, um dos obstáculos mais difíceis, se não o mais difícil, de ser transposto é o do estigma. Para Goffman (1988, p.13) o estigma é “... um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo.” acrescido de fatores considerados depreciativos de acordo com o contexto social vigente.

O desafio das pessoas em situação de deficiência para chegar a vida adulta tendo conquistado uma vida independente e satisfatória é pois grande, complexo e multifacetado.

Pensando nos fatores que constituem uma vida plena e satisfatória Havighurst, em 1953, elencou as demandas típicas de cada etapa da vida necessárias para um desenvolvimento saudável, considerando para tal as expectativas dominantes do contexto sociocultural e histórico.

Cada etapa é constituída por inúmeras possibilidades e desafios que uma vez vivenciados e/ou superados nos permitem seguir com qualidade e satisfação nosso curso de vida e organizou as etapas da seguinte forma: primeira infância (do nascimento aos 5 anos); meia infância(5 a 12 anos); adolescência(12 a 18 anos); adultez inicial(18 a 30 anos); adultez intermediária(30 a 55 anos) e maturidade tardia(a partir de 55 anos).

Durante a infância (primeira infância e meia infância) o desenvolvimento está associado às funções biológicas, sociais e psicológicas, tendo uma relação mais direta com as questões de maturação, apesar disso atitudes básicas como confiança, senso de autonomia e desenvolvimento da consciência começam a se desenvolver nessa fase.

Na adolescência valores morais e éticos passam a ter maior relevância e se estabelecem como parte da pessoa em desenvolvimento.

Também na adolescência o desenvolvimento da autonomia está presente, sendo esperada a construção da independência emocional, financeira e intelectual que dará suporte e solidez para o desenvolvimento das habilidades das próximas etapas da vida.

A etapa seguinte é a adultez inicial que pode ser considerada como aquela com mais responsabilidade e tarefas a ser cumpridas dentre elas encontrar um trabalho, constituir uma família e criar os filhos. Também nessa fase a pressão exercida pela sociedade e influência dada e conquistada pelo *status* social passa a ter grande importância nas relações e no cotidiano das pessoas.

Para Havighurst na adultez intermediária os sinais físicos e fisiológicos de envelhecimento do organismo são sentidos e as exigências da sociedade feitas até então são postas a prova. Nesse período fase o indivíduo atinge o maior potencial de influência sobre a sociedade ao mesmo tempo que esta faz exigências em relação à responsabilidade social e cívica. Para os homens à excelência no desempenho das funções de provedor, marido e pai, a responsabilidade com as obrigações sociais e cívicas assumidas na adultez inicial e mais ao final da fase a preparação para a aposentadoria. Assim como nas fases anteriores são admitidas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem constantes (FREITAS et al, 2013).

Por fim, na maturidade o ajustamento à aposentadoria e a manutenção de obrigações sociais e cívicas são os grandes desafios mas o principal deles é a capacidade de adaptação frente as limitações físicas, de renda e possível diminuição na rede de contatos sociais.

Relacionando as tarefas de desenvolvimento (TD) de Havighurst (1953) com os desafios vivenciados pelas pessoas em situação de deficiência é possível questionar: se e/ou como as pessoas em situação de deficiência podem alcançar êxito no desempenho dessas tarefas no atual contexto socioeconômico?

A diminuição do estigma e ampliação do acesso das pessoas em situação de deficiência a uma gama de espaços e serviços passa pela disseminação das características e potencialidades de vida

para essa população. Uma das formas para fazê-lo, atingindo um grande número de pessoas e possibilitando que temas sensíveis sejam apresentados, retratados e levados a discussão para a ampla sociedade é por meio do cinema.

Nas últimas décadas os filmes com protagonistas em situação de deficiência tem crescido em quantidade e diversidade, assim nesses filmes as mais diversas deficiências foram retratadas em documentários, dramas, romances, comédias sendo essa uma forma de expor e aproximar a sociedade da realidade vivenciada por pessoas em situação de deficiência frente a seus desafios em diferentes contextos.

Um dos destaques para os filmes se dá porque a maioria deles traz a história de personagens adultos, que a exceção dos jogos paraolímpicos, tem pouco destaque na mídia e nas discussões mais noticiadas a respeito de direitos e cidadania para pessoas em situação de deficiência.

Outro fator que justifica uma análise mais detalhada dos filmes é que algumas vezes os roteiristas e diretores acabam por reforçar os estigmas existentes, mantendo a pessoa com deficiência no lugar de inferioridade e como atração circense, cabendo portanto, uma análise cuidadosa das produção desse caráter.

Considerando portanto a situação de deficiência vivida pelas pessoas com lesões diversas e o retrato das vivências dessa população no cinema foram selecionados dois filmes para análise: *As sessões* (2012) e *Como eu era antes de você* (2016) usando como critérios: a característica da lesão dos protagonistas, ambos com paralisia quase total de seus corpos; a faixa etária dos protagonistas entre 30 e 50 anos; a apresentação de diferentes situações cotidianas e a presença de relacionamentos afetivos ao longo dos filmes que permitissem caracterizar o estilo de vida dos protagonistas.

Sendo assim o presente texto é uma análise dos filmes *As sessões* (2012) e *Como eu era antes de você* (2016) construída em diálogo com autores da sociologia da deficiência e tem por objetivo discutir como a situação de deficiência e o estigma imposto as pessoas com deficiência física pode influenciar na execução das

tarefas de desenvolvimento e assim construção de uma vida independente e de relacionamentos afetivos na vida adulta.

1. Das pessoas com deficiência e seu protagonismo nos cinemas

Dentre os filmes que abordam a deficiência podemos ver esse retrato feito de forma totalmente romântica, geralmente relacionada com situação de superação extrema de dificuldades, casos de genialidade; apaziguando situações abusivas vividas pelas pessoas em situação de deficiência em cenas de amor ou comédia; mantendo de maneira geral a tríade vítima-vilão-herói¹.

Outro fato que chama a atenção é que grande parte deles se configuram como filmes sobre deficiência, tendo como foco o retrato das situações ou situação específica vivida pelas personagens em virtude de sua deficiência, de forma que o tema dos filmes passe a ser a deficiência e não uma trama constituída por elementos quaisquer, uma história comum vivida por um personagem com uma lesão qualquer.

De toda forma os filmes com personagens deficientes são uma marca da existência dessas pessoas, garantem visibilidade a seus desafios e conflitos, os colocam como seres sociais e por isso podem ser utilizados como material para reflexão, ilustração de cotidianos e trazer ao cenário a discussões necessárias como forma de mudar a percepção da sociedade ou levantar questões relevantes a esse respeito.

Como dito, dentre tantos filmes produzidos foram selecionados dois para fazer parte dessa análise: *As sessões* (2012) e *Como eu era antes de você* (2016) filmes esses selecionados por apresentarem em seus enredos situações que ilustram os temas aqui discutidos vida independente e relações afetivas.

¹ Segundo Amaral (1998) os estereótipos em relação as pessoas com deficiência são principalmente subdivididos em três tipos principais: herói, vítima e vilão.

1.1 Como eu era antes de você - Sinopse

Como eu era antes de você é um filme norte americano baseado no livro de mesmo nome da autora Jojo Moyes lançado em 2012. O tema principal é a história de amor entre Will Traynor, 35 anos, e sua nova cuidadora Louisa Clark. O filme inicia mostrando a “vida perfeita” levada por Will que é um homem bonito, com sucesso na profissão, que tem uma bela namorada e um estilo de vida ativo usando seu tempo livre na prática de esportes e em viagens. Sua situação de vida muda abruptamente após ser atropelado e ficar tetraplégico. A nova forma de estar no mundo torna Will uma pessoa depressiva e sarcástica e que apesar de receber os melhores cuidados não consegue enxergar perspectiva de felicidade sendo tetraplégico e decide pelo suicídio assistido. Na busca de fazer o filho mudar de ideia, em relação ao suicídio, a família contrata Louisa como cuidadora por ser uma pessoa paciente, alegre e persistente, além de ser muito bonita, com o propósito de trazer mais leveza e alegria para a vida de Will.

Relacionando o filme com os propósitos do presente estudo destaco os seguintes aspectos:

- Compreensão e/ou visão da sociedade frente a pessoa em situação de deficiência;
- As demandas de suporte e adaptações para pessoas adultas com deficiência física;
- A autonomia e vida independente da pessoa em situação de deficiência física;
- Relacionamentos afetivos das pessoas em situação de deficiência.
- O suicídio assistido;

Outros temas relacionados a vida de Louisa são abordados, como suas relações familiares e o relacionamento abusivo que ela mantém com o namorado Patrick evidenciando uma situação de opressão vivida por ela. Estes tópicos, porém, não serão abordados não por serem irrelevantes socialmente ou para o filme, mas, por não fazerem parte do objetivo principal de discussão do presente texto.

1.2 As sessões – Sinopse

O filme *As sessões* é baseado no ensaio *On Seeing a Sex Surrogate* feito por Mark O'Brien no ano de 1990. Mark (1949-1999) foi um escritor e poeta que tinha uma paralisia quase total do corpo, devido a poliomielite infantil, levando-o a precisar de um aparelho para respirar chamado “pulmão de aço” onde precisava ficar a maior parte do dia. Apesar de precisar do respirador e de ficar em uma “maca ambulante” Mark seguia sua vida trabalhando, passeando e indo a igreja, conforme retratado no filme.

O enredo principal, do ensaio e também do filme, é sobre a iniciação sexual de Mark (38 anos). Motivado a explorar sua sexualidade durante a realização de um trabalho onde entrevistava pessoas com deficiência que tinham uma vida sexual ativa buscou ajuda profissional para falar sobre sua própria sexualidade e como ajuda recebeu um encaminhamento para se tratar com Cheryl, uma terapeuta sexual, especialista em exercícios de consciência corporal e iniciação ao sexo para pessoas com deficiências.

Dentre os muitos temas apresentados no filme destaco para análise os seguintes:

- vida independente: rede de apoio e oferta de serviços adequados;
- características da lesão x características da personalidade do protagonista;
- relacionamento afetivos para pessoas com deficiência: amigos e amores;
- a potência e possibilidade de vida sexual ativa para pessoas com deficiência física. Outras personagens do filme também trazem suas histórias e “tempero” para o enredo principal como a conduta do padre, a situação familiar e comprometimento com o trabalho de Cheryl e algumas sutilezas em relação as cuidadoras de Mark, mas que não serão abordadas no presente texto.

2. Discussão

Os pontos destacados nos filmes serão analisados em associação com as tarefas de desenvolvimento descritas por Havighurst (1953) divididos em dois grupos apenas para efeito de análise de acordo com o objetivo do presente texto.

2.1 Vida independente

Desde a primeira infância muitas tarefas de desenvolvimento precisam ser cumpridas para que se alcance a independência na vida adulta. Dentre elas destacam-se desenvolver a independência pessoal e construir conceitos necessários para a vida cotidiana na infância passando pela criação de garantias econômicas na adolescência e alcançando a independência dos pais chegando a assumir responsabilidades com o companheiro e os filhos e ocupar um papel na sociedade (Havighurst, 1953).

A responsabilidade pela gestão sobre a própria vida é destacada em ambos os filmes evidenciada na possibilidade de escolha dos cuidadores, escolhe de lugares onde deseja estar e quando e com quem além de pequenos detalhes cotidianos como a escolha da vestimenta ou do melhor lugar no restaurante.

A maneira como a vida de Mark é retratada me pareceu um sonho possível de que pessoas com as mais diversas condições físicas possam ter acesso aos pequenos prazeres da vida em sociedade, passear, tomar um café, ir pra onde quiser e também ter uma vida sexual plena. A exemplo de Mark, Will também desfruta de sua independência, tendo autonomia para tomar decisões e responsabilizar-se por ela social e financeiramente, destacando também a mobilidade do personagem em diferentes locais e contextos sociais.

Dentre as TDs que tratam da vida independente consta o desenvolvimento de habilidades intelectuais e funcionais necessárias para selecionar e engajar-se numa carreira ou ocupação profissional de modo que essas possam lhe garantir a

independência econômica, evidenciando a importância atribuída a produtividade no desenvolvimento e existência de uma pessoa para o modelo social vigente.

Durante muito tempo as pessoas com deficiências ficaram aprisionadas em suas casas ou em instituições que pouco lhes ofereciam chances de qualificação para a atuação de fato no mercado de trabalho ou mesmo de assumir responsabilidades por si e por atividades de benefício comum nessas famílias ou instituições. Em alguns contextos sociais e/ou históricos como no trabalho no campo ou em períodos de guerra ou pós-guerra as pessoas com deficiência foram integradas aos meios de produção e desempenharam tão bem quanto qualquer pessoa suas funções nos postos de trabalho.

A inserção de profissionais com deficiência no mercado de trabalho passa pela qualificação profissional que deve ser obtida em idade oportuna e oferecendo condições para que de fato o indivíduo possa desempenhar com qualidade essas funções no mercado de trabalho. O aspecto econômico mostra-se de grande influência para o bem estar dos protagonistas ambos tem suas profissões e ocupações o que lhes garante os recursos para financiar os equipamentos e serviços necessários para que garantam sua qualidade de vida.

Diferente do visto nos dois filmes algumas famílias e/ou profissionais tem dificuldades em oferecer as pessoas com deficiência a oportunidade de escolha, de assumir riscos e consequências, de responsabilizar-se pelas próprias vidas, preferindo um modelo de tutela a modelos de acompanhamento o que acaba distanciando as pessoas com deficiência do desenvolvimento de um comportamento socialmente responsável e associado a isso da independência emocional e financeira dos pais e outros adultos.

Esse afastamento do convívio e da vivência plena na sociedade acabar por impedir a aquisição de um conjunto de valores e um sistema ético como um guia para o comportamento o que dificulta a empatia, consigo, com outras pessoas com deficiências ou outras situações de opressão e mesmo como seus familiares e amigos.

O ideal que se busca é que cada pessoa seja independente, responsável e senhor de suas decisões sobre si e sobre suas ações e

interdependente porque vive em sociedade dependendo de pessoas e de sistemas que também dele dependem para obter o melhor funcionamento.

É preciso considerar os tipos de demanda e oportunidades que os indivíduos enfrentam e como eles lidam com elas no decorrer do curso de vida, para identificar quais TDs precisam de mais auxílio para se desenvolverem. Entendendo que todo processo de desenvolvimento é fortemente influenciado por fatores históricos e não normativos, compete identificar em quais processos precisamos agir de tema ou desobstruir as barreiras que ameaçam o pleno desenvolvimento das pessoas com deficiência.

Para que haja pleno desenvolvimento das pessoas com deficiência entende-se que a vivência ou aplicação do modelo social seja necessária uma vez que as questões individuais de referente autoajuda, de ter voz sobre e responsabilidade sobre sua vida e suas escolhas, participar individual e coletivamente nas lutas por seus direitos e no cumprimento de seus deveres, deixando se ser uma pessoa com desenvolvimento aquém do esperado para sua idade e passando a ser atuante participante e integrado a sociedade. Vivendo de forma que suas diferenças sejam integradas às atividades da vida humana

Segundo Piccolo (2015) os ideais de vida independente são: todas as vidas tem igual valor e merecem ser vividas; todos possuem capacidade e direito de fazer suas escolhas e exercer controle sobre suas vidas; a opressão é injustificável; todos tem direito a tratamento médico e a participar plenamente na sociedade em atividades sociais, econômicas, culturais lúdicas e laboriosas.

Para que alcancem esse ideal existe a necessidade de suporte e adaptações para pessoas com lesões. A necessidade de entendimento da adaptação da pessoa que passa a ter uma deficiência considerando aspectos físicos, emocionais e atitudinais da pessoa, de sua família e amigos.

É preciso observar a rede de apoio necessária para que ele tenha uma vida independente e feliz, conta com a colaboração de dois cuidadores, que o auxiliam nos cuidados pessoais, na

locomoção, e nas suas atividades cotidianas que inclui fazer compras, tomar café, visitar amigos, trabalhar e também os cuidados com medicamentos, alimentação e posicionamento no respirador. Esse aspecto não pode ser desprezado sob o risco de sermos levianos em relação à condição física da personagem, principalmente considerando a sociedade que vivemos onde vemos pessoas com menos limitações físicas que Mark, tem maiores limitações sociais, limitações essas impostas por uma política de piedade e ajuda mínimas as pessoas com deficiência.

2.2 Relacionamentos afetivos

As tarefas de desenvolvimento relacionadas a construção de relações afetivas estão presentes desde a primeira infância, dentro do contexto familiar, passando durante a adolescência a abranger a escola e outros espaços sociais tendo como foco principal o relacionamento com pessoas da mesma idade e na fase adulta o relacionamento com o propósito de namoro e casamento.

Em ambos filmes essas relações são retratadas, em *Como eu antes de você* aparece na diferença em suas relações antes e após o acidente, evidenciando o isolamento do protagonista por não desejar ser visto na sua nova forma de estar no mundo e evitar o olhar depreciativo das pessoas.

Em *As sessões* As relações interpessoais são abordadas na antiga e profunda amizade de Mark com o padre Brendan e na relação que ele tem com as mulheres, apresentado na relação que estabelece com suas cuidadoras e a terapeuta, mostrando que ele é um homem interessante e atraente capaz de ser uma boa companhia de vida, como visto em sua relação com a cuidadora Amanda, e de sexo, como visto nos encontros com Cherly, mas mesmo com tantas boas qualidades e com o envolvimento afetivo entre eles, acaba afugentando essas mulheres mesmo após tê-las conquistado por causa de sua situação de deficiência

Em nenhum deles porém é feita qualquer menção ao relacionamento com pessoas que tenham o mesmo tipo de lesão que esses personagens.

As relações amorosas são tema nos dois filmes, em ambos é dado um valor a fragilidade emocional e/ou social da parceira talvez como forma de minimizar o valor dos protagonistas como homens.

Esta distância e previsão de impossibilidade é fruto da invalidação estética dos corpos com deficiência construída socialmente e que acaba induzindo o espectador a pensar que só é possível para uma pessoa com paralisias manter relações afetivas e/ou sexuais com interesse econômico e nunca em uma relação amorosa completa.

Essa certeza do insucesso diante das relações homem mulher afeta e é afetada por outra TD, a de aceitar a aparência física e usar o corpo de forma eficaz, não se trata de desprezar algumas limitações impostas pelas lesões dos personagens, mas de buscar uma vida plena com os corpos que tem, mesmo que buscando tratamentos ou adaptações necessárias. As lesões dos personagens claramente os incomodam, especialmente a dos personagens paraplégico e tetraplégico, esses não conseguem vislumbrar um relacionamento amoroso, mesmo diante da possibilidade real de tal encontro.

Em suma dentro do contexto que vivemos quando uma pessoa com deficiência se compara ao ideal de perfeição estabelecido de tipo ideal acaba por distanciar-se social e afetivamente das suas possibilidades de relacionamento social e de sua capacidade de produção tanto em termos individuais como sociais invalidando a pessoa com deficiência e travancando seu desenvolvimento.

Segundo Goffman (1988) além do estigma da deficiência outras imperfeições ou atributos desejáveis podem ser direcionados as pessoas com deficiência como por exemplo no caso dos deficientes físicos a impotência sexual e a incapacidade de ter e gerenciar uma família.

Contrariando esse estigma no filme *As sessões* podemos ver a potência e possibilidade de vida sexual ativa para pessoas com deficiência mesmo com tantos comprometimentos físicos como no

caso de Mark e a maneira como ele se comporta durante o sexo demonstra como um homem com deficiência pode ser atrativo sexualmente e um bom parceiro sexual.

Assim como Will demonstra total capacidade em ser provedor de sua família, não só pela boa condição financeira sua e de sua família, mas por sua capacidade de gerenciar situações conflituosas e acessar bens e serviços.

Algumas das adaptações necessárias para o bem viver dessas relações não são negligenciadas nos filmes de forma que as marcas físicas e emocionais em uma pessoa que teve seu corpo marcado pelo impacto causado pela lesão, as dores que os acompanha e a necessidade de auxílio para realizar as tarefas são apresentadas inclusive nos momentos de intimidade dos casais.

Em *Como eu era antes de você* essa intimidade fica velada, diferente de *As sessões* que apresenta detalhes dos quais podemos destacar que ao longo de sua relação o homem que se esquivava ou não se percebia como sensível passa por uma ampliação da capacidade de sentir prazer e o alcance da satisfação sexual propiciando a ele, além do prazer sexual, uma melhora na sua auto percepção de sua potência como homem e ser social.

O desfecho dos filmes também é coincidente, terminam com a morte dos protagonistas um por questões de saúde e outro por suicídio assistido. As despedidas são marcada por emoção e nela podemos ver toda afetividade cultivada por eles e uma sensação do não vivido, evidenciando a ainda presente situação de deficiência, o impedimento vivenciado não só por eles mas pelas mulheres de relacionar-se com ele por causa de suas limitações atitudinais impostas pela situação de deficiência.

2.3 Suicídio assistido

O filme *Como eu era antes de você* traz um terceiro ponto para análise, a questão do suicídio assistido. A esse respeito podemos definir suicídio assistido como a morte que ocorre de maneira intencional e programada assistida por profissional de saúde ou

membro da família quando uma pessoa não consegue concretizar sua intenção de morrer sozinha (GOLDIM, 2004).

A assistência ao suicídio de outra pessoa pode ser feita por atos (prescrição de doses altas de medicação e indicação de uso) ou, de forma mais passiva, através de persuasão ou de encorajamento. Em ambas as formas, a pessoa que contribui para a ocorrência da morte da outra, compactua com a intenção de morrer através da utilização de um agente causal (GOLDIM, 2004, p.2)

Sobre essa questão é possível discutir sobre dois pontos um deles o estigma de tragédia e impotência atribuídos a pessoa com deficiência que leva as autoridades de vários países permitirem o suicídio assistido de pessoas tetraplégicas por considerar que sua vida pode não ter mais sentido e funcionalidade, a perspectiva da pessoa com um deficiência adquirida que não consegue se ver vivendo dessa nova maneira e por isso escolhe findar a própria vida.

Em relação ao primeiro ponto associações como a *Not Dead Yet* (ainda não mortos), de pessoas com lesões que caracterizam esta possibilidade como o reconhecimento de um direito mas também como forma de discriminação frente a sociedade. (Goldim, 2004)”

A Suíça, país que aparece no filme como local do suicídio assistido do personagem, permite a realização do suicídio assistido mesmo quando a pessoa não tenha doenças ou deficiências de qualquer natureza, previsto no código penal de 1918, desde que a pessoa tenha capacidade para decidir sobre isso e não esteja sendo coagida a tal.

Considerações finais

O objetivo desse texto foi discutir como podem ter êxito em suas relações afetivas e desfrutarem de uma vida independente as pessoas em situação de deficiência na vida adulta. Pelo exposto entende-se que é na fase adulta que se consolidam os conceitos sobre si mesmo e as sensações de poder pessoal e auto-organização caindo ou saindo da identificação negativa. Portanto é nessa fase

que a independência e o potencial produtivo das pessoas em geral e também das pessoas em situação de deficiência é posto a prova contribuindo para que se analise o processo de desenvolvimento. Porém a sociedade ainda trata pessoas como deficiências e assim retira socialmente, isola e devasta psicologicamente. Convencida de sua inaptidão e incapacidade estabelecidas não pela sua vivência e existência mas pelas construções sócio históricas.

A análise que se faz é que qualquer pessoa só pode desenvolver com plenitude suas potencialidades fisiológicas e psíquicas quando o meio as torna possíveis.

Entendendo e concordando que a deficiência exista na confluência de fatores físicos e psicológicos em relação ao meio e que o sistema é o responsável por desativar as pessoas com deficiência, observamos ainda e em longa escala que muitas pessoas com deficiências são impedidas de alcançar o grau máximo de desenvolvimento e satisfação pessoal tornando urgente a reconstrução da linguagem e de atitudes que estigmatizam e impõem subserviência as pessoas com deficiência e a necessidade da sociedade constituir-se como ambiente livre onde todos possam exercer suas funções como seres individuais e coletivos.

Referências

- AMARAL, L.A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceito e sua superação. Em: AQUINO, J.G. (org). **DIFERENÇAS E PRECONCEITOS NA ESCOLA: Alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- AS SESSÕES (The Sessions). Direção: Ben Lewin. EUA: Fox Films, 2012.
- COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ (Me before you). Direção Thea Sharrock. EUA, MGM, 2016.
- FREITAS, E., BARBOSA, A., et al. Tarefas de Desenvolvimento e História de Vida de Idosos: Análise da Perspectiva de Havighurst. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 26(4), 09-819.

- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1988.
- GOLDIM, José Roberto Goldim. **Suicídio assistido**, 2004. Disponível em <https://www.ufrgs.br/bioetica/suicass.htm>.
- HARLOS, F.E. **Sociologia da deficiência**: vozes por significados e práticas mais inclusivas. São Carlos: PPGEs/UFSCar, 2011, dissertação de mestrado.
- HAVIGHURST, R. J. **Human development and education**. New York: Longmans, 1953.
- O'BRIEN, Mark. On Seeing a Sex Surrogate. **The Sun Magazine**, número174, maio 1990.
- PESSOTI, I. **Deficiência mental**: da superstição à ciência. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.
- PICCOLO, Gustavo Martins. **Por um pensar sociológico sobre a deficiência**. Curitiba: Editora Appris, 2015.

Temple Grandin:
protagonismo da mulher com TEA no cinema

Isabella Mota Colombo

O presente trabalho considera que a sociedade divide, classifica e atribui rótulos às pessoas o que acaba diferenciando-as e separando-as, e que tais ações, portanto, produzem efeitos sociais. Dessa forma, acredita-se que algumas identidades se sobressaem em relação a outras e que essa sobreposição também é refletida na Sétima Arte, o cinema. É sabido que há muitos filmes que retratam a deficiência e que apresentam personagens com deficiências, sejam eles principais ou secundários, porém a maioria destes são compostos por personagens masculinos. Assim, o presente trabalho busca destacar um filme no qual a personagem principal é uma mulher com deficiência, tendo como objetivo expor a interpretação realizada pela autora deste estudo a respeito do filme mencionado.

Todos são sujeitos de inúmeras identidades que são construídas histórica, política e culturalmente. Segundo Louro (1999), identificar-se e reconhecer-se em uma ou mais identidades significa sentir-se pertencente a um grupo social de referência, mas que isso não é algo fácil ou estável, já que estas podem ser provisórias, rejeitadas, descartadas e até mesmo podem ser contraditórias; portanto a autora deixa claro que as identidades sociais são contingentes, transitórias, instáveis, fragmentadas e também plurais.

Espera-se que o corpo determine a identidade, afinal é nela que a identidade se fixa; no entanto não se infere a uma identidade, seja ela qual for, apenas sinais biológicos, pois os corpos são reconhecidos pela cultura, a qual também altera-os (LOURO, 1999). Histórica e socialmente a deficiência foi reconhecida como uma condição corporal especificamente negativa, apresentando o que acarretava prejuízos às pessoas. De acordo com Oliveira (2016), os corpos que apresentam lesões, sejam elas físicas ou intelectuais,

têm deixado suas manifestações nas relações e nas produções humanas, marcando de forma profunda os processos sociais, políticos e culturais, retratando a relevância de entender a complexidade de como a estética ligada ao corpo afeta principalmente aquele que é discrepante.

As identidades hegemônicas, seja de gênero, raça/etnia, classe social, sexualidade, religião e entre outras, acabaram ganhando tamanha força e visibilidade que passaram a representar a si mesmas e a representar as outras, pois são vistas como a realidade e não como representações, o que na realidade são. Louro (1999) considera que:

Eles falam por si e também pelos “outros” (e sobre os outros), apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos. Por tudo isso, podemos afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder (1999, p.16).

Desde 1960, tendo em vista que existem inúmeras formas de ser mulher e de ser homem e que também há variadas perspectivas de se vivenciar os desejos e os prazeres corporais, que as discussões envolvendo as identidades, gênero e práticas sexuais se tornaram mais frequentes, principalmente devido aos movimentos feministas, de lésbicas e gays que atribuíram maior visibilidade social a essas identidades, mas que até os dias atuais ainda passam por regulações e/ou negações (LOURO, 1999).

Entende-se que é no corpo que se experienciam intensamente a dominação e os indícios dos contextos sociais e culturais englobando paulatinamente os padrões de referências tanto simbólicos quanto práticos. Ao final do século XX, na medida em que as posições políticas e também com a luta pela conquista de direitos pelas pessoas com deficiência ganharam força, ocasionou-se uma maior visibilidade para este público, o que fez com que o próprio movimento entendesse a importância de ressignificar o

corpo com deficiência atestando-o como condutor de experiências corporificadas e estéticas, centro de conflitos que esboçam-no como um espaço de embates políticos, culturais e econômicos e não como um simples receptor inativo de características negativas, deficitárias, falhas e de doenças (OLIVEIRA, 2016).

Com isso surge a política de identidades, fruto desse processo de afirmação dessas “novas” identidades sociais, sendo por meio dela que as identidades subordinadas refutam concisamente às hegemônicas (Louro, 1999). Porém, esse processo atribui e acarreta hierarquias e desigualdades que estão conectadas as redes de poder social, visto que olha-se para o outro do lugar social em que se ocupa e, assim, demarca-se a divisão entre aqueles que representam a norma, ou seja, os pertencentes à cultura hegemônica, e aqueles que ficam à margem dela. Nas culturas ocidentais a identidade padrão é a que remete ao homem, branco, heterossexual, cristão e de classe média e como esta é tida como referência, as outras identidades tornam-se marcadas, por exemplo, a mulher é representada como o “segundo sexo”, a pessoa com deficiência é vista como incapaz e lésbicas e gays como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 1999).

Recai sobre as identidades não hegemônicas uma marca, um estigma. O estigma está ligado direta e continuamente a identidade social de uma pessoa, o que engloba seus valores morais, comportamentos, funções e percepções construídas durante a história de vida de cada um, sendo um atributo considerado extremamente depreciativo pelo meio social; ou seja o estigma faz uma categorização prévia de alguém não considerando suas particularidades e singularidades, determinando uma expectativa normativa em relação à identidade social do outro, dessa forma a pessoa estigmatizada é vista em uma situação de desvantagem em relação as demais (GOFFMAN, 1988).

Devido ao estigma, todos os comportamentos, atitudes e a própria personalidade de quem apresenta-o são vistos de maneira anormal e a sua vida, como um todo, será vista como desviante, e é isso que os deixa à margem da sociedade, pois a partir do

momento em que o estigma de uma pessoa é identificado, todos os seus outros atributos e características passam a serem olhados sob a óptica estigmatizante, convertendo-se de uma pessoa para apenas um exemplo de estigma (GLAT; FREITAS, 1996).

Assim, é de extrema importância dar relevância e notoriedade aos corpos de pessoas com deficiências, corroborando que é a partir da materialidade desses corpos que esse público pode se afirmar e estabelecer-se como sujeitos históricos e corporais; ocupando também um lugar de destaque nos estudos sobre deficiências, posicionando estes como um ponto de existência. (OLIVEIRA, 2016).

Este trabalho busca focalizar a mulher com deficiência, visto que ela carrega um duplo estigma, o de ser mulher e o de ser uma pessoa com deficiência, portanto a somatória dessas duas condições coloca-a em um lugar de dupla vulnerabilidade devido a essa combinação entre o gênero e a deficiência, assim as mulheres com deficiências apresentam condições de vida diferentes de homens com deficiências, bem como de mulheres sem deficiências (Colombo, 2019). É importante compreender que a vulnerabilidade ocorre quando as pessoas são expostas a condições de risco que podem afetar sua aptidão de resistir a determinadas situações, como é o caso da mulher com deficiência que está inserida na sociedade dominada pelo sexo masculino e que também não está preparada para atender as demandas das pessoas com deficiências, colocando-a em situação de grande desvantagem (FARIAS, 2011).

Fatores combinados com a deficiência como o gênero, religião, raça/etnia, classe social, sexualidade e localização regional, por exemplo, marcam e influencia suas identidades e suas condições de vida sendo determinantes para a conquista de ganhos pessoais, como escolarização, formação e mercado empregatício; nesse sentido, tais marcadores conectados a deficiência, mais especificamente o de gênero, que é o focalizado neste trabalho, são estabelecidos hierarquicamente por meio de relações de poder o que produz diferenciações e conseqüentemente dominações (SILVA, 2020), sendo refletidas em casa, na escola ou em ambiente

universitário, no trabalho, em contextos de cuidado e saúde, segurança e em todos os âmbitos sociais.

Reconhecer a capacidade de desenvolvimento integral da pessoa com deficiência e a sua identidade de gênero, de acordo com Silva (2020) abre espaço para que as mulheres com deficiências conquistem seu protagonismo e empodere-se cada vez mais em suas escolhas de vida e na busca por oportunidades. É importante destacar que o gênero configura-se em uma categoria de análise da sociedade que permite identificar as noções de feminino e de masculino, suas diferenças e transformações ao longo da história e cultura das civilizações e como estabeleceu-se as relações de opressão entre tais noções; assim as relações de gênero é um campo de estudos multidisciplinar que procura compreender as diferenças culturais, histórias e sociais construídas sobre os gêneros; permitindo identificar as desigualdades e opressões entre esses (AUAD, 2006).

É de grande importância e necessária a articulação entre as categorias de gênero, classe social, religião, raça/etnia, sexualidade e região para e na análise dos fenômenos sociais e culturais e os Estudos Feministas e de Gênero em consonância com os movimentos feministas requer essa abordagem multicategorial, já que as demandas transcendem os aspectos relacionados apenas ao gênero (Mello; Nuernberg, 2012). Tomando o mesmo sentido desse pensamento, os Estudos sobre a Deficiência também devem abordar tais categorias de modo transversal à deficiência e não somente essa de maneira isolada.

Assim, os Estudos Feministas e de Gênero refletiram sobre os Estudos sobre a Deficiência, bem como os Estudos sobre a Deficiência também exerceram impacto sobre os Estudos Feministas e de Gênero, principalmente em relação aos debates referentes aos modelos da deficiência e desta como um agravante para violência de gênero; os trabalhos envolvendo os dois campos de estudos problematizam a relação entre deficiência e gênero, além de indicarem a falta de atenção dos movimentos feministas com a deficiência e dos movimentos das pessoas com deficiência em relação as questões de gênero (MELLO; NUERNBERG, 2012).

No Brasil, estudos que articulam a deficiência ao gênero estão ganhando espaço, mas ainda há muito a ser apropriado, esse recorte envolvendo as duas categorias de análise podem ser vistos nos estudos de Diniz (2003), Farias (2011), Moreira et al. (2011), Mello e Nuernberg (2012), Gesser, Nuernberg e Toneli (2013), Nicolau, Schraiber e Ayres (2013), Dantas, Silva e Carvalho (2014), Colombo (2019), Gomes (2019) e Silva (2020).

A visão de deficiência passou por transformações ao longo dos tempos, deixando o paradigma do modelo médico no passado, para atualmente vigorar o modelo social da deficiência. Esse modelo apresenta perspectivas diferentes sobre a natureza da deficiência, mas de forma geral, todas essas perspectivas confrontam as forças sociais, econômicas e políticas que oprimem as pessoas com deficiência; contrapõe-se às perspectivas médicas de interpretação da deficiência; abordam os fatores sociais, culturais, políticos e econômicos que fazem com que pessoas com determinadas lesões sejam consideradas deficientes; consideram que o problema da deficiência não está apenas no comprometimento, mas também, no relacionamento com a sociedade como um todo e acredita que as pessoas com deficiências devem ser consideradas especialistas em suas próprias vidas (HARLOS, 2011).

No entanto, os teóricos que principiaram o modelo social da deficiência eram homens com deficiência, a grande maioria com deficiência física e pertencentes às elites sociais, e mesmo trazendo muitos avanços devido a negação do modelo médico, em virtude de tais características reproduziram discursos dominantes de gênero e classe social; o que foi alvo de duras críticas por parte de teóricas feministas e/ou de mães e cuidadoras de pessoas com deficiências, o que acarretou na incorporação de novos elementos para a luta e resistência das pessoas com deficiências (COLOMBO, 2019).

A antropóloga Débora Diniz foi a pioneira no Brasil a entrelaçar a questão da deficiência com teorias feministas, realizando uma revisão ao modelo social da deficiência introduzindo novas pautas como a situação de dupla vulnerabilidade que as mulheres com deficiências encontram-se na

sociedade, a atenção ao cuidado e a experiência de se viver um corpo lesionado e a preocupação com as crianças com deficiências. Assim, Diniz (2003) considera que:

... a importância do cuidado, falaram sobre a experiência do corpo doente, exigiram uma discussão sobre a dor e trouxeram os gravemente deficientes para o centro das discussões... Foram as feministas que introduziram a questão das crianças deficientes, das restrições intelectuais e, o mais revolucionário e estrategicamente esquecido pelos teóricos do modelo social, o papel das cuidadoras dos deficientes... Por fim, foram as feministas que mostraram que, para além da experiência da opressão pelo corpo deficiente, havia uma convergência de outras variáveis de desigualdade, tais como raça, gênero, orientação sexual ou idade (2003, p. 3-4).

Porém, é preciso esclarecer que há críticas aos estudos feministas por muitas vezes não incluírem as mulheres com deficiências em suas reivindicações, além de ocorrerem divergências em algumas solicitações, como a luta de muitas feministas sem deficiências pela legalização do aborto enquanto que as mulheres com deficiências lutam pela liberdade à maternidade e pela responsabilidade de sua própria vida sexual, havendo uma tensão entre os dois movimentos quanto à permissão jurídica do aborto quando o feto apresenta características consideradas “anormais” (Dantas; Silva; Carvalho, 2014). De acordo com Farias (2011), a desvantagem e exclusão das mulheres com deficiências são tão significativas que até mesmo em debates envolvendo as questões de gênero estas acabam sendo silenciadas ou subrepresentadas nos movimentos de mulheres sem deficiências que acabam negligenciando e não fazendo a devida articulação entre o gênero e deficiência.

Quando se fala de feminilidades e de masculinidades é necessário salientar a deficiência como sendo um elemento de seus arranjos, levando em consideração que as mulheres com deficiências estão em dupla desvantagem quanto à participação social, educação, trabalho e direitos sexuais e reprodutivos e que

essa dupla vulnerabilidade se intensifica e se complexifica quando atreladas a outras categorias como raça/etnia, orientação sexual, classe social e região (Mello; Nuernberg, 2012), podendo esta ocupar posições de tripla vulnerabilidade ou quádrupla vulnerabilidade, por exemplo, devido à sua identidade.

É importante deixar claro que mesmo havendo similaridade nas formas de violências sofridas entre mulheres sem e com deficiências, o segundo grupo experiencia situações que são mais complexas e são agravadas devido ao isolamento social que estão mais propensas; à necessidade de, em alguns casos, dependerem de cuidador ou cuidadora; a dificuldade de perceber um abuso, devido ao grau de funcionalidade ocasionado pela deficiência e a improbabilidade de defesa também devido a sua situação (MELLO; NUERNBERG, 2012).

As mulheres com deficiências sofrem exacerbadamente com os efeitos ocasionados pelos padrões de beleza, perfeição e felicidade, pois com a “liberação” da sexualidade houve a sua supervalorização e a criação de símbolos sexuais que acabaram acarretando novos desafios à autoestima dessas mulheres, tendo estas que superarem os mitos de venustidade e combater os preconceitos decorrentes da deficiência (Fróes, 2000). A imagem corporal é elaborada de acordo com valores socioculturais, assim os modelos culturais que disseminam uma determinada aparência física como sendo a adequada retrata a repressão de como a imagem corporal é construída e da própria percepção que as mulheres com deficiências acabam tendo de si mesmas; nesse sentido é importante evidenciar que os padrões de beleza são excessivos e descomedidos tanto para as mulheres com deficiências como para as que não têm deficiências, mas com intensidades distintas (WEREBE, 1984).

É necessário compreender que a beleza é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro, sendo atribuído valor as mulheres e colocando-as em uma hierarquia vertical de acordo com a sua imagem corporal, o que não ocorre com os homens, já que socialmente as mulheres devem encarar os padrões de beleza sendo isto imposto

como uma obrigação, enquanto cabem aos homens desejar e querer as mulheres que encaram esse padrão (WOLF, 2018).

As mulheres com deficiências sofrem com uma imagem desfavorável em relação àquela veiculada pela mídia, além delas terem poucos modelos para amplificar seu senso de identidade compartilhada pelos veículos de comunicação, por esta e dentre outras razões, aqui já mencionadas, que a representação da mulher com deficiência é de grande importância (Ferri; Gregg, 1998). Esporadicamente as mulheres com deficiência são representadas em filmes, novelas, séries e desenhos, mas geralmente sua imagem está vinculada a vítima, morte, esforço, vulnerabilidade ou como sendo uma excessão por ter conquistado algo, sendo representadas de forma estereotipada.

Assim, este trabalho busca demonstrar como as mulheres com deficiências são representadas e retratadas no cinema, visto que este é um artefato cultural de grande impacto, desta forma o objetivo do presente estudo é expor a interpretação realizada pela autora do presente trabalho a respeito de uma obra na qual a personagem principal é uma mulher com deficiência.

Descrição e análise do filme

O filme em questão é intitulado de “Temple Grandin” e é uma cinebiografia sobre a vida de Temple Grandin, uma mulher com autismo. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), em sua quinta versão, o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por dificuldades persistentes na interação social e na comunicação e no engajamento em padrões repetitivos e restritos de comportamentos, interesses e atividades, que podem ser externadas por estereotípias, comportamentos verbais estereotipados, podendo vincular-se a alterações sensoriais e padrões de comportamento ritualizados (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA [APA], 2014).

A obra cinematográfica foi lançada em 6 de fevereiro de 2010, com direção de Mick Jackson e produção de Scott Ferguson. O elenco

do filme é composto por Claire Danes (Temple Grandin), Julia Ormond (Eustacia, mãe de Temple), Catherine O'Hara (Ann, tia de Temple) e David Strathairn (Dr. Carlock, professor e amigo de Grandin). O idioma original é o inglês e o filme é considerado do gênero biográfico e drama. No ano de 2010 foi vencedor de 5 categorias indicadas pelo Prêmio Emmy para filmes, sendo elas: melhor filme, melhor direção, melhor atriz principal (Claire Danes), melhor atriz coadjuvante (Julia Ormond) e melhor ator coadjuvante (David Strathairn); além de vencer nas categorias técnicas de melhor música (Alex Wurman) e montagem (Leo Trombetta).

Antes de começar a descrever o filme e analisá-lo, é necessário explicar quem é Mary Temple Grandin, mais conhecida como Temple Grandin. Nascida em Boston, Estados Unidos em 1947, foi diagnosticada aos 4 anos de idade com TEA e devido a este diagnóstico sempre preferiu o contato animal ao invés do humano. É Bacharel em Psicologia pelo Franklin Pierce College, pois queria se especializar em comportamento animal; é mestra em Zootecnia pela Universidade Estadual do Arizona e Ph.D. em Zootecnia, desde 1989, pela Universidade de Illinois. Atualmente, Grandin ministra cursos na Universidade Estadual do Colorado sobre o comportamento de rebanhos e sobre projetos de instalações pecuárias e presta consultorias para a indústria pecuária em relações ao manejo, instalações e cuidado dos animais; além de ter publicado inúmeros artigos em revistas científicas e periódicos especializados sobre essa temática.

Em 1965, Grandin projetou e desenvolveu a “Máquina do Abraço” tomando como base o brete, uma máquina que exerce pressão sobre bovinos para tranquilizá-los no momento de aplicação de vacinas e para outros tratamentos. Assim, a Máquina do Abraço criada por ela, pressiona a pessoa como se ela estivesse sendo abraçada, ou seja, é um abraço mecânico que faz com que a pessoa tenha a sensação física de um abraço e isso a acalma, tornando-se um instrumento no auxílio de pessoas com TEA em momentos de crises para aliviar a ansiedade e a tensão. Essa passagem da vida de Grandin é retratada no filme. Segundo

Schmitd (2012), esse dispositivo, a Máquina do Abraço, ainda é utilizado em programas terapêuticos nos Estados Unidos e alguns estudos científicos demonstraram uma sensível redução dos níveis de tensão, ansiedade e de estereotípias em pessoas com TEA com a utilização da aparelhagem.

Agora, abordar-se-á o filme de maneira mais específica. A obra ilustra os desafios comumente encontrados por pessoas com TEA com base na história de vida de Temple Grandin, assim a história retrata sua vida desde o surgimento do diagnóstico, perpassando o período escolar até sua formação no nível superior e pós graduação.

É retratado no filme o momento em que ocorre o diagnóstico de Temple, por volta de 1950, quando ela ainda não havia desenvolvido a fala até os 4 anos e então sua mãe a leva para uma avaliação psiquiátrica na qual é feito o diagnóstico. É válido ressaltar que neste período pouco se sabia a respeito do TEA e a maioria das informações que se tinham, atualmente já foram ultrapassadas. Na época, associava-se o TEA ao comportamento das mães dessas crianças em relação a elas, Leo Kanner (1943) um dos pioneiros nos estudos sobre o transtorno, caracterizou essas mães como emocionalmente frias e estas passaram a ser chamadas de “mães geladeiras”; tal concepção tornou-se obsoleta por meio de novos estudos científicos e pelo movimento de mães de pessoas com TEA para combater essa crença. Nesse sentido, o filme mostra que no momento do diagnóstico a mãe de Grandin recebeu explicações de que o quadro de sua filha teria sido ocasionado por restrições afetivas de sua parte em relação a ela.

É demonstrado no longa diversos momentos em que Eustacia (mãe de Grandin) busca por trocas afetivas com a filha por meio de toques e abraços, o que na grande maioria das vezes, não é retribuído por Temple devido as características apresentadas por ela ocasionadas pelo TEA; além de Eustacia estimulá-la de maneira precoce e intensa antes de Temple frequentar a escola. Tais passagens do filme exibem a grande importância da mãe na vida de Temple e também de sua tia Ann, a qual a acolhe em sua fazenda após Temple concluir o ensino médio; demonstrando que as mulheres, na maioria das vezes, e

principalmente as mães, são encarregadas pelo cuidado dos filhos com deficiências, o que pode ser constatado no estudo de Colombo (2019) e em outros diversos estudos; situação esta que reflete a sociedade machista e sexista que ainda vivemos.

É na fazenda de tia Ann que Temple passa a se interessar pela vida animal, mais especificamente pelos bovinos, ficando a observar seus comportamentos; devido as características apresentadas por ela em decorrência do TEA, consegue perceber detalhes tão sutis que passam despercebidos por outras pessoas, além de possuir uma memória espetacular, o que faz com que ela consiga realizar fabulosas inferências sobre os padrões de comportamentos das vacas. No período que ingressa na universidade, começa a se dedicar ao seu projeto de pesquisa que deu origem à Máquina do Abraço, mencionada anteriormente.

O filme não retrata apenas os melhores momentos da vida de Grandin, mas também exibe sua trajetória de enfrentamento aos desafios cotidianos vivenciados por ela devido a sua diferença, ou seja, devido as suas necessidades e características específicas em virtude do TEA e que a sociedade não está preparada para atender a essas especificidades, seja por falta de acessibilidade, oportunidades e/ou por barreiras atitudinais. Um exemplo que pode ser citado é a sua hipersensibilidade sonora e a sua dificuldade de interação social, e um momento do filme que também pode ser lembrado é quando é solicitado para Temple fazer a leitura em voz alta de um trecho de um livro em francês para seus colegas e neste momento são destacadas suas diferenças tanto pela sua leitura quanto pela forma com que ela aprende e compreende os conteúdos; o que acaba gerando atitudes desagradáveis e inadequadas por parte de seus colegas.

Em razão de suas grandes habilidades, a família de Temple sempre a incentivou a buscar níveis de formação cada vez mais elevados e após sua formatura do ensino superior, na pós graduação, Grandin passou a se interessar pelo abate de gados, percebendo que esse processo por ser muito estressante para os animais acabava fazendo com que a carne ficasse mais dura e

gerava custos desnecessários aos abatedouros, desenvolveu então estudos para compreender o comportamento dos gados e com base em suas percepções e nos dados coletados, redesenhou as instalações de abatedouros eliminando os elementos que causavam tensão nos gados e incorporou ou reforçou aqueles que tranquilizava-os. Porém, é importante destacar que a trajetória acadêmica de Temple Grandin é marcada por grandes dificuldades, sendo ela obrigada a desenvolver inúmeras estratégias para superar os obstáculos até concluir seu PhD. O estudo de Colombo (2019) demonstrou como é árdua a trajetória escolar e acadêmica de mulheres com deficiências, principalmente pela questão da dupla vulnerabilidade a que estas estão expostas, o que não foi diferente no caso de Grandin.

Quando se deu o diagnóstico, Temple foi identificada com autismo (na época essa era a denominação) grave. Atualmente, o DSM-V, publicado em 2013, define o TEA em níveis, podendo ser nível 1, nível 2 e nível 3 ou leve, moderado e severo. A distinção entre esses níveis diz respeito a quantidade de apoio que a pessoa diagnosticada necessita, sendo de nível 1 aquele que necessita de suporte, de nível 2 a pessoa que precisa de suporte substancial e de nível 3 de suporte muito substancial (APA, 2014). O termo “Espectro” atualmente utilizado na denominação do TEA, diz respeito a gama de possibilidades dentro do transtorno, possibilidades estas que variam dentro dos níveis. Assim, Temple por não apresentar atrasos significativos em seu desenvolvimento cognitivo e de suas habilidades de autoajuda e apresentar compreensão e expressão verbais preservadas, situa-se no extremo mais baixo do TEA, no nível 1, ou pode ser caracterizada com Autismo de Alto Funcionamento (termo não formal e que não está presente no DSM-V, mas muito utilizado ainda nos dias de hoje), que refere-se a pessoa com TEA que apresenta excelentes habilidades cognitivas (Schmitz, 2012). O filme dá muita ênfase e destaque às habilidades de Grandin, no entanto essa grande notoriedade pode acabar reforçando no telespectador leigo o entendimento equivocado de que pessoas com TEA são extremamente inteligentes.

O filme retrata toda a história de vida de Temple Grandin dando ênfase em sua educação, ao longo de todo o filme é possível perceber inúmeras dificuldades enfrentadas por ela, seja na escola ou na universidade. Temple sofreu *bullying*, discriminação, exclusão e descrédito. Foi praticamente impedida de desenvolver seus estudos de mestrado em um abatedouro (ambiente retratado no filme como predominantemente masculino) por ser mulher e também por suas características singulares, o que fez com que suas ideias fossem desprestigiadas, além de ser motivo de chacota pelos homens trabalhadores do local, que certa vez para zombar de Grandin colocaram inúmeros testículos de boi em seu carro.

Apesar de todas as barreiras que Temple Grandin teve de superar e que impactaram em sua vida de forma contraproducente causando-lhe muitas vezes crises de desregulação, ela nunca parou de lutar, de almejar e de buscar por seus ideais. A história de Grandin é sim uma história de superação e resiliência, tendo em vista a época em que conseguiu alcançar o seu nível mais alto de formação, na qual pouco se sabia a respeito do TEA, poucos direitos eram reservados as pessoas com deficiências e que a sociedade era ainda mais machista do que é hoje. Mas, sua história não é somente de superação, mas também, e principalmente, uma história de inspiração, inspiração para outras mulheres com TEA e para mulheres com deficiências; que podem tomar como base a sua bravura, valentia e persistência para enfrentarem as adversidades sociais oriundas da somatória entre gênero e deficiência.

Considerações Finais

O filme apresenta de forma clara alguns dos obstáculos que mulheres com deficiências podem vivenciar durante toda a sua vida. Assim, buscou-se destacar um filme no qual a personagem principal é uma mulher com deficiência, tendo em vista que na maioria dos filmes que retratam as vivências de pessoas com deficiências os personagens principais são homens; mostrando a invisibilidade de mulheres com deficiências no cinema.

Portanto, aproveito este momento para mencionar algumas obras cinematográficas que são protagonizadas por mulheres com deficiências: *Belinda* (1948), *Castelos de gelo* (1978), *Gaby – Uma história verdadeira* (1987), *O sino de Anya* (1999), *Simplex como amar* (1999), *Frida* (2002), *A pessoa é para o que nasce* (2005) e *Soul Surfer – Coragem de viver* (2011).

O filme de Temple Grandin e a sua trajetória de vida, mostra as inúmeras barreiras que são impostas as pessoas com deficiências, principalmente as mulheres com deficiências, mas que tais obstáculos podem ser superados. Esta bela obra cinematográfica me fez pensar em alguns questionamentos: Será que mulheres com deficiências que não apresentam capacidades cognitivas tão elevadas quanto a de Grandin são representadas em filmes? Dentre os filmes que apresentam mulheres com deficiências, como elas são representadas? A partir de que ótica essas mulheres são vistas? Quais são as suas características? Enfim, perguntas estas que podem ser respondidas em estudos futuros.

Antes de encerrar, lembro que algumas cenas do filme por se passarem em abatedouros de gados são fortes e podem afetar os telespectadores. É válido explicar que Temple Grandin busca pelo bem estar animal no momento terrível que é o abate: *“A natureza é cruel, mas não tem que ser.”* (fala de Temple traduzida do filme). Apesar de tais ações gerarem inúmeras discussões e de cada um ter sua filosofia e ideal de vida, assim como a autora deste capítulo que não concorda com o abate de animais, isso não apaga a importância e representatividade de Grandin como sendo uma mulher com deficiência, que conseguiu inúmeros feitos e é reconhecida internacionalmente.

Referências

Associação Americana de Psiquiatria (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V. Porto Alegre: **Artmed**, 2014.

AUAD, D. **Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola.** São Paulo. Contexto, 2016.

COLOMBO, I. M. **Deficiência, gênero e feminismo: a dupla vulnerabilidade da trajetória escolar até o ensino superior.** Orientadora: Fátima Elisabeth Denari. 2019. 76f. TCC (Graduação) – Licenciatura em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

DANTAS, T. C.; SILVA, J. S. S.; CARVALHO, M. E. P. Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 4, p. 555-568, out./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382014000400007>. Acesso em: mar. 2021.

DINIZ, D. O modelo social da deficiência: a crítica feminista. **SérieAnis** 28, Brasília, p. 1-8, LetrasLivres, julho, 2003. Disponível em: [http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa28\(diniz\)_deficiencia_feminismo.pdf](http://www.anis.org.br/serie/artigos/sa28(diniz)_deficiencia_feminismo.pdf). Acesso em: mar. 2021

FARIAS, A. Q. **Gênero e deficiência: uma história feminina de ruptura e superação de vulnerabilidades.** 2011. 110 f. Tese (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

FERRI, B. A.; GREGG, N. Women with disabilities: missing voices. **Women's Studies International Forum**, Oxford, v. 21, nº 4, p.429-439, 1998.

FRÓES, M. A. V. Sexualidade e deficiência. Temas sobre desenvolvimento. **Biblioteca Virtual em Saúde**, São Paulo, v.8, nº 48, p. 24-29, 2000. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-270109?src=similardocs>. Acesso em: mar. 2021.

GESSER, M.; NUERNBERG, A. H.; TONELI, M. J. F. Constituindo-se sujeito na intersecção gênero e deficiência: relato de pesquisa. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 419-429, jul./set., 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n3/v18n3a03.pdf>. Acesso em: mar. 2021.

GLAT, R.; FREITAS, R. C. **Sexualidade e deficiência mental:** pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema. V. I, Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1988.

GOMES, R. B. Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-14, jan. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v27n1/1806-9584-ref-27-01-e48155.pdf>. Acesso em: abr. 2021.

HARLOS, F.E. **Sociologia da deficiência:** vozes por significados e práticas mais inclusivas. 2011. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

KANNER, L. **Autistic Disturbances of Affective Contact.** *Nervous Child*, n. 2, p. 217-250, 1947.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In:* Louro, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte. Autêntica, 1999. p.(7-34).

MELLO, A. G.; NUERNBERG, A. H. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(3): 384, set./dez., 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/LNV/Downloads/27650-91044-1-PB.pdf>. Acesso em: abr. 2021.

MOREIRA, L. B. et al. Percepções acerca das relações de gênero e da divisão sexual do trabalho para pessoas com deficiência. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v.08, n. 01, p. 158-184, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/18071384.2011v8n1p158/18430>. Acesso em: abr. 2021.

NICOLAU, S. M.; SCHRAIBER, L. B.; AYRES, J. R. M. Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva** (online), Rio de Janeiro, vol. 18, n. 3, p. 863-872, mar., 2013.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232013000300032&script=sci_arttext>. Acesso em: abr. 2021.

OLIVEIRA, E. L. **“Pô, tô vivo, véio!”**: história de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas. 2016. 191 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SCHMITD, C. Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.18, n.2, p. 179-194, Abr.-Jun., 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141365382012000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: abr. 2021.

SILVA, J. S. S. A sombra da discriminação e as barreiras de gênero no cotidiano de mulheres com deficiência na universidade. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.33, p. 1-24, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X38311>. Acesso em: abr. 2021.

WEREBE, M. J. G. Corpo e sexo: imagem corporal e identidade sexual. *In*: D’AVILA NETO, M. I. **A negação da deficiência**: a instituição da diversidade. Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, p. 43-55, 1984.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Ed. 10. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Da *confissão* ao exercício do *governo de si*: entrecaminhos da sexualidade e afetividade como exercício humano

Gabriel Silva Xavier Nascimento¹

João Víctor de Araujo Lima²

O ponto embrionário da reflexão

Lançarmo-nos ao exercício da escrita partindo de reflexões, sobretudo críticas, acerca daquilo que observamos e experimentamos, constitui-se em um duplo desafio. Primeiro, pela necessidade de materializarmos em palavras aquilo que nos inquieta, estimula, nos põe em movimento sem perder de vista o cuidado com as palavras tal qual com as coisas as quais elas representam. Segundo, pelo empreendimento desafiador de revisitar as experiências sob diferentes óticas, com atenção às nuances, aos ditos e não ditos e principalmente ao contexto no qual as práticas discursivas tomam forma.

Por esse prisma, mesmo uma tarefa aparentemente fácil e corriqueira como dialogar sobre um filme constitui um exercício ponderado carregado dos nossos juízos, das nossas referências, daquelas bases epistemológicas que alicerçam nossos esforços enquanto pesquisadores. A partir disso, o gênero ou a intenção de um filme acabam sendo lançados para um plano de fundo, como um movimento de desfoque da lente das câmeras que prioriza as ideias por detrás dos sujeitos e suas possíveis implicações, rompendo a quarta parede e dialogando com nossas próprias experiências e percepções.

Frisar essas possibilidades distintas de diálogos mostra-se necessário não pelo estabelecimento, hierarquicamente dicotômico,

¹ IFSP, tilgabriel@gmail.com

² UFSCar, jooavictor.ne@gmail.com

daquilo que se deve valorizar menos ou mais, mas pela potência que emerge de ambas enquanto prática de reflexão. Ao mesmo tempo, marca ao longo da nossa escrita, o percurso que escolhemos trilhar nas análises. Logo, nosso objeto de estudo aqui pode ser entendido como as práticas discursivas que se solidificaram em um suporte audiovisual denominado filme.

A escolha do filme também não é aleatória, mas fruto de indicação pensada em campos de saberes interseccionados: o da sexualidade e o da constituição das pessoas com deficiência, ambos se alinhando em uma episteme trabalhada na disciplina “Estigma e identidade da pessoa com deficiência - sexualidade, afetividade e deficiências: o olhar do cinema”, no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

Nesta disciplina, busca-se investigar diferentes modelos de estudos das deficiências, rotulações, emergência de estigmas e as relações que se dão com foco nas pessoas com deficiência partindo de uma bibliografia historiográfica e crítica que permite uma visão geral sobre a constituição deste campo epistemológico.

Em termos de sistematização de ideias, o texto foi organizado em quatro seções: 1. *Entre as sessões* - em que trazemos informações gerais sobre o filme, suas características e contexto de produção; 2. *Confessar para ser governado - confessar para o governo de si* - com análises de recortes de práticas discursivas presentes no filme à luz das ferramentas foucaultianas de análise; 3. *Sexualidade e afetividade como formas de constituição humana* - que busca uma reflexão temática à luz do referencial teórico e nossas perspectivas e, por fim; 4. *Gestando considerações* - onde apresentamos algumas considerações sobre as análises e a possíveis desdobramentos a partir delas.

Espera-se que as reflexões aqui propostas mostrem-se potentes no sentido de possibilitar novos olhares acerca da sexualidade e da afetividade enquanto formas de existir e se constituir humano a despeito dos pressupostos de normalidade biológica estabelecidos na sociedade.

1. Entre as sessões

O filme “As sessões” (*The sessions*), lançado em 2012, é dirigido pelo polonês Ben Lewin e inspirado no artigo “*On seeing a sex surrogate*”³, publicado em 1990 no periódico *The Sun* pelo poeta, bacharel em Literatura Inglesa e mestre em jornalismo, Mark O’Brien (1949-1999). Trata-se, portanto, de uma história baseada na vida real de O’Brien, acometido na infância pela poliomielite que resultou na paralisia quase integral do seu corpo sem, no entanto, privá-lo das sensações nele.

Sua trajetória não foi inédita nas telonas por este filme, tendo sido parcialmente apresentada no documentário curta-metragem intitulado “*Breathing lessons: the life and work of Mark O’Brien*”⁴, vencedor do Oscar nesta categoria em 1996.

A simples análise dos nomes das obras envolvendo o poeta ou mesmo à tradução empregada nelas já nos incita a um movimento reflexivo inicial, pensando nas escolhas lexicais empregadas, suas finalidades específicas e as tomando como um acontecimento gênese daquilo que buscam representar.

The sessions foi traduzido literalmente como “As sessões” no português brasileiro e “As seis sessões” no português lusitano. No primeiro caso, há uma alusão direta a uma proposta terapêutica adotada no filme, noção essa que inclusive estabelece uma fina linha questionada por um dos personagens, a linha que poderia separar a profissional da terapia sexual de uma profissional do sexo. No segundo caso, a ideia é ainda mais objetiva ao indicar precisamente o número máximo de sessões que poderão ser realizadas com o único cliente, o que reforça o caráter terapêutico e profissional, como um tratamento cujas sessões irão conduzir a um processo de cura ou normalização em um dado período.

³ Em tradução livre “Saindo com uma substituta sexual” pode ser lido integralmente na página do jornal *The Sun* pelo link: <https://www.thesunmagazine.org/issues/174/on-seeing-a-sex-surrogate>

⁴ Em tradução livre “Ensinando a respirar: vida e obra de Mark O’Brien”.

Por sua vez, o artigo autoral de O'Brien que inspira o filme imprime uma noção que merece um olhar atento em sua semântica. "*On seeing*" propicia pelo menos duas possibilidades de compreensão: a primeira em uma relação direta de consulta, como em uma consulta médica e a segunda no sentido afetivo, como o encontro com uma pessoa com interesse romântico ou sexual. É justamente esse o ponto de convergência tanto do artigo quanto no filme, isto é, a sexualidade e a afetividade como catalisadores da constituição humana.

Já "*sex surrogate*" constitui um desafio de tradução, sendo assumido nas legendas e na dublagem no português brasileiro como "*terapeuta sexual*". A priori, isso pode soar confuso para o telespectador visto que a profissão de um terapeuta sexual ou sexólogo não implica em se relacionar sexualmente com os pacientes, mas em orientações e discussões psicoterápicas com vistas a melhorar a vida sexual e auxiliar com possíveis disfunções, sendo uma prática usualmente combinada com atendimento de outros profissionais da saúde.

Por isso, tomamos aqui "*sex surrogate*" como "*substituta sexual*", pautados na ideia de que o adjetivo "*surrogate*" advém de "*surrogacy*" utilizado em inglês como substituto ou sobressalente, em um contexto em que algo ou alguém é impedido ou impossibilitado de ocupar uma determinada função.

Essa noção ressoa com mais sentido na proposta do filme e nos discursos de O'Brien, visto que ele busca nessa profissional a realização de algo que não lhe foi possível experienciar, isto é, a ausência de uma parceira sexual convencional é sanada pela presença de uma substituta que o ajudaria de forma terapêutica e em um tempo pré-estabelecido, a experimentar o sexo e, principalmente, experimentar-se sexualmente.

Da mesma forma, o título do curta-premiado no Oscar de 1996 funciona como uma alusão direta à vida de O'Brien com um jogo de palavras e sentidos. "*Breathing lessons*", que assumimos em tradução livre como "*ensinando a respirar*" remete à condição do poeta cuja sobrevivência é condicionada a uma câmara mecânica

de respiração chamada de *pulmão de aço*, e a uma maca especial que o permite sobreviver por tempo limitado fora da câmara de metal.

Além disso, indica a trajetória de Mark enquanto forma de superação de uma condição vista socialmente como limitada. Aqui a ideia de aprender a respirar se distancia do processo mecânico do qual ele depende e se aproxima de um modo natural de sobrevivência em meio à diversidade, assim como o é para pessoas em condições biológicas diferentes da dele. Não se ensina alguém a respirar, mas o autor busca indicar possibilidades de se constituir enquanto sujeito mesmo em situações em que a adversidade e os desafios são metafóricamente (para nós) e literalmente (para ele) sufocantes, o que reforça a perspicácia intelectual e a formação de O'Brien na Universidade de Berkeley.

É também com muita maestria e sensibilidade que Lewin imprime no filme de 2012 essas sutilezas que inter relacionam a realidade a poesia de O'Brien, transitando entre jogos de palavras e sentidos que provocam no telespectador as sensações tanto de limitação quanto de liberdade experimentadas pelo poeta.

Como exemplo, podemos citar as sensações de imobilização com Mark encarando o teto sem a possibilidade de tocar o gato que mora com ele ou mesmo seu esforço para alcançar o aparelho telefônico adaptado, alternando entre usar a mangueira auxiliar de respiração na boca ou usar a vareta que o permite, segurada pelos dentes, discar os números de telefone e escrever qualquer coisa ou ainda sua espera pela morte quando uma queda de energia desliga seu *pulmão de aço*.

Servem, também, as sensações de liberdade com a câmera fitando o céu em ambientes abertos, as árvores vistas de baixo para cima e as mudanças na iluminação de um ambiente fechado para um aberto. Bem como as sensações de prazer e atenção com alternância dos ângulos hora fitando o rosto e as expressões, hora os corpos nus e seminus em que a alternância de perspectivas de primeira para terceira pessoa aludem diretamente aos diferentes papéis assumidos nas práticas sexuais.

É nessas nuances que o roteiro e a direção personificam O'Brien por meio de uma narrativa fluída e objetiva, quase

episódica em um fluxo temporal que coloca o telespectador em uma história progressiva, como uma metáfora para os momentos que perpassam a vida e o seu esvair com a morte. Um registro visual que assume um caráter literário ao imbricar a produção poética à narrativa de forma pontual e marcada por entrelinhas cujas experiências que observamos em tela nos permitem compreender em contemplação os sentidos.

Para além de tudo isso, o filme se concentra nas diferentes formas de amar, na dissociação entre o sexo relacional e o casual, mas não deixa de ilustrar com clareza as amarras sociais e religiosas que a sociedade transparece e que permitem formas, por vezes estanques, de se perceber enquanto indivíduo e de também ser percebido pelos outros.

Podemos encontrar evidências disso no trecho do filme em que Mark nos narra o modo como percebia sua assistente Amanda, descrita por ele como “uma bela mulher para tocar, abraçar e beijar”. No anúncio, ele requeria uma assistente com bom humor e não ter experiência em trabalhar com pessoas como ele não se mostrou algo impeditivo para sua contratação, pelo contrário, Mark fugia justamente do olhar, já experimentado por ele, de uma profissional que o percebia de modo capacitista e meramente contratual.

As atitudes de Amanda ao envolvê-lo em atividades com os amigos e namorado inspira ainda mais seu lado amoroso, por ela desviar da prática comum de cuidados paliativos e trazê-lo para a interação social. No entanto, a forma como Mark é percebido pelo namorado de Amanda, denota uma visão estigmatizada de uma pessoa com deficiência, tanto em termos afetivos quanto sexuais.

Sendo enfático, em uma conversa com Amanda, o namorado incomodado com a proximidade e intimidade entre ela e o poeta diz “Você toca nele?... Que nojo!” Ao ser advertido, assume uma posição defensiva, como se a perspectiva dele sobre Mark não fosse absurda, mas claramente justificável pela condição que marca o corpo do poeta.

Ocorre ainda um reforço do estigma e neutralização dos desejos corporificados de Mark. Para o namorado de Amanda, o poeta não representa ameaça alguma para sua relação. Fica

evidenciado aqui a supremacia de um corpo biologicamente normalizado sobre o corpo deficiente estigmatizado pela anulação e inutilidade do sexo e da afetividade. Amanda, no entanto, coloca em xeque essa visão normalizadora e confronta o parceiro afirmando “ele é mais homem que você!”. Para ela, a constituição do homem extrapola a designação fálica e sexual, pela proximidade e convivência com Mark, o encantamento que ele tem por ela passa a ser mútuo e a permite entendê-lo como homem a despeito da sua constituição física.

Para Omote (1944) é neste sentido que se estabelece a relação de encontro entre o estigmatizado e aqueles que o percebem e imprimem nele tal rótulo situando a condição de não normalidade. Ainda que Amanda vá de encontro ao discurso do namorado e o considere, nas palavras dela, “um babaca”, é o corpo normalizado e não o deficiente com quem ela decide se relacionar.

Outro ponto interessante a se considerar no filme é a relação de vida e morte. Enquanto o fluxo biológico direciona para as vivências da sexualidade e para as descobertas e experimentações, principalmente na puberdade, O'Brien teve suas experiências interrompidas pela doença quando ainda criança e se dedicou durante toda a vida a seus estudos e trabalho tendo sua sexualidade e desejos anulados pelos rótulos da deficiência e fragilidade.

Sua paralisia não o privou, no entanto, do intelecto, do seu desejo de sentir, dos impulsos e da sua afetividade, ele mesmo confessa ter tentado inúmeras vezes se relacionar, todas sem sucesso e seus poemas reforçam o caráter sentimental e erótico conforme se pode perceber no trecho abaixo:

Deixe-me tocá-la com minhas palavras,
pois minhas mãos caem inertes como luvas vazias.
Deixe minhas palavras alisar seus cabelos, escorrer pelas suas costas
e roçar sua barriga,
pois minhas mãos livres e leves como tijolos ignoram meus desejos e
teimosamente se recusam a empreender até meus impulsos mais
silenciosos. (AS SESSÕES, 2012).

Neste poema, que O'Brien chama de "*Poema de amor para ninguém em especial*", a inter relação entre o erótico e o sentimento se camuflam mutualmente. Para pessoas comuns, ressoa como uma produção não direcionada, metafórica, catártica e meramente imaginária, mas para quem experienciou as relações com Mark as palavras são ressignificadas, ativam memórias mistas de luxúria e afetividade sobretudo para Cheryl, sua substituta para sexo.

Essa forma de expressão poética revela ainda um processo de amadurecimento de Mark em relação ao sexo que pode ser entendido quase como uma puberdade intelectual motivada pela preocupação em morrer sem ter experimentado seus desejos. Essa ideia não emerge aleatoriamente, mas à medida em que ele ouve narrativas de outras pessoas com deficiência sobre suas vivências em relação ao sexo.

É neste contato inicial que ele se dá conta de sua possível potencialidade em relação ao sexo e coloca-se a pensar caminhos possíveis para experienciá-lo também. Nessa nova trilha, as emoções, anseios e autoestima corporificam em marca traços de um adolescente em fase de descobertas e inquieto quanto a possibilidade de fracasso em um primeiro encontro.

Neste ponto, o caráter confessional atrelado à sua fé e religião começam a operar com maior intensidade revelando amarras sociais que denotam possibilidades de ser governado e governar se propriamente por meio de práticas de sujeição e contra condutas conforme discutiremos na próxima seção.

2. Confessar para ser governado - confessar o governo de si

Partindo agora para uma análise mais direcionada às práticas discursivas presentes no filme, elegemos como lentes de análise os conceitos de *governo de si* e *confissão* ancorados na perspectiva do filósofo francês, Michel Foucault. Tal escolha se deve a uma estreita relação entre as decisões e condutas assumidas por O'Brien tanto em seu artigo quanto no filme inspirado pelo texto.

Para Foucault, governar “é estruturar o campo de ação eventual dos outros” (2001, p. 1056), isto é, produzir formas de verdade que irão permitir ao outro se conduzir. Portanto, ao empregarmos o conceito de 'governo de si', assumimos ser uma prática de condução que emerge nas relações sociais e se escora no movimento e na diluição do poder em forma de produção de discursividades que por sua vez, direciona o modo de condução que o outro faz sobre si.

Por sua vez, a ideia de *confissão* configura os primórdios das reflexões de Foucault em seus estudos sobre sexualidade, especialmente no volume História da Sexualidade - Volume 1: a vontade do saber (2009), abarcando tanto as discussões alinhadas ao eixo do poder como também, a seguir, o eixo da ética.

Pensando na terminologia tal qual analisamos os termos das obras e traduções dos filmes relacionados a O'Brien, Silva (2014) aponta uma situação semelhante aplicada à tradução brasileira do termo confissão.

Em francês, Foucault utiliza "*aveu*" e "*confession*", ambas traduzidas para o português por "*confissão*". De forma geral, "*aveu*" tem uma acepção mais abrangente que "*confession*", de modo que esta pode ser tomada como um subconjunto da noção de "*aveu*". (p.14)

E esclarece:

Aveu é a noção mais abrangente na qual está implicada tanto a verbalização da verdade do criminoso perante o juiz, do louco ao psiquiatra, do analisado ao psicanalista, da criança ao professor, quanto a do pecador ao padre ou do dirigido ao diretor de consciência. A *confession* é numericamente menos usada que *aveu*, e quando usada é geralmente com intenção de especificar a tecnologia de verdade em voga no sacramento da penitência católica. (p.14)

Considerando o que nos elucida Silva (2014, p.14) a perspectiva confessional empregada nas análises aqui pretendidas se aproxima da noção abrangente imbricada no original *aveu*,

sobretudo pela relação constante e pastoral estabelecida entre O'Brien e o sacerdote, Brendan.

A figura do padre, que também é um substituto do sacerdote anterior (Padre Seamus), caracteriza um ponto de convergência e de renovação na vida de O'Brien que passa a externar seus desejos impulsionados pela sua trajetória, pela troca da assistente, pela troca do padre, pelo contato e percepção da sexualidade de outras pessoas com deficiência e, por fim, pela chegada da substituta sexual.

A figura representativa do substituto espiritual e da substituta sexual aludem ainda aos opostos sagrado e profano, espiritual e carnal implicando no poeta um movimento de transitar entre eles com reflexões e práticas discursivas que se constituem em ferramentas de contra conduta que não fogem aos deslocamentos de poder entre o pastoral e o governo de si.

Ainda que Mark se mostre teoricamente decidido a experienciar a sexualidade, é nas palavras do sacerdote que ele se respalda para colocar a teoria em prática, por vezes argumentando, encontrando brechas nas normas estabelecidas para fé, o que imprime no padre um papel intervencionista e de penitência entre a conduta do poeta e a divindade.

Por este caminho, a lógica da confissão extrapola o domínio da crença. Se o papel da substituta sexual é a resolução do desejo carnal, o papel do padre se configura no alívio espiritual e na fuga da condenação.

No primeiro encontro com o novo sacerdote, Mark diz que a conversa não é bem uma confissão, pois ainda não cometeu o ato e utiliza a expressão "eu queria um orçamento da penitência". Por este discurso, pode-se perceber um deslocamento inicial da lógica confessional de se manter no caminho proposto e um exercício de governo de suas próprias ações.

Ao brincar com o termo "orçamento" O'Brien anuncia que pelo seu próprio juízo pretende analisar o peso e a consequência de seus atos. A amarra da religiosidade não é cortada, apenas levemente afrouxada. Por sua vez, a ideia de contra conduta se dá no discurso que justifica um possível perdão para o que ele pretende fazer.

A ideia de confissão, na perspectiva Foucaultiana toma uma forma mais consistentemente direcionada ao desejo carnal com a emergência das discussões sobre sexualidade no século XIX, sendo incorporados à lógica escolástica de pecado e penitência conforme nos narra Silva (2014).

A confissão se articulou ao sexo pela via do problema da carne, do corpo sensível e complexo da concupiscência, à medida que está se constitui enquanto principal objeto da confissão, tanto religiosa quanto médico-sexual, formando-se assim o terreno propício – pela articulação do desejo e do prazer na raiz mesma da consciência – para o aparecimento no século XIX da “sexualidade” (p.12)

A expectativa de que os anseios de O’Brien ao antecipar sua confissão se direcionassem à prática da sexualidade é quebrada pela sua própria lógica de raciocínio que o permite estabelecer uma ordem de prioridade em sua confissão e as possíveis penitências as quais ele deseja orçar.

Na primeira confissão ele receia despedir a assistente cuja postura lhe transmite uma sensação de capacitismo em uma relação estritamente financeira. Dispensá-la constitui um exercício de *governo de si*, uma vez que o intuito é provar que ele não era de fato mais dependente da assistente do que ela mesma o era em relação a ele, uma forma de rompimento com o rótulo presente nos olhares e postura dela. Revela-se ainda um exercício de consciência quando o próprio Mark comenta que teme se tratar meramente de uma relação de poder.

Não se pode, a priori negar que de fato se trata de uma relação de poder, ou melhor, um deslocamento de poder entre ele e a assistente, no entanto, isto não exime a cristalização de um movimento de *governo de si* quando a superação da inquietação se pauta uma decisão individual, ainda que consultada e “autorizada” e cujos resultados não são definidos.

É nesse entremeio entre o ato decidido e o ato autorizado ou abençoado, por assim dizer, que se releva esses pontos de transição

e deslocamento que hora se localiza numa lógica confessional subordinada a um poder pastoral, ora por uma lógica de auto governo atrelada a movimentos de contra conduta.

A segunda confissão, após ciência das práticas sexuais de outras pessoas com deficiência, a contratação de uma terceira assistente e a sugestão de consultar uma substituta sexual é bem mais intensa, quase terapêutica marcada pelo desabafo em relação ao sofrimento, a vergonha e a frustração corporificadas pela condição de paralisia até então impeditiva para sua realização sexual. Ao falar sobre sua experiência às vezes involuntária de ejaculação O'Brien confessa "sinto vergonha onde os outros parecem sentir prazer".

Essa frase denota de forma cirúrgica a noção entre o normal e o anormal marcadas pela condição biológica. É expressa de forma emocionada e inquisitiva. O simples ato de ejacular é vexaminoso por se tratar de um corpo com deficiência, enquanto para outros é motivo de satisfação.

Há aí uma negação da possibilidade de se relacionar sexualmente, de externar o interesse, o desejo e prazer. Para alguns, como para o namorado de Amanda, tocar no corpo nu de O'Brien ainda que para higienização ou troca de vestimentas é "nojento". A ereção, a ejaculação e o desejo não são suficientes para que ele seja caracterizado como um homem sexual.

O desabafo é marcado pela culpa, por um histórico de desilusões, silenciamentos e negação da própria natureza do corpo com deficiência, mas não se trata de uma posição assumida por ele, mas uma construção social a partir do modo como ele é percebido pelos outros que se enquadram no dito padrão de normalidade. Sobre isso, encontramos em Foucault (2009, p. 18) o seguinte:

O interesse não é tanto saber porque somos reprimidos, mas porque dizemos com tanta culpa que somos reprimidos. É "levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz". (FOUCAULT, 2009, p.18)

Assim as marcas que o corpo de O'Brien carrega são resultantes de um extenso governo exercido sobre ele e outras pessoas com deficiência que não somente restringe suas possibilidades de se constituir na perspectiva da diferença como também encontra forças na lógica confessional, que preconiza a prática sexual como ato libidinoso e condenável fora do casamento.

É justamente o temor pela condenação que freia, a princípio, a intencionalidade de romper com essa relação de poder hegemônica que o situa no campo da anulação sexual. Ao mesmo tempo, é essa nova produção de verdade que faz emergir a possibilidade de contraconduta que pode ser enviada durante em outro trecho da segunda confissão quando Brian consulta ao Padre sobre a possibilidade de contratar uma substituta sexual conforme transcrevemos abaixo:

[...]

Padre: Trata-se de uma relação sexual?

Mark: Acho que sim.

Padre: Fora do casamento?

Mark: Fiz o que pude em relação ao casamento.

Padre: Qual a diferença entre uma substituta sexual e uma prostituta qualquer?

Mark: Não sei, mas acho que existe uma diferença.

[...]

Padre: Por que agora?

Mark: Principalmente porque eu não tinha dinheiro antes... e agora meu prazo de validade já deve estar acabando.

Padre: É para isso que você quer meu conselho? Para fornicação?

Mark: Quero seu conselho como amigo. (AS SESSÕES, 2012)

Vale notar nos argumentos que chamamos de contra conduta que situam o discurso de Mark nas brechas que justificariam seu desprendimento das amarras da fé. Confessar ao sacerdote o interesse em fazer sexo fora do casamento e com uma profissional paga destoa da lógica cristã normativa que não raramente aborda

o sexo como ritual reprodutivo. O ato em si resultaria numa prática duplamente pecaminosa de fornicação e prostituição.

No entanto, Mark encontra argumentos para sobrepujar a lógica impeditiva e reconfigura o ato confessional em um ato de amizade, de certo modo desobrigando o sacerdote de sua responsabilidade da decisão. A confissão se resume agora em um conselho e o próprio Mark reforça que a perspectiva do padre não é decisiva, mas tem igual peso a da terapeuta que o recomendou buscar a substituta sexual.

Prosseguindo com o diálogo, ao perguntar sobre a seriedade da intenção de Mark, o padre obtém uma resposta incisiva quando o poeta diz “sexo é um assunto sério, afinal é bastante recorrente na Bíblia” (AS SESSÕES, 2012). Aqui há um segundo movimento de contra conduta quando O’Brien se apropria do conhecimento e da liturgia cristã para fundamentar sua decisão. O mesmo ocorre em outros momentos do filme quando ele diz considerar que Deus tem um senso de humor bem obscuro, por tê-lo criado a sua semelhança e o permitido continuar em vida na condição da paralisia.

É um discurso forte com deslocamentos triangulares de poder entre o sacerdote, o poeta e o divino. O primeiro na condição de interventor e mediador sobre as práticas e regulação das condutas, o segundo pelo movimento de contra condutas fundamentado pela sua trajetória, conhecimento e potência para governar a si mesmo e o último, pela caracterização do poder julgador e punitivo.

Tensionamentos aqui a triangulação do poder para reforçar a ideia de que o poder, em uma perspectiva foucaultiana, não é estanque ou detido em um determinado sujeito, mas algo que se desloca nas relações e se materializa em práticas discursivas e de condução. Para ilustrar esse deslocamento constante, ao final da segunda confissão Brendan assente que Mark deva levar seu plano adiante e informa “de coração, eu sinto que Ele fará vistas grossas para isso, vá em frente!”.

Em síntese, todo o diálogo provoca esses deslocamentos, começa pela lógica da confissão, do desabafo, do medo da penitência, faz emergir o discurso de contra conduta que permite

se conduzir e ao final retoma a lógica pastoral pela aprovação do padre e a oração de encerramento. Fica implícito que o julgamento e a norma divina não poderiam se aplicar da mesma forma em situações tão diferentes.

Por essa ideia, Mark abre caminhos para novos olhares sobre a prática da sexualidade não somente em um nível pessoal (*governo de si*), mas também como uma forma que permitirá um rompimento de rótulos e mudanças naqueles que o percebem como incapaz ou impedido (*governo dos outros*) forçando-se entre as assimetrias da sociedade e se estabelecendo enquanto sujeito que também se conduz.

3. Sexualidade e afetividade como formas de constituição humana

Partindo dessas reflexões, tencionamos ao longo desta seção voltar nossos olhares e reflexões para os diferentes modos de ser e experienciar as questões de sexualidade e afetividade partindo dessa noção de governo de si. Para isso, retomamos alguns trechos do filme e excertos do artigo de O'Brien à medida em que dialogamos sobre as diferentes perspectivas socialmente construídas que localizam as pessoas com deficiência em uma condição de anormalidade.

Pensando a noção de afetividade e sexualidade enquanto construto social, nos aproximamos dos estudos de Harlos (2012). Em suas reflexões no campo da Sociologia da Deficiência, o autor aponta que “com a substituição e/ou renovação daqueles que são eleitos como os que tem *saber-poder* para determinar o que é verdadeiro e o que não é, reconstroem-se os significados atribuídos às vivências/condições humanas” (p. 20). Logo, nos lançarmos neste campo implicaria em reconhecer a trajetória a que as pessoas com deficiência têm sido expostas e de que modo suas práticas discursivas são também representadas ao longo do filme.

A narrativa filmográfica mescla esses elementos vivenciados na vida real à poesia narrada, inclusive assumindo características de documentários ao utilizar cenas reais de Mark O'Brien se

deslocando até a universidade e encerra-se com a leitura de um dos seus poemas e uma homenagem póstuma ao poeta.

Um elemento sobre o qual comentamos brevemente na seção dois diz respeito ao dualismo vida e morte, em que passamos a observar como esses diferentes estados são carregadas de significados tão intensos e, por vezes, avessos. Para Mark, a morte não é vista como de fato algo ruim, mas oferece uma certa sensação de alívio como uma liberdade final e a vida assume uma posição contrária, como uma continuidade do seu calvário. Para ele, viver soa mais difícil do que morrer.

Em determinado momento, ocorreu uma queda de energia na casa e a bateria externa do seu pulmão de aço não estava carregada e o aparelho ficou desligado. O tempo de sobrevivência de Mark fora do aparelho é limitado em até 3 horas. A expectativa é que ele se desespere na iminência da morte, ao contrário disso ele permanece calmo, liga e cai na caixa postal de um de seus atendentes e acaba deixando a vareta que usa para discar cair no chão. Sem a possibilidade de pedir ajuda e sem qualquer garantia de que será socorrido a tempo, ele apenas diz com a tranquilidade de alguém que vai descansar “então é assim que tudo acaba”. Posteriormente ao acordar no hospital, ele é perguntado por uma das voluntárias se está aliviado por ter sido socorrido, a resposta é “não”, que está aliviado que o assistente tenha chegado a tempo, mas que sente pena de si mesmo.

Nesse sentido, observamos o cuidado com a afetividade ao longo da obra de Lewin, o modo como o diretor evidencia o peso das relações sociais no processo de constituição afetiva. O modo como Mark descreve o passeio no parque com Amanda, o namorado e um casal de amigos é expressivo e caloroso conforme descrito por ele mesmo no trecho transcrito abaixo:

Enquanto passeava por pessoas, ela não pôde me deixar ali deitado.
Chiclete mascado, grudado debaixo da existência.
Ela me levou a um piquenique uma vez com seu namorado e outro casal.

A luxúria crepitava no ar.

O que o namorado pensou? Que eu estava o atrapalhando?

Eu sempre atrapalho alguém, pensei com sol nos meus olhos (AS SESSÕES, 2012).

Ainda que a expressão de Mark seja de êxtase e tranquilidade pela presença de outros em um ambiente aberto e vívido, o discurso é melancólico, transitando entre descrever poeticamente suas sensações e lembrar as condições de isolamento e o modo como ele é percebido como um estorvo para os outros.

As sessões que ele experimenta no parque não são comuns. No cotidiano de Mark suas relações afetivas são marcadas por pessoas que atuam como seus assistentes, professores, cuidadores ou sacerdotes, diferentemente do contexto casual que Amanda o proporciona no passeio no parque.

Por afetividade entende-se aqui um “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza” (CODÓ; GAZZOTTI, 199, p. 48).

Em síntese, esses elementos constitutivos são constantemente marcados nas experiências de Mark, seja nas situações de rememoração ainda que carregadas de traumas e insucessos ou mesmo em momentos como no piquenique e durante as sessões.

Em se tratando da sexualidade, Oliveira (2016), ao indicar uma interseccionalidade nas discussões sobre ela e a deficiência, aponta o isolamento social que as pessoas com deficiência vivenciam como um dos principais fatores que inviabiliza vivências sociais, eróticas e sexuais. Além disso, o autor também comenta que essa prática, tão presente na vida dessas pessoas, acaba por produzir um desconhecimento sobre o próprio corpo, afetando sua autoestima, o que as coloca num contexto em que não se percebem enquanto seres afetivos e sexuais.

De maneira similar, podemos observar no filme a necessidade de Mark pela “respiração”, não só no sentido literal, mas com

metáfora para o exercício de viver, de anseio pelos seus interesses e curiosidade em explorar sua sexualidade, o que é expresso em um dos poemas publicados no artigo do *The Sun* em que O'Brien diz: "Enquanto os homens puderem respirar ou os olhos puderem ver, isso será vida, e isso dá a vida a você"⁵ (O'BRIEN, 1990).

Desse modo, o filme tensiona as múltiplas possibilidades de existência e manifestação da sexualidade de Mark e os inúmeros encontros que foram produzidos pelo movimento que esse desejo lhe proporcionou. Isso acontece, segundo Centeno Ortiz (2014, *apud* OLIVEIRA, 2016) para:

[...] ampliar o entendimento sobre as fronteiras e limites para a vida e as práticas sexuais pode fazer com que as pessoas com deficiência possam se sentir sexualizadas e erotizadas sem necessariamente se enquadrar em qualquer modelo idealizado, heteronormativo, falocêntrico, coitocêntrico ou patriarcal (p. 131).

Para além disso, compreender a deficiência enquanto construção social que se ancora, a priori, em determinados modelos representa um passo inicial que pode ceder lugar a novas perspectivas que se distanciam de uma lógica estritamente biológica e se aproxima de uma modelo de percepção social.

O modelo social de compreensão da deficiência, ao deslocar as análises, leituras e entendimentos pelas tramas da vida social e da realidade histórica circundante, oferece, indiscutivelmente, possibilidades reais para que possam exercer suas potencialidades e rotinas, ocupando papéis que lhes caberia exercer e que lhes é de direito, sendo a sexualidade e o sexo universos dos quais não se pode prescindir (FRANÇA-RIBEIRO, 2001, p. 13).

Todavia, essas manifestações não se baseiam somente nos desejos silenciados, mas também nos medos e anseios que rodeiam

⁵ Em tradução nossa do original: As long as men can breathe or eyes can see, So long lives this, and this gives life to thee.

as pessoas com deficiência e sobre seus próprios corpos. Assim como os diversos traumas provocavam uma enorme ansiedade em Mark nos momentos de se relacionar com o outro ou consigo mesmo, Goffman (1988) aponta como esses processos acabam por trazer à tona um “autoisolamento” por parte dessas pessoas, tornando-se desconfiadas, deprimidas, hostis, ansiosas e confusas. E como essa insegurança consigo mesmo e no contato com o outro se situa em fontes que a própria pessoa não consegue determinar.

Goffman comenta, ainda, sobre o quão prejudicial e fatal isso se torna para o entendimento do “eu”, “[...] na medida em que este não consegue disfarçar ou afastar uma formulação definida que diz 'Eu sou inferior, portanto as pessoas não gostarão de mim e eu não poderei sentir-me seguro com elas'." (1988, p. 15).

Isso acaba por colocar a pessoa com deficiência em situações em que elas muitas vezes se sentem incapazes de sair, pois suas histórias e contextos acabam por produzir barreiras que as impedem de se perceber enquanto potentes de existirem afetiva e sexualmente. Desse modo, para além de apenas um desejo, torna-se necessário repensar e modificar o entorno em que essa pessoa vive, para que, caso seja da vontade dela, ela possa vivenciar e experienciar sua sexualidade de múltiplas maneiras, sem se sentir insegura sobre isso.

Nas palavras de Mark, ouvir os relatos de outras pessoas com deficiência e de seus desejos o fez se perceber em um processo ainda desconhecido por ele do qual, nas palavras dele “não houve escapatória, uma porta que eu não podia fechar se abria... e, em tinta invisível, dizia: não entre.” (AS SESSÕES, 2012). O “não entre” invisível mencionado por ele constitui uma metáfora para seus traumas e amarras sociais, mas que a esta altura não lhe permitiam mais manter a situação de conformidade.

A partir disso, foi possível para o poeta passar por experiências que possibilitaram configurar uma relação outra com o próprio corpo e com o corpo do outro, principalmente com o auxílio da *substitutata sexual*.

Sobre ela, O'Brien esclarece em seu artigo o modo como esses profissionais se organizam no contexto americano, recortamos aqui para ajudar na compreensão problematizada anteriormente pelo padre em relação entre a diferença entre os profissionais substitutos sexuais e os profissionais do sexo.

Os substitutos não aparentavam carregar os estereótipos comuns das prostitutas: sem maquiagem pesada nem jeans apertados. As prostitutas mulheres eram enfermeiras credenciadas e mestres em serviço social. Já os homens, mostravam-se confortáveis em roupas sociais e atendiam clientes gays e bissexuais. Eles enfatizavam lidar, principalmente com clientes com problemas de imagem pessoal e falta de autoestima e não exclusivamente com o sexo. Eram formados em psicologia a fisiologia do sexo de modo a serem capazes de auxiliar pessoas com sérias disfunções sexuais. Não eram contratados diretamente, mas intermediados por uma terapeuta do cliente. Cientes de que as pessoas poderiam se apaixonar por eles, estabeleciam um limite entre 6 e 8 sessões de atendimento. Mantinham uma relação profissional focada em disfunções sexuais específicas. Não se interessavam apenas em proporcionar prazer, mas destacar mudanças necessárias. (O'BRIEN, 1990)⁶

A descrição do serviço é detalhada no artigo de O'Brien, mas os detalhes não são exibidos no filme, o que pode deixar o

⁶ Tradução nossa do original: The surrogates did not look like my stereotypes of hookers: no heavy make-up, no spray-on jeans. The female surrogate was a registered nurse with a master's in social work. The male surrogate, looking comfortable in his business suit, worked with gay and bisexual men. The surrogates emphasized that they deal mostly with a client's poor self-image and lack of self-esteem, not just the act of sex itself. Surrogates are trained in the psychology and physiology of sex so they can help people resolve serious sexual difficulties. They aren't hired directly, but through a client's therapist. Well aware of the likelihood that a client could fall in love with them, they set a limit of six to eight sessions. They maintain a professional relationship by addressing a specific sexual dysfunction; they aren't interested in just providing pleasure, but in bringing about needed changes (O'BRIEN, 1990).

telespectador desavisado confuso sobre a distinção desses profissionais em relação aos prostitutas.

O modo de contratação, a formação necessária e os pressupostos “éticos” estabelecidos com foco no tratamento psicoterápico, de fato, atenderia as necessidades de Mark. Para que ele conseguisse de fato experimentar o prazer, não bastaria uma profissional do sexo, era necessário alguém que o instrísse em relação ao próprio corpo e das possibilidades de explorar o prazer consigo mesmo e com o outro dentro das suas especificidades.

Um elemento narrativo visual interessante é o modo como a nudez é retratada no filme, provocando no telespectador uma atmosfera também psicoterápica à medida em que as sessões acontecem. A atriz Helen Hunt, que interpreta Cheryl, a substituta sexual, mostra-se confortável com a nudez e dialoga com o intérprete de Mark de forma quase didática, com foco gradativo nos problemas que precisam resolver.

Os procedimentos e os limites são sempre explicados e tudo ocorre de forma consensual. Reforçando a formação terapêutica, Cheryl toma nota das sessões e reorganiza as estratégias. Falhar durante o sexo ou não atingir um objetivo faz parte do processo e não tem um caráter de avaliação ou punitivo. Observe nos trechos transcritos abaixo o registro de uma tomada de notas pela Cheryl e o recorte da conversa entre Mark e o padre Brendan após a última sessão que tiveram juntos.

Cheryl: Lembra-se da respiração? Concentre-se em expirar mais que inspirar... (Mark conseguiu uma ereção... Assim que coloquei a boca nele. Ele controlou a respiração como sugeri) [...]

Mark: Ela colocou as mãos na cama atrás de meus ombros... e beijou meu tórax. Esse ato de afeição me comoveu tão profundamente... que quase chorei. Ninguém nunca tinha feito aquilo.” (AS SESSÕES, 2012).

Vale notar que a lógica confessional é mantida também das duas formas. O que Cheryl grava permanece em sigilo para análise, tal qual ocorre com o sacerdote ao ouvir a confissão, o que

demonstra coesão na direção do filme ao manter uma lógica metafórica do início ao fim.

Por fim, é possível perceber outras práticas que destoam da normatividade cristã. Ainda que Amanda e Cheryl estejam em relacionamentos, a primeira com um namorado e a segunda casada, ambas acabam se envolvendo com Mark de algum modo.

Em um outro movimento de contraconduta e desprendido das amarras que estigmatizam os corpos com deficiência, é possível vislumbrar formas possíveis de sexualidade e afetividade seja como fenômenos dissociados ou interrelacionados, ou seja, em desafio a normatividade emergem formas outras de relação: relação sexual prazerosa explorando o próprio corpo e o corpo do outro; relação sexual prazerosa alinhada com a afetividade e o romance e; relação afetiva puramente.

4. Gestando considerações

Ao longo de nossas reflexões, buscamos analisar formas outras possíveis de experienciar a sexualidade e a afetividade partindo de uma análise do filme *As sessões*. Para isso, nos aproximamos de uma perspectiva foucaultiana valendo-nos da confissão e do governo de si como lentes de análise entrelaçando o filme e o artigo publicado por Mark O'Brien.

Assim, observamos que o encontro de Mark com a materialização de seus desejos afetivos e sexuais o possibilitou produzir e descobrir maneiras criativas de se perceber e existir no mundo, mesmo que esse processo tenha se iniciado de maneira difusa em diversas experiências anteriores que o poeta teve e que se projetou ramificadamente nas futuras vivências que ele poderia ter consigo e com os outros.

É preciso ressaltar que as discussões sobre o filme são ainda potentes e não se esgotam aqui. Justamente por isso optamos, retomando a ideia de cuidado com as palavras, por nomear essa sessão como “gestando considerações” ao invés de considerações finais. Questões como a monogamia, o adultério, a perspectiva

cristã enquanto operador de normalidades e subjetividades merecem um olhar atento em futuros trabalhos.

Entendemos que as rotulações, estigmas e amarras construídas socialmente a partir de determinados padrões hegemônicos podem e devem ser superadas por meio de reflexões e diálogos entre os pares, trazendo em evidência as histórias das próprias pessoas com deficiência, constituindo processos formativos entrelaçando afetividade e sexualidade que perpassam a existência humana e as relações sociais.

Referências

AS SESSÕES. Direção: Ben Lewin. Estados Unidos da América. Fox Search light picture, 2012. (95min).

CODO, W. GAZZOTTI, A, A. Trabalho e Afetividade. In: CODO, W. (coord.) Educação, Carinho e Trabalho. Petrópolis-RJ:Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits* (1954-1988). Paris: Gallimard, 2001. 2 v.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FRANÇA RIBEIRO, H. C. **Sexualidade e os portadores de deficiência mental**. Rev. Bras.

Ed. Esp., Marília, v. 7, n. 2, p. 11-28, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. 1988.

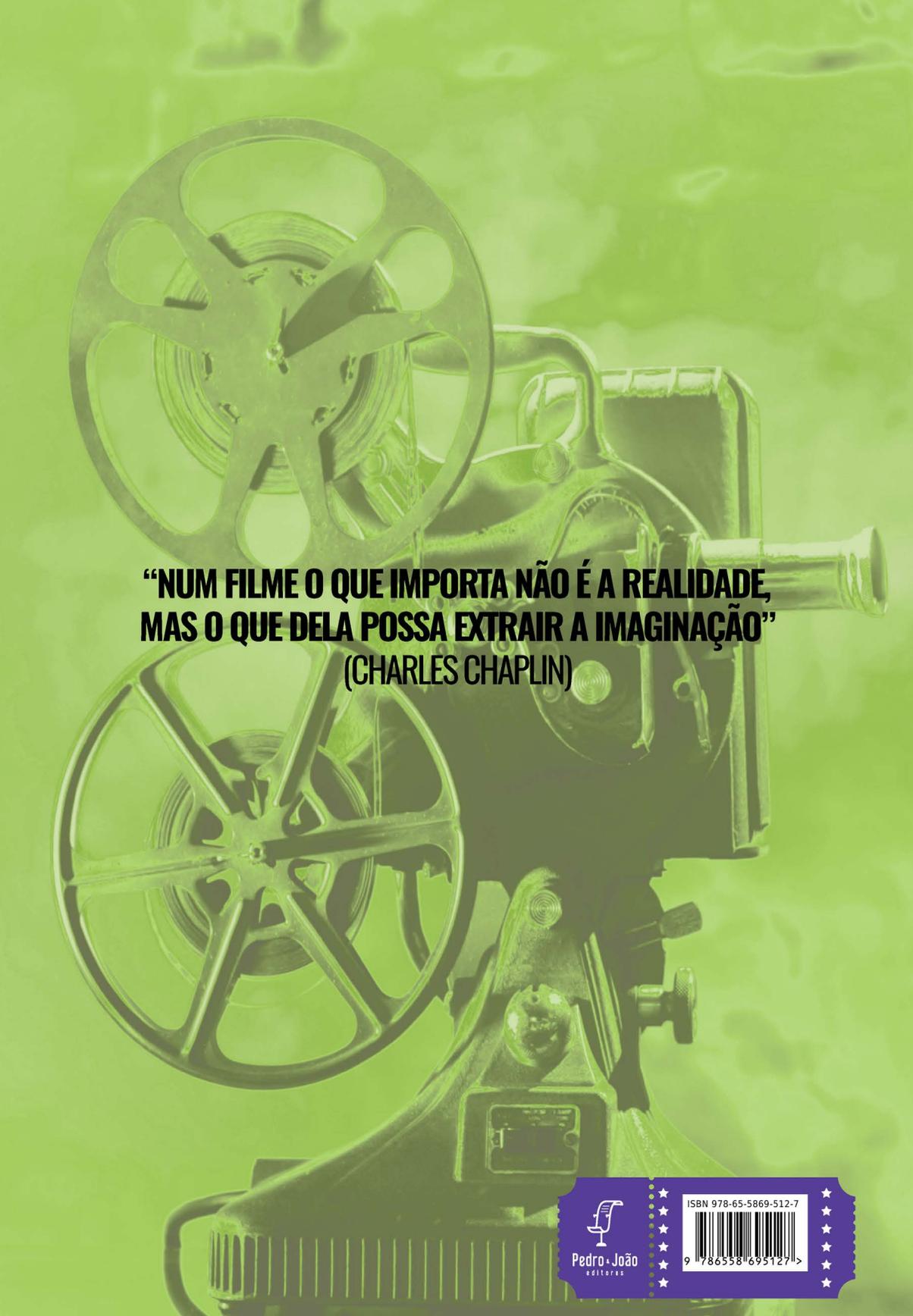
HARLOS, Franco Ezequiel. **Sociologia da deficiência: vozes por significados e práticas (mais) inclusivas**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, p. 200. 2012.

O'BRIEN, Mark. On Seeing a sex surrogat. **The Sun**, Londres, Reino Unido, maio de 1990. Disponível em: <https://www.thesunmagazine.org/issues/174/on-seeing-a-sex-surrogate>.

OLIVEIRA, Everton Luiz de. **“Pô, tô vivo, véio!”**: histórias de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, p. 174. 2016.

OMOTE, Sadao. **Deficiência e não deficiência**: recortes de um mesmo tecido. Marília: Revista Brasileira de Educação Especial, v.1, n.2, 1994.

SILVA, Valdson Carreiro. **A confissão como fio condutor**: da sujeição à subjetivação no pensamento de Michel Foucault. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná - UFPR. Curitiba. 2014.



**“NUM FILME O QUE IMPORTA NÃO É A REALIDADE,
MAS O QUE DELA POSSA EXTRAIR A IMAGINAÇÃO”
(CHARLES CHAPLIN)**



Pedro & João
editores

ISBN 978-65-5869-512-7



9 786558 695127 >